CAPÍTULO X
VIGÉSIMO ANO
1990-91

Conselho Diretivo
Conselho de alunos
Inscrições – estatísticas
Atividades escolares
Cursos extracurriculares 1989-90
Bispo do Funchal e Magusto
Dois embaixadores na EPER
Formação para formadores
Vinte anos | Comemorações – previsão
Especial 20 anos | Antigos alunos | Testemunhos de alunos
Dia da Árvore | comemorativa do aniversário
Encontro do Embaixador com a EPER
ICALP 148 obras à Biblioteca EPER
Despedida do Cônsul de Portugal
Duas comemorações
Exposição de Arte africana
Visita de estudo a Nápoles
Encerramento do ano
Estatísticas e gráficos decenais
Instabilidade do corpo docente
Resultados
Contabilidade 1990-91 – "Breve" relatório
Caritas Diocesana de Roma
Serviço de exames 1990/91: júris e custos
Novo conselho diretivo – novo estilo de liderança
Preocupações do ministro da Educação de Cabo Verde
Uniformizar a escrita da língua: uma ***vexata quaestio***
Uma biblioteca de impressos próprios
Uma audiocassette
Ensino Primário e Básico Infantil (aulas de manhã)

«Na hora da despedida da Cidade Eterna gostaria de dizer uma palavra de apreço e de saudade pela amizade, correção e dedicação que sempre pautaram as nossas relações. Aproveito ainda para desejar as maiores felicidades e êxitos a nível escolar. Levo o exemplo de um trabalho extremamente sério e dedicado por parte dos professores e aplicado por parte dos alunos por mim testemunhado desde há mais de nove anos. Com muita amizade.»

Testemunho Dr. José Pessanha Viegas,
Cônsul de Portugal em Roma
20 de abril de 1991.

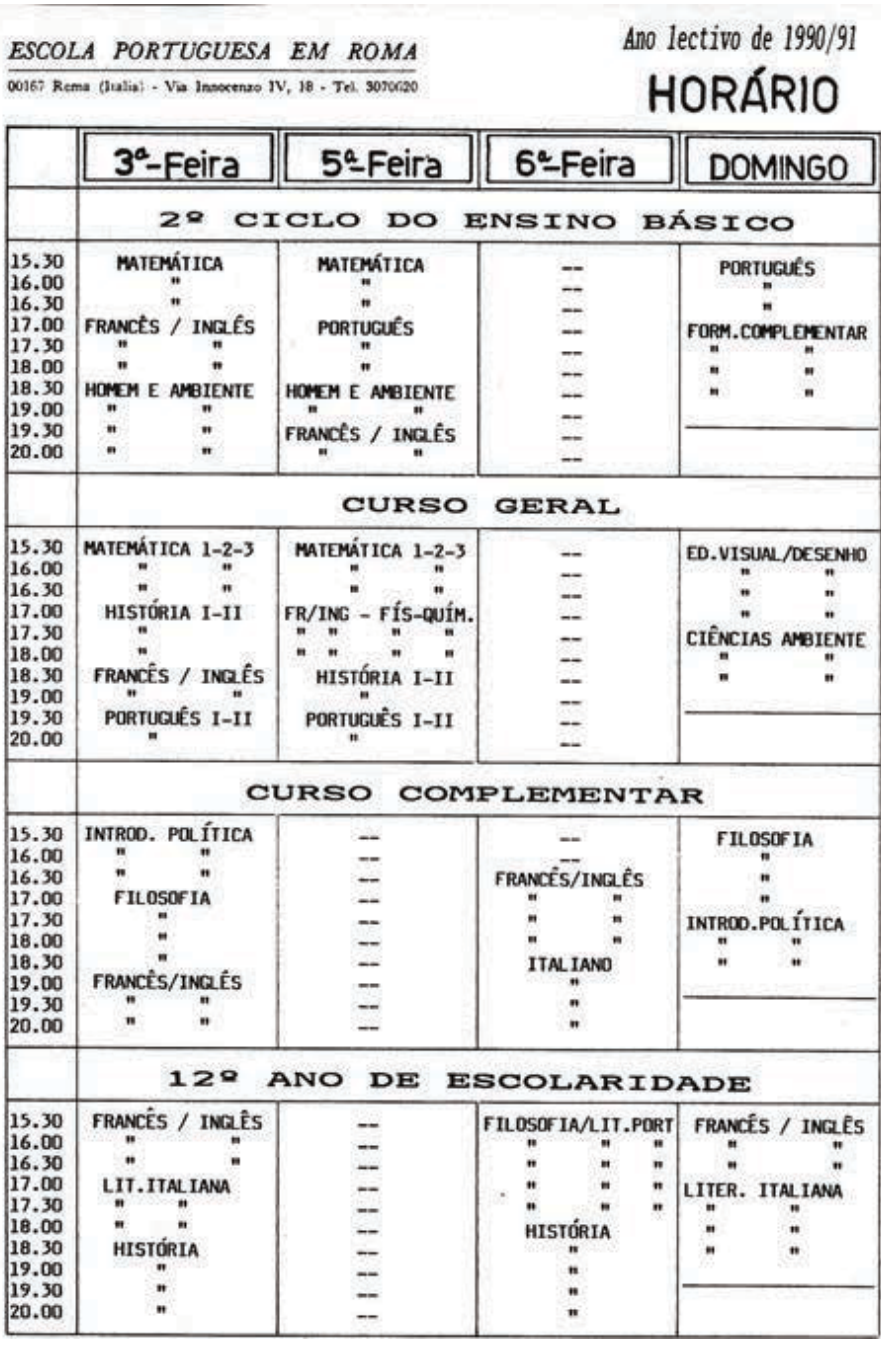
Aparente estabilidade e normalidade

Como se observou no início do capítulo anterior, não abunda, bem pelo contrário, a documentação conservada sobre a vida da Escola na última meia dúzia de anos da sua atividade didática. A principal razão tem a ver com a nova situação de (aparente) estabilidade e normalidade de funcionamento, em instalações condignas, em que a Escola passou a encontrar-se e no *apaziguamento* e *normalidade* encontradas nas relações com as autoridades, sem necessidade de pugnar pelos seus direitos, por vezes de forma *conflituosa* e, obviamente, em posição de objetiva *inferioridade*. A *proteção* do Centro da Caritas italiana ao abrigo da qual passou a funcionar era muito diversa da que usufruira no Instituto Português de Santo António, dispensando aquela frequente troca de correspondência destinada a esclarecer situações ou a solicitar resposta às necessidades que regularmente ocorriam numa situação sempre precária e desafiadora. Estas eram recordações ainda vivas – sempre vivas – mas pertenciam ao passado!

Além disso, em sintonia com os *novos tempos* que se perspetivavam no horizonte e eram já traduzidos em prática pela Escola, o telefone (veja-se o valor das despesas derivadas da sua utilização) simplificava e acelerava a resolução de questões que antes eram *tratadas* por correspondência, através de ofícios que requeriam tempo e reflexão para a sua elaboração... Por outro lado, a nova sede dava-lhe uma espécie de segurança despreocupada, como se as instalações disponibilizadas pela Caritas lhe *pertencessem* e delas pudesse usufruir sem outros encargos senão o respeito pelas normas de funcionamento dos utentes daquela estrutura.

ão era bem assim... Mas, sem mais preâmbulos, não havendo questões dignas de nota, comecemos por reproduzir os documentos relativos ao horário, ao funcionamento da Secretaria e à composição do corpo docente ativo nesse ano. Os documentos originais mantêm ainda hoje uma «vivacidade» que não deixam de suscitar uma espécie de fascínio e vontade... de retomar o trabalho, como se nada tivesse acontecido, como aquele professor que, depois de muitos anos de cadeia, reencontra os seus alunos e lhes pergunta: «Onde tínhamos ficado?».

*** *** ***



ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA
00167 Roma (Italia) - Via Innocenzo IV, 18 - Tel. 3070020

Ano lectivo de 1990/91

HORÁRIO

	3ª-Feira	5ª-Feira	6ª-Feira	DOMINGO
	2º CICLO DO ENSINO BÁSICO			
15.30	MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	--	PORTUGUÊS
16.00	"	"	--	"
16.30	"	"	--	"
17.00	FRANCÊS / INGLÊS	PORTUGUÊS	--	FORM.COMPLEMENTAR
17.30	" "	"	--	" "
18.00	" "	"	--	" "
18.30	HOMEM E AMBIENTE	HOMEM E AMBIENTE	--	" "
19.00	" "	" "	--	
19.30	" "	FRANCÊS / INGLÊS	--	
20.00	" "	" "	--	
	CURSO GERAL			
15.30	MATEMÁTICA 1-2-3	MATEMÁTICA 1-2-3	--	ED.VISUAL/DESENHO
16.00	" "	" "	--	" "
16.30	" "	" "	--	" "
17.00	HISTÓRIA I-II	FR/ING - FÍS-QUÍM.	--	" "
17.30	"	" " " "	--	CIÊNCIAS AMBIENTE
18.00	"	" " " "	--	" "
18.30	FRANCÊS / INGLÊS	HISTÓRIA I-II	--	" "
19.00	" "	"	--	
19.30	PORTUGUÊS I-II	PORTUGUÊS I-II	--	
20.00	"	"	--	
	CURSO COMPLEMENTAR			
15.30	INTROD. POLÍTICA	--	--	FILOSOFIA
16.00	" "	--	--	"
16.30	" "	--	FRANCÊS/INGLÊS	"
17.00	FILOSOFIA	--	" "	"
17.30	"	--	" "	INTROD.POLÍTICA
18.00	"	--	" "	" "
18.30	"	--	ITALIANO	" "
19.00	FRANCÊS/INGLÊS	--	"	
19.30	" "	--	"	
20.00	" "	--	"	
	12º ANO DE ESCOLARIDADE			
15.30	FRANCÊS / INGLÊS	--	FILOSOFIA/LIT.PORT	FRANCÊS / INGLÊS
16.00	" "	--	" " "	" "
16.30	" "	--	" " "	" "
17.00	LIT.ITALIANA	--	" " "	LITER. ITALIANA
17.30	" "	--	" " "	" "
18.00	" "	--	HISTÓRIA	" "
18.30	HISTÓRIA	--	"	" "
19.00	"	--	"	
19.30	"	--	"	
20.00	"	--	"	

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA — Ano lectivo de 1990/91

00167 Roma (Italia) - Via Innocenzo IV, 18 - Tel. 3070620

CIRCULAR Nº 4

LISTA DOS PROFESSORES

		NACION.	DATA NASCIMENTO	TELEFONE
ENSINO BÁSICO INFANTIL				
COORDENADORA:	**ISABEL** de Carvalho Correia **MINERVINI**	P/I	19.11.45	6228833
MATEMÁTICA:	**ISABEL** Maria Olivença **SANTOS**	P	26.06.58	8276328
PORTUGUÊS:	**LEONOR** Dias **NUNES**	P	09.01.51	6884082
MEIO FÍSICO/HIST.:	**MANUEL** Oliveira **CARREIRA**	P	02.12.58	--
INGLÊS (5-6º anos)	Maria **CÂNDIDA ALVES** da Costa	P	11.12.55	6280291
ED.VISUAL/DESENHO:	**CATARINA** Maria Torres Cruz	MOÇ	31.07.64	6542568
ENSINO BÁSICO DE ADULTOS				
COORDENADOR:	**JOSÉ MARIA PACHECO** Gonçalves	P	31.10.44	5576070
PORTUGUÊS:	**LEONOR** Dias **NUNES**	P	09.01.51	6884082
	JOSÉ Manuel **NAVE** da Silva	P		877187
MATEMÁTICA:	**RUFINA** Marques da Fonseca	P	21.02.48	7884580
	AMÉRICO Moreira Saraiva	P	04.04.70	4815249
CULTURA:	Maria **FILOMENA LÉLIS**	CV	22.09.58	5014482
2º CICLO DO ENSINO BÁSICO				
COORDENADOR:	**JOSÉ MANUEL** Pereira de Almeida	P	30.11.52	6381257
PORTUGUÊS:	**MANUEL** Oliveira Carreira	P	02.12.58	--
FRANCÊS:	Maria **ODETE MARTINS**	P	01.11.49	6620641
INGLÊS:	**CAROLINA** Maria Ramos Pimentel	CV	23.03.56	3008928
O HOMEM/O AMBIENTE:	**PEDRO** Fernandes **COUTINHO**	P	18.05.61	6638825
	MANUEL Oliveira **CARREIRA**	P	02.12.58	--
MATEMÁTICA:	**GIORGIO** Olivieri	P/I	23.12.58	4814820
APOIO FORM.COMPLEM.:	Maria **CARLOTA** Proença de **ALMEIDA**	P	30.01.65	6548525
CURSO GERAL LICEAL				
COORDENADORA:	**ISABEL** de Carvalho Correia **MINERVINI**	P/I	19.11.45	6228833
PORTUGUÊS I:	**JOSÉ CARLOS** de Miranda	P	03.06.61	6795131
PORTUGUÊS II:	**JOSÉ ANASTACIO** de Gouveia Alves	P	07.05.63	6381257
FRANCÊS I:	**JEAN-PAUL** Mukonkole	ZAIRE	23.05.60	6795131
FRANCÊS II:	**NUNO BRÁS** da Silva Martins	P	12.05.63	6381257
INGLÊS I:	Maria **CANDIDA** Alves da Costa	P	11.12.55	6280291
INGLÊS II:	**FERNANDO** Bernardo de Pinho	P	05.08.49	6963125
HISTÓRIA I:	**JOÃO** de Deus **COSTA**	P	09.12.58	6638825
HISTÓRIA II:	**ISABEL** de Carvalho Correia **MINERVINI**	P/I	19.11.45	6228833
C. do AMBIENTE:	**PEDRO** Fernandes **COUTINHO**	P	18.05.61	6638825
MATEMÁTICA I:	**UGO** Carlo **OLIVIERI**	P/I	13.06.64	4814820
MATEMÁTICA II:	**JOSÉ MARIA** Ruas **MURTEIRA**	P	23.05.58	6795131
MATEMÁTICA III:	Maria **MANUELA** Oliveira Tapada **BORGES**	P	23.02.45	6541778
FÍSICA E QUÍMICA:	Maria **MANUELA** Oliveira Tapada **BORGES**	P	23.02.45	6541778
ED.VISUAL/DESENHO:	Maria **CARLOTA** Proença de **ALMEIDA**	P	30.01.65	6548525
CURSO COMPLEMENTAR DO LICEU				
COORDENADOR:	**NUNO** da Silva **GONÇALVES**	P	16.07.58	6795131
FILOSOFIA:	**JOSÉ MANUEL** Martins **LOPES**	P	04.09.58	6795131
INTROD.à POLÍTICA:	**SÉRGIO** Rodrigues **DIZ** da Silva **NUNES**	P	26.11.61	6795131
FRANCÊS:	Maria **ODETE MARTINS**	P	01.11.49	6620641
INGLÊS:	**FERNANDO** Bernardo de Pinho	P	05.08.49	6983094
ITALIANO:	**RAFFAELLA** Lion	I	21.02.65	5579239
12º ANO DE ESCOLARIDADE				
COORDENADOR:	**NUNO** da Silva **GONÇALVES**	P	16.07.58	6795131
FILOSOFIA:	**NUNO** da Silva **GONÇALVES**	P	16.07.58	6795131
HISTÓRIA:	**ISABEL** de Carvalho Correia **MINERVINI**	P/I	19.11.45	6228833
LITER. PORTUGUESA:	**HENRIQUE** de Almeida Chaves	P	11.05.61	6867061
LITER. FRANCESA:	Maria **ODETE MARTINS**	P	01.11.49	6620641
LITER. INGLESA:	**SEBASTIAN** Tudu	IND	15.09.56	6795131
LITER. ITALIANA:	**RAFFAELLA** Lion	I	21.02.65	5579239
COORDENADOR ACTIVIDADES FORMATIVAS EXTRA-CURRICULARES:				
	Gian **MARIO** Mafioletti	I	04.03.53	5809764

****

*** *** ***

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

00167 Roma (Italia) - Via Innocenzo IV, 18 - Tel. 3070620

CIRCULAR Nº 6

ANO LECTIVO DE 1990/91

SERVIÇO DE SECRETARIA-BIBLIOTECA

HORÁRIO	TERÇA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	DOMINGO
15.30	Fernando Pinho	Manuel Carreira	--	PRESENÇA
16.00	" "	" "	--	ROTATIVA
16.30	" "	" "	--	DE UM DOS
17.00	" "		Isabel Minervini	MEMBROS DO
17.30	" "	--	" "	CONSELHO
18.00	" "	--		DIRECTIVO
18.30	" "	--	--	
19.00	" "	--	--	
19.30	" "	Manuel Carreira	--	
20.00	" "	" "	Isabel Minervini	

A Secretaria é o CENTRO DE COORDENAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO de toda a actividade escolar. E' o lugar onde os Alunos são informados sobre a sua situação escolar, fornecendo ao mesmotempo informações sobre as dificuldades e problemas encontrados no processo de aprendizagem, pedem certificados, recebem os livros, pagam as propinas, requerem autorizações, etc. Ali os Professores e os Delegados de Turma têmn a sua CAIXA DO CORREIO para toda a forma de correspondência e avisos, convocatórias de reuniões, recados, etc.

Na Secretaria, os Professores recebem o material de apoio didáctico existente na Escola (mapas, vídeo, gravadores, discos, diapositivos, retroprojectores, microscópio, etc.), consultam e actualizam as informações sobre os Alunos, entregando os resultados da avaliação contínua a serem registados nas respectivas FICHAS. E' na Secretaria que devem ser antecipadamente entregues pelos Professores os originais de todo o material a ser fotocopiado.

Quanto à BIBLIOTECA, Professores e Alunos podem e devem requisitar os livros que não possam ser directamente consultados na Sala de Leitura: o empréstimo ficará devidamente registado, incluindo a data prevista para a sua restituição.

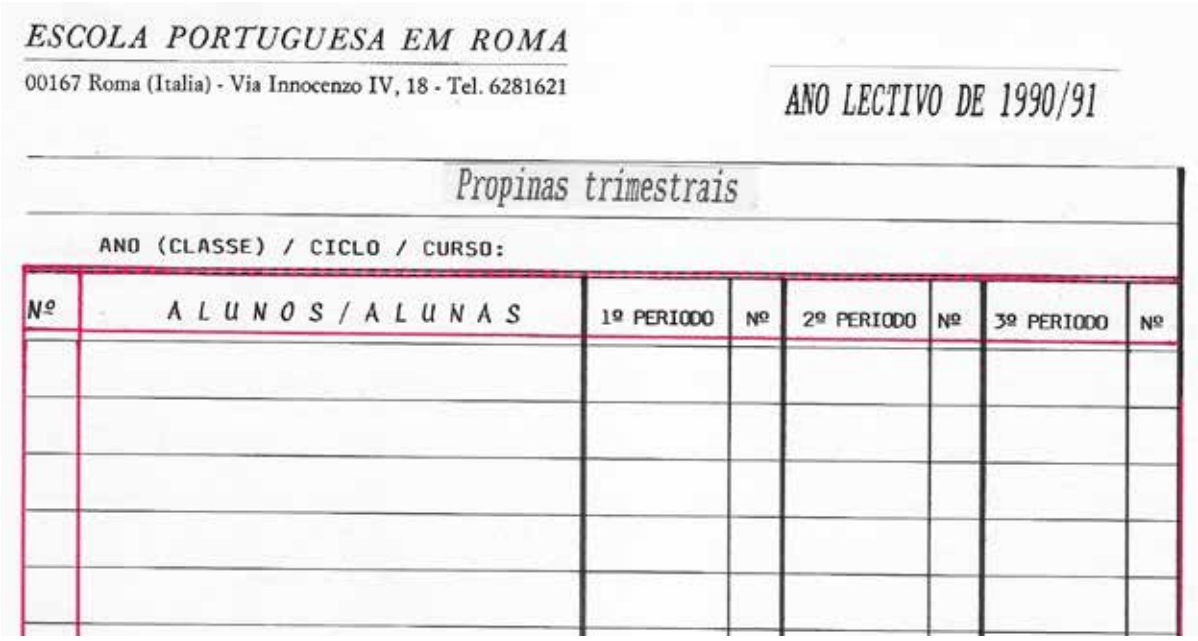
Os Alunos podem adquirir na Secretaria o CARTÃO DE ESTUDANTE, que é indispensável para ter acesso ao empréstimo dos livros da Biblioteca, e dá direito ao "passe" de estudante para os transportes públicos na Cidade. O cartão é concedido mediante o depósito de 25.000 liras.

Todos os dias de manhã, das 09.00 às 13.00 horas, a Coordenadora do Ensino Normal Infantil Diurno garante também o serviço de Secretaria para toda a Escola.

O CONSELHO DIRECTIVO

Propinas

Uma «novidade» que se introduziu apenas nesse ano, com caráter obrigatório, foi o pagamento de propinas trimestrais. Para isso, elaborou-se uma tabela para o respetivo registo, cuja matriz original era esta.



ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

00167 Roma (Italia) - Via Innocenzo IV, 18 - Tel. 6281621

ANO LECTIVO DE 1990/91

Propinas trimestrais

ANO (CLASSE) / CICLO / CURSO:

Nº	ALUNOS / ALUNAS	1º PERIODO	Nº	2º PERIODO	Nº	3º PERIODO	Nº

Conselho Diretivo / coordenação pedagógica

O Conselho Diretivo da Escola neste ano foi eleito na Assembleia-Geral de Professores de 16 de junho de 1990, e era constituído pelos seguintes professores:

- Fernando Bernardo de Pinho, Presidente, Diretor da Escola;
- Isabel Carvalho Correia Minervini, Vice-Presidente, Coordenadora pedagógica;
- Nuno da Silva Gonçalves, Secretário, Coordenador pedagógico;
- José Maria Pacheco Gonçalves, Vogal, Coordenador pedagógico;
- José Manuel Pereira de Almeida, Coordenador pedagógico;
- Maria Odete Martins, Vogal;
- Manuel de Oliveira Carreira, Vogal.

Mais concretamente, o trabalho de orientação e coordenação pedagógica esteve no ano letivo de 1990/91 a cargo dos seguintes professores:

- **Isabel de Carvalho Correia Minervini**, para o **Ensino Básico Infantil** (aulas diárias, de manhã) e **Curso Geral**: era também vice-presidente do Conselho Diretivo e professora de História, no Curso Geral e no 12º ano;
- **José Maria Pacheco Gonçalves**, para o **1º Ciclo** (Alfabetização de Adultos);
- **José Manuel Pereira de Almeida**, professor dos cursos extracurriculares de Português, responsável também pela coordenação do **2º Ciclo;**
- Finalmente, **Nuno da Silva Gonçalves**, Secretário do Conselho Diretivo e professor de Filosofia no 12º ano de escolaridade, encarregou-se de coordenar o **Curso Complementar** e o **12º Ano.**

A coordenação das **atividades** formativas e recreativas de enriquecimento extracurricular estiveram mais uma vez a cargo de Gian Mario Mafioletti, padre scalabriniano, em colaboração com os voluntários do Centro Caritas, onde tinham passado a funcionar todas as atividades aos domingos e, em articulação com os colaboradores tradicionais – especialmente as Cooperadoras da Família – para o Magusto, as festas e a parte especificamente de caráter *religioso*.

Além de participarem ativamente em todo o trabalho de programação e coordenação das diferentes atividades gerais da vida escolar, os Coordenadores Pedagógicos garantiam uma presença-intervenção junto dos professores, em atitude de diálogo, de forma a contribuir para a melhor solução de todos os problemas relacionados com o processo global de ensino/aprendizagem, acompanhando de perto esse processo, tendo em vista a sua melhoria geral e eficácia.

Competia-lhes garantir que a avaliação dos alunos – por disciplinas e por níveis de ensino, individualmente e por turmas – se processasse de maneira o mais objetiva, uniforme e regular possível, visando superar as dificuldades encontradas pelos alunos e pelos professores.

Competia-lhes ainda, nos termos do §6 do Art. 6º do Estatuto da Escola – voltamos a recordá-lo aqui –, *convocar as reuniões de professores por níveis de ensino, tomar iniciativas para promover e assegurar a melhor coordenação pedagógica e participar ativamente na vida da Escola, colaborando com os restantes membros do Conselho Diretivo.* Todos os professores e alunos eram convidados a *colaborar com os Coordenadores, facilitando-lhes o cumprimento das tarefas, de forma a tornar a sua ação num serviço não só indispensável e profícuo para a Escola, mas também agradável e gratificante para todos.*

CONSELHO DE ALUNOS

Em reuniões efetuadas durante o mês de novembro foram eleitos os representantes dos alunos (Delegados de Turma), que formavam o seguinte CONSELHO DE ALUNOS:

1º Ciclo do Ensino Básico	1º ano:	Maria da Conceição Soares	8554479
	2º ano:	Maria de Fátima da Cruz Soares	3279353
	3º ano:	Pedro Manuel Soares Reis	327751
	4º ano:	Juliana de Freitas Correia	3311866
2º Ciclo do Ensino Básico:		Madalena Martins Antunes	3701082
		Maria Eugénia Vieira M. Silva	3314377
Curso Geral liceal (7°-9º anos):		Franklim Tavares Semedo Silva	(630615)
		Rute Neves Fortes	5740038
Curso Complementar / 12.º Ano:		Maria de Jesus da Cruz Pereira	6620641
		Idalina Maria Soares	3202829
		Maria da Graça Santos Fevereiro	6963125

DADOS ESTATÍSTICOS SOBRE AS INSCRIÇÕES

NACIONALIDADES → / ALUNOS POR NÍVEIS DE ENSINO ↓		**Portugueses**	**Caboverdianos**	**Angolanos**	**Restantes ***	**T O T A L**
ENSINO DIURNO:	1º-4º anos	–	–	8	–	**8**
	5º ano	–	–	4	–	**4**
ALFABETIZAÇÃO ADULTOS:	1º ano	–	6	–	–	**6**
	2º ano	–	11	–	–	**11**
	3º ano	1	4	–	–	**5**
	4º ano	1	7	–	1	**9**
2º CICLO ENSINO BÁSICO		9	18	1	1	**29**
CURSO GERAL LICEAL		19	24	9	3	**55**
CURSO COMPLEMENTAR LICEAL		10	11	3	2	**26**
12º ANO DE ESCOLARIDADE		8	4	2	2	**16**
TOTAL		**48**	**85**	**27**	**9**	**169**
PERCENTAGEM		28,4%	50,2%	16,0%	5,3%	99,9%

* 4 moçambicanos, 4 brasileiros, 1 guineense.

Outros 51 alunos estiveram matriculados na Escola em 1990-91, frequentando os cursos extracurriculares de

- **Inglês** (várias nacionalidades, sobretudo italianos) – 13 no primeiro nível e 11 no segundo;
- **Italiano** – 8 portugueses, 2 brasileiros, 2 cabo-verdianos (12); e
- **Português** – 5 no primeiro nível; 6 no segundo e 4 no terceiro (15, todos italianos).

Estes cursos, extracurriculares, de línguas funcionavam duas vezes por semana (às quartas e sextas-feiras), exceto o de Italiano, que era "dado" apenas aos domingos (2 horas).

O número total de Alunos que frequentaram os cursos do curriculum completo português (169) e dos cursos extracurriculares (51), totalizava, portanto as 220 unidades (considerando apenas as inscrições efetuadas até 31 de outubro de 1990). Já se falou destes cursos, organizados pela primeira vez no ano anterior (ver *Cap. IX,* p. 949).

Calendário das atividades escolares e extracurriculares

1990

Quarta, 3/10: Início do ano letivo para o Ensino Diurno Infantil (até ao 6º ano)
Domingo, 7/10: Inauguração do Ano Letivo para os restantes cursos
Segunda, 8/10: Início Semana de Formação para os Professores do 2º Ciclo do Ensino Básico (Equipa Formadora vinda de Lisboa)
Quinta, 1/11: FERIADO (Festa de Todos os Santos)
Quinta, 15/11: Vigília de Oração na Basílica dos Santos Apóstolos (por Timor-Leste)
Domingo, 18/11: MAGUSTO (a partir das 18.00 horas)
Sábado, 8/12: FERIADO (Festa da Imaculada)
Quarta, 19/12: Reuniões de Avaliação do Primeiro Trimestre
Quinta, 20/12: Publicação dos resultados da avaliação trimestral
Sexta, 21/12: Último dia de aulas do Primeiro Trimestre
FÉRIAS DO NATAL – 22/12/1990-8/1/1991

1991

Domingo, 6/1: Primeira Visita de Estudo (excursão) do Ano Escolar
Terça, 8/1: Início do Segundo Trimestre
Segunda, 25/3: Reuniões de Avaliação do Segundo Trimestre
Terça, 26/3: Publicação dos resultados da Avaliação trimestral
Fim do Segundo Trimestre
FÉRIAS DA PASCOA – Quarta, 27/3 – Segunda, 1.03
Terça, 2/4: Início do Terceiro Trimestre – 1° dia de aulas
Quinta, 25/4: Tradicional Passeio Anual da Escola
Quarta, 1/5: FERIADO (Festa do Trabalho e dos Trabalhadores)
Quarta, 5/6: Reuniões de Avaliação do Terceiro Trimestre
Quinta, 6/6: Publicação dos resultados da Avaliação do Ano
FIM DO ANO LETIVO (Cursos do Ensino para Adultos)
Segunda, 10/6: Início dos EXAMES ESCRITOS (2º Ciclo, C. Geral/Complementar)
Quinta, 13/6: Fim do ano letivo para o 1º Ciclo do Ensino Básico
EXAME ESCRITO para a IV CLASSE
Sexta, 14/6: EXAME ORAL para a IV CLASSE
Domingo, 16/6: Publicação dos resultados dos Exames Escritos
Segunda, 17/6: Início dos EXAMES ORAIS (2º Ciclo, Cursos Geral/Complementar)
Quinta, 20/6: 17.00 horas – ASSEMBLEIA GERAL DOS PROFESSORES
Domingo, 23/6: Terceiro Passeio do ano letivo

O plano de atividades indicava ainda os EXAMES DO 12º ANO DE ESCOLARIDADE, segundo o calendário de Lisboa e, nos meses de junho e julho, as inscrições para o ano de 1991/92.

15nov90

Dois embaixadores na EPER

No dia 15 de novembro de 1990, pelas 15,30 horas, o Embaixador de Cabo Verde em Itália deslocou-se à Escola Portuguesa de Roma, *em visita de reconhecimento e agradecimento pelo nosso trabalho,* como afirmou, segundo relata o boletim da AEPER nº 17. Recebido pelo Conselho Diretivo e por alguns professores que o acompanharam, o Embaixador visitou as instalações e, na biblioteca, realizou-se um amigável colóquio no qual o ilustre hóspede manifestou repetidamente o seu apreço pelo trabalho realizado pela Escola Portuguesa em Roma em prol do desenvolvimento dos emigrantes cabo-verdianos, imigrantes em Itália.

Durante o encontro – lê-se no mesmo boletim –, a Direção informou o Embaixador *sobre as dificuldades de vário tipo com que a Escola se defrontava, nomeadamente a falta de um estatuto jurídico definido e as carências económicas daí provenientes.* Solicitou ainda *os bons ofícios do Senhor Embaixador no sentido de, em Lisboa,* onde residia, ele *contactar as autoridades portuguesas e cabo-verdianas para, conjuntamente, considerarem o trabalho desenvolvido pela Escola dentro de um mais vasto âmbito de cooperação cultural entre os dois países.*

O Embaixador mostrou-se disponível para dar seguimento às solicitações da Escola e teve um contacto direto com os alunos do Curso de Alfabetização, do segundo ciclo do Ensino Básico e do Curso Geral, a todos dirigindo palavras de amizade e de estímulo, incitando ao prosseguimento dos estudos para melhoria pessoal e do país a que pertenciam. O encontro prolongou-se até às dezassete horas dessa quinta-feira.

*** *** ***

Tendo iniciado a exercer o cargo de Embaixador de Portugal em Itália, o Dr. Gaspar da Silva recebeu, no dia 11 de dezembro de 1990, dois elementos do Conselho Diretivo da Escola – o Diretor, acompanhado pela Prof.ª Isabel Minervini – que, além de lhe apresentarem cumprimentos de boas-vindas e votos de sucesso no exercício da sua missão, ilustraram brevemente a situação da Escola.

O Dr. Gaspar da Silva, que já tinha exercido o cargo de Secretário de Estado da Cooperação e chegava a Roma depois de ter representado Portugal em Paris, mostrou grande interesse pela atividade da Escola, prometendo *para breve* uma visita pessoal e aceitando o convite para participar, no dia 31 de janeiro, na sessão de abertura das comemorações do seu vigésimo aniversário.

O Dr. Gaspar da Silva, no dia 31 de janeiro, na inauguração das comemorações do XX aniversário da EPER

8-12out90

CURSO DE FORMAÇÃO PARA FORMADORES

Os primeiros dias do novo ano letivo de 1990-91, de 8 a 12 de outubro, ficaram marcados pela realização de um curso de formação em que participaram e beneficiaram 18 professores. Dinamizado por quatro formadores – Maria Guilhermina Teixeira, Antónia Trindade, Manuela de Melo e José Maria Eleutério Fortes – enviados expressamente de Portugal pela Direção-Geral de Extensão Educativa para "alavancar" e *minerar* a qualidade do ensino ministrado na EPER. O curso destinava-se a dar "formação em serviço" ao nível do 2º Ciclo do Ensino Básico e teve o seguinte programa:

– 1° dia: apresentação, introdução ao currículo, legislação, avaliação (para todos);
– 2° dia: programa específico para os professores das disciplinas de *O Homem e o Ambiente, Língua Estrangeira, Português e Matemática;*
– 3° dia: programa específico para as disciplinas de *Português* e *Matemática;*
– 4° dia: *Formação Complementar* (para todos);

– 5º dia: apresentação de uma *proposta de trabalho integrado,* como exemplo de uma forma de colaboração interdisciplinar.

Além da formação "profissional" propriamente dita, esta foi uma ocasião muito preciosa para, em ambiente favorável à troca de ideias e num clima de grande interesse e participação, se abordarem questões pedagógicas de fundo, cujos efeitos positivos sobre o processo de ensino-aprendizagem não podiam deixar de se fazer sentir na Escola, em todos os níveis.

A avaliação da iniciativa atribuiu a nota de **excelência** à equipa formadora que se deslocou a Roma para coordenar e dinamizar o curso. Tendo-se conservado os materiais que esses formadores utilizaram e ofereceram à Escola, não deixará de ser ainda hoje interessante conhecer os conteúdos abordados nessas ações de formação – pelo menos a título de curiosidade.

*** *** ***

Um dos temas apresentados como «contributo das diferentes disciplinas/áreas para o conjunto curricular» esclarecia a importância da interligação das matérias do 2º Ciclo do Ensino Recorrente, apresentando cada uma delas. Começando pelo Português, apenas como exemplo – e para verificar a atualidade e pertinência dessa formação – eis o conteúdo da reflexão/formação, formulado em elevado grau de perfeição estilística e abrangência de princípios:

Globalmente os objetivos do ensino da Língua materna podem ser sintetizados em dois pontos:

1. *Alargar a competência comunicativa do formando, isto é, facilitar-lhe a aquisição de meios de comunicação em língua materna que lhe permitam, em cada circunstância concreta, realizar com êxito as suas intenções comunicativas. Trata-se, portanto, de proporcionar ao formando o desenvolvimento da capacidade de uso da língua como instrumento de comunicação e ação.*
2. *Para que tal objetivo seja atingido, torna-se necessária a aquisição de um saber consciente, pois só este permitirá ao formando perspetivar os recursos verbais e não verbais que deve escolher em função dos parâmetros de cada situação de uso da língua.*

Consequentemente – lê-se num dos materiais utilizados –, *o formando precisa de adquirir capacidade de reflexão sobre o seu uso, sobre a sua estrutura e funcionamento.*

De acordo com a conceção de um programa como projeto educativo – prosseguiam os apontamentos dos formadores – *procedeu-se de forma a que a sua componente relativa à disciplina de Língua Portuguesa fosse equacionada de acordo com o posicionamento desta disciplina no contexto global do processo:*

– A língua materna é simultaneamente objeto de aprendizagem e instrumento de outras aprendizagens, escolares e extraescolares; se, por um lado, o desenvolvimento da competência em língua materna condiciona o desenvolvimento das capacidades gerais de aprendizagem do adulto e mesmo das suas relações sociais, por outro lado, a evolução das estruturas cognitiva, desperta novas necessidades em relação à competência linguística-comunicativa.

– O desenvolvimento da competência em língua materna suscita a mobilização, no sujeito de aprendizagem, de saberes, capacidades e atitudes comuns e diferenciadas que foram objeto de análise tendo em vista a sua operacionalização.

– Objetivos do Português nas outras disciplinas/áreas – «Todos somos professores de Português».

Pretendia-se com a inserção deste capítulo, *nos diferentes programas, sensibilizar, motivar e consciencializar os formadores das outras disciplinas/áreas para a importância que a comunicação assume na sociedade contemporânea, através de uma multiplicidade de linguagens.*

A partir dessa consciencialização, surgirá, de maneira mais evidente, a necessidade de se definirem objetivos de língua materna nas outras disciplinas/áreas. A consecução destes objetivos possibilitará a utilização correta e eficaz da língua portuguesa em todas as situações de ensino-aprendizagem.

Com vista à aquisição de saberes e de instrumentos de aprendizagem, propunham-se os seguintes objetivos do Português:

- *Praticar a comunicação, especialmente a comunicação verbal;*
- *Exprimir-se oralmente de forma simples e clara;*
- *Ler textos diversificados;*
- *Enriquecer o vocabulário geral e específico de cada disciplina/área;*
- *Utilizar instrumentos e técnicas de trabalho (enciclopédias, dicionários, prontuários, manuais escolares, dossier, ficheiros, esquemas, diagramas e outros);*
- *Compreender textos diversificados;*
- *Analisar textos diversificados;*
- *Distinguir o essencial do acessório;*
- *Produzir textos escritos que expressem o que se pretende comunicar.*

E acrescentava-se, por fim: *Ao longo de todo o trabalho, o Português aparecerá, naturalmente, como uma constante no processo de ensino/aprendizagem. Não se pretende que os formadores das outras disciplinas/áreas substituam o do Português, mas sim que participem no aperfeiçoamento da comunicação em língua materna.*

Apresentavam-se depois os objetivos terminais desta e de outras disciplinas, nomeadamente «O Homem e o Meio», propondo uma interligação das Ciências Sociais com as Ciências da Natureza, numa abordagem que partia da situação concreta em que se encontrava o aluno, desenvolvendo-a até abranger a região, o país, a Europa e o mundo. O objetivo consistia em «*reconhecer o homem como elemento integrante, interativo e transformador do ambiente, capaz de atuar de forma a conservar a Natureza e os seus recursos e a melhorar a qualidade de vida*» – tema e formulação próprios da Introdução à Sociologia estudada mais tarde, no 12.º Ano.

Era apresentada a estrutura do programa, passando de imediato para a mesma abordagem aplicada à Matemática, numa interligação entre esta disciplina, o Português, a Aritmética e a Geometria, propondo atividades exemplificativas dos conteúdos a desenvolver. De facto, a opção estrutural do programa apontava para a *aquisição de autoconfiança nos processos de elaboração mental e permite desenvolver capacidades/competências nos formandos* através das quais eles pudessem:

- *Recolher, organizar e interpretar informação;*
- *Matematizar situações da vida real e dos fenómenos de outras ciências;*
- *Resolver problemas;*
- *Analisar a razoabilidade dos resultados;*
- *Fazer aproximações;*
- *Estimar medidas;*
- *Medir, utilizando instrumentos apropriados;*
- *Aumentar o sentido do rigor e o sentido crítico;*
- *Distinguir o essencial do acessório;*
- *Selecionar dados e utilizá-los corretamente;*
- *Interpretar e utilizar informações fornecidas por diversos instrumentos (esquemas, tabelas, gráficos, calculadoras e eventualmente computadores);*
- *Utilizar a máquina de calcular;*
- *Estimar mentalmente resultados de cálculos;*
- *Usar representações concretas e "puzzles" que ajudem a atingir a perceção de relações espaciais.*

*** *** ***

Todo este compêndio-elenco de objetivos obrigaria a questionar a diferença entre o lado prático e a teorização do agir humano: sem necessidade de formalizar, enumerando-as, as finalidades da aprendizagem, todos esses itens estavam objetivamente contemplados e incluídos no trabalho didático realizado pela EPER desde o seu início. Contudo, poder aferir, em fase de planificação os objetivos da atividade a desenvolver e verificar o seu efetivo cumprimento nos momentos de avaliação, é certamente uma «necessidade» em qualquer boa organização.

Relativamente às línguas estrangeiras, sublinhava-se que a *aprendizagem de uma língua estrangeira não é mais um valor de formação específica da classe dominante de um povo mas um instrumento necessário a qualquer indivíduo que, numa sociedade democrática, procura ultrapassar as fronteiras do seu País,* especificando que, *no contexto europeu e a nível mundial o conhecimento de uma língua estrangeira é um meio de comunicação que ultrapassa as fronteiras nacionais. A concretização dos direitos do cidadão, tais como a liberdade de informação e de expressão,* – acrescentava-se – *requer segundo esta conceção pelo menos um conhecimento básico de uma língua estrangeira.* Então, uma descoberta; hoje, uma obviedade!

Como **objetivo global** para a aprendizagem da língua estrangeira indicava-se *a aquisição de uma competência comunicativa, isto é, de formas de agir e interagir de modo verbal e não verbal,* e essa aquisição – lê-se nos apontamentos – *implica a mobilização integrada de várias componentes: competência linguística, competência discursiva e textual, competência pragmática e competência sociocultural;* além disso, a *competência comunicativa integra um saber-fazer pluridimensional cuja estruturação exige experiência e investigação e mobiliza capacidades de reflexão e criatividade.*

Quanto aos **objetivos gerais – especificavam os formadores –,** *a aprendizagem da língua estrangeira numa abordagem comunicativa implica o desenvolvimento das competências de comunicação oral (compreensão e expressão), de escuta e de comunicação escrita (leitura e escrita), e tinha como* **objetivos terminais,** *o desenvolvimento de cada uma das competências de comunicação – oral, escuta e comunicação escrita – que se processa pela integração sucessiva de vários comportamentos verbais e não verbais (objetivos terminais) cuja construção exige:*

– a nível da comunicação oral: *a aquisição de enunciados correspondentes a atos de fala usados em várias situações de interação verbal bem como de estruturas gramaticais e lexicais necessárias à construção do discurso a nível da escuta: a prática da audição e de descoberta do sentido de textos de tipologia diversificada e característica do discurso oral.*

– a nível da comunicação escrita, haveria duas dimensões a considerar:
Leitura*: prática da descoberta do sentido de textos de tipologia diversificada, característicos do discurso escrito e recolhidos em fontes autênticas;*
Escrita*: uso de enunciados na construção de textos de tipologia diversificada e aquisição de conteúdos gramaticais e ortográficos necessários à produção do discurso.*

*** *** ***

Deixemos de lado outras indicações dadas pelos formadores e passemos adiante relativamente à «Formação Complementar», que ocupou o 4º dia, para não tornar demasiado extensa esta parte deste capítulo, e ouçamos repetir – quem é, e quem foi professor – o que se transmitiu aos professores da EPER sobre o *«Papel do formador no processo ensino/aprendizagem»:* aparentemente, *nihil novi sub coelum.* Tratava-se de recomendações e «evidências» praticadas na Escola senão por todos, pela grande maioria dos docentes, que viam aplicar esses princípios, em relação a eles mesmos, nos estabelecimentos de ensino frequentados ou que frequentavam. No entanto, não haja dúvida, *repetita juvant...*

Preconizava-se... *uma relação com o saber que se pretende não transmissora mas interativa,* na qual eram reforçados *a responsabilidade, o papel e as competências do formador/equipa.* Na medida em que o público em causa era extremamente variado e heterogéneo, os currículos – recordavam os formadores – *devem ser aplicados com a suficiente margem de autonomia para permitir a necessária adaptabilidade dos conteúdos aos interesses do grupo – sendo necessária* – sublinhava-se, fazendo «chover no molhado», ou melhor, como música para os ouvidos dos professores, pois essa era uma das características mais fortes e convictas da Escola – *e, importante, a flexibilidade na gestão de programas.*

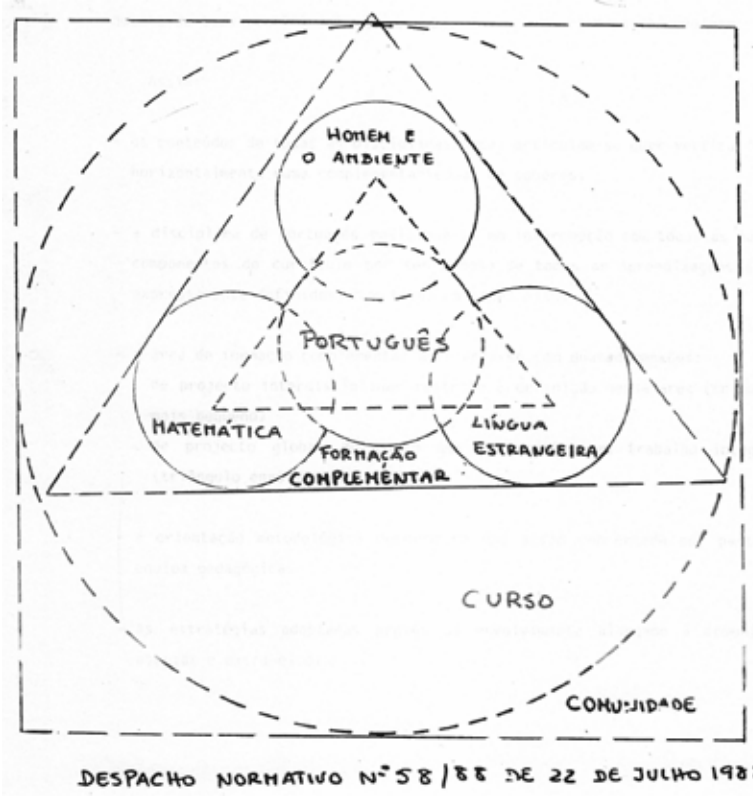
A ação educativa – ensinava o guião da matéria a ser ensinada – *deve ser concebida como um*

processo dialético e de interação entre o educador e o educando, valorizando este último. Os formandos, com efeito, são portadores duma vivência e duma experiência social e não meros espectadores do processo de aprendizagem. Conclusão: *é essencial o diálogo na relação pedagógica.*

Além disso – segundo ponto – *nunca se poderá esquecer que nem todos os formandos têm idênticas capacidades e conhecimentos de base. É necessário ter-se em consideração os ritmos e formas de aprendizagem, a capacidade de relacionação e iniciativa e as diferenças de cada um.* Conclusão: *é necessária a individualização.*

Depois, é necessário *criar condições para uma participação ativa dos formandos na concretização de atividades, no plano de organização do curso, na utilização dos equipamentos coletivos na avaliação.* Conclusão: *é essencial a participação crítica dos formandos.*

E ainda: No processo ensino-aprendizagem, o professor deve saber *criar espaços onde se possam desenvolver e valorizar as ideias, as experiências e as habilidades pessoais, de forma autónoma, devendo abordar-se temas motivadores ligado à vida quotidiana e à situação da vida, do trabalho, dos outros, numa perspetiva de integração social.* Conclusão: *é essencial a atenção à dinâmica dos grupos.* E de cada um dos alunos, a começar pela sua situação concreta de emigrante-trabalhador, fragilizado do ponto de vista da reivindicação e defesa dos próprios direitos, especialmente no campo do trabalho. Na escola, também, mas o modelo de ação depois efetivamente aplicado dificilmente podia ter em conta todas essas especificidades.



Continuando: *O emprego de métodos ativos permite aos formandos o confronto com o concreto, a experimentação e a investigação pessoal, podendo recorrer-se a uma diversidade de técnicas como as demonstrações, as «visitas de estudo» e os meios audiovisuais.* Ou seja: *é essencial que a aprendizagem seja ativa e prática e conduza à autoformação durante e após o curso.* Mas as visitas de estudo devem ser «de estudo», deve-se aprender com elas, não *dias de folga* de compromissos escolares... As metas dos «passeios» da EPER foram sempre lugares relevantes para acrescentar, aprofundar ou recordar conteúdos de diversas disciplinas do currículo, não «peregrinações» a lugares turísticos (ou centros comerciais)!

Prosseguindo na reproposição dos conteúdos dessa ação de formação, era ainda necessário que o professor conseguisse *agir como o animador,* sendo capaz de proporcionar *uma prática de comunicação oral e escrita conducente ao conhecimento e ao uso correto da língua materna, à aplicação criativa das novas aprendizagens e à aquisição de um saber consciente.*

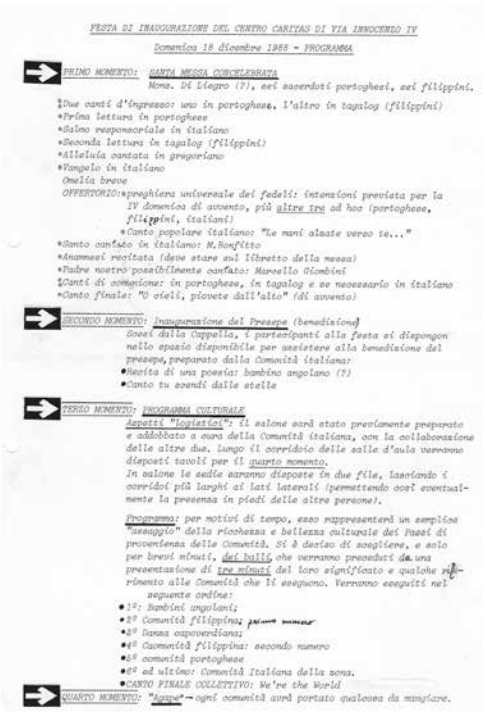
*** *** **

Avaliação

Um dos temas mais aprofundados nesses dias de formação na Escola foi a avaliação. Uma parte relevante do trabalho incidiu sobre esta difícil tarefa dos professores – alguns dos quais ainda hoje a fazem... «a olhómetro», ou por simpatias (ou segundo o estatuto social dos alunos) – e é rápido recordar aqui quatro conselhos deixados à EPER para se fazer o registo de

uma *avaliação formativa* sobre *um pequeno texto, em linguagem clara, simples e precisa, de fácil leitura e compreensão pelos formandos,* que previa:
– Realçar os aspetos positivos e pô-los em evidência.
– Indicar as dificuldades sem que estas assumam um caráter definitivo.
– Reconhecer os aspetos positivos confrontando-os com eventuais dificuldades (uma das formas de manifestarmos a nossa confiança no sucesso do formando).
– Elaborar registos pertinentes e úteis para o processo de autoformação que contribuam para o esclarecimento e orientem o formando no seu trabalho.

Relativamente à avaliação, foi sumariamente apresentado um conjunto de textos fundamentais sobre o tema, reunidos num dossiê de 70 páginas, com este sumário, dividido em documentos, assuntos e autores: Entre [] o número das páginas.


FESTA DI INAUGURAZIONE DEL CENTRO CARITAS DI VIA INNOCENZO IV

Domenica 18 dicembre 1988 - PROGRAMMA

PRIMO MOMENTO: SANTA MESSA CONCELEBRATA
Mons. Di Liegro (?), sei sacerdoti portoghesi, sei filippini.
Due canti d'ingresso: uno in portoghese, l'altro in tagalog (filippini)
Prima lettura in portoghese
Salmo responsoriale in italiano
Seconda lettura in tagalog (filippini)
Alleluia cantata in gregoriano
Vangelo in italiano
Omelia breve
OFFERTORIO: preghiera universale dei fedeli: intenzioni previste per la IV domenica di avvento, più altre tre ad hoc (portoghese, filippini, italiani)
Canto popolare italiano: "Le mani alzate verso te..."
Santo cantato in italiano: M. Bonfitto
Anamnesi recitata (deve stare sul libretto della messa)
Padre nostro possibilmente cantato: Marcello Giombini
Canti di comunione: in portoghese, in tagalog e se necessario in italiano
Canto finale: "O cieli, piovete dall'alto" (di avvento)

SECONDO MOMENTO: Inaugurazione del Presepe (benedizione)
Sonet dalla Cappella, i partecipanti alla festa si dispongon nello spazio disponibile per assistere alla benedizione del presepe, preparato dalla Comunità italiana:
Recita di una poesia: bambino angolano (?)
Canto tu scendi dalle stelle

TERZO MOMENTO: PROGRAMMA CULTURALE
Aspetti "logistici": il salone sarà stato previamente preparato e addobbato a cura della Comunità italiana, con la collaborazione delle altre due. Lungo il corridoio delle sale d'aula verranno disposti tavoli per il quarto momento.
In salone le sedie saranno disposte in due file, lasciando i corridoi più larghi ai lati laterali (permettendo così eventualmente la presenza in piedi delle altre persone).

Programma: per motivi di tempo, esso rappresenterà un semplice "assaggio" della ricchezza e bellezza culturale dei Paesi di provenienza delle Comunità. Si è deciso di scegliere, e solo per brevi minuti, dei balli, che verranno preceduti da una presentazione di tre minuti del loro significato e qualche riferimento alle Comunità che li eseguono. Verranno eseguiti nel seguente ordine:
1°: Bambini angolani;
2° Comunità filippina; primo numero
3° Danza capoverdiana;
4° Caomunità filippina: secondo numero
5° comunità portoghese
6° ed ultimo: Comunità Italiana della zona.
CANTO FINALE COLLETTIVO: We're the World

QUARTO MOMENTO: "Agape" - ogni comunità avrà portato qualcosa da mangiare.

INTRODUÇÃO [3]

1. MODELO DE AVALIAÇÃO – Historial sucinto da divulgação da avaliação qualitativa, por Cândido Varela de Freitas [4].
2. AVALIAÇÃO: TÓPICOS PARA UMA MUDANÇA DE ATITUDES –, por J.J. Boavida, M.C. Carita e Lopes e P. Pessoa Vaz, abordando os seguintes temas:
   - A identificação de avaliação com exame [6].
   - A desvalorização da avaliação [9].
   - O processo de revalorização da avaliação [10].
   - Uma mudança indispensável [13];
   - Definição de objetivos e avaliação [17];
   - Condições para uma transformação pedagógica. [19]
3. PRESSUPOSTOS DE UM SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM – Necessidade de planificação de todo o processo de ensino-aprendizagem, por Lucie Carrilho Ribeiro [22].
4. EM CAUSA, OS PROCESSOS, NÃO APENAS OS RESULTADOS – Na avaliação são prioritários os dados relativos ao processo de aprendizagem, por José Bernardino Duarte. [25].
5. CONCEITO DE AVALIAÇÃO – Conceito; Avaliação formativa; Avaliação sumativa; Avaliação diagnóstico/prognóstico; Semelhanças e diferenças entre os vários tipos de avaliação, pelo Instituto Politécnico de Bragança. [26].
6. DISTINÇÃO ENTRE AVALIAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO [29] e
7. CONCEITO DE PRÉ-REQUISITO, por Lucie Carrilho Ribeiro. [36].
8. NOÇÃO DE AVALIAÇÃO E SEU PAPEL NO PROCESSO PEDAGÓGICO-DIDÁTICO – Noção de avaliação; Finalidade da avaliação; Tipos de avaliação e Exigências da avaliação, por José Emílio Pedreira Moreira. [42].
9. RECUPERAÇÃO E ENRIQUECIMENTO – Nível mínimo e Nível de desenvolvimento, por Valter V. Lemos. [53].
10. AS FUNÇÕES DA AVALIAÇÃO – A avaliação tem as diferentes funções: de orientação, regulação e certificação, também por Valter V. Lemos [56].
11. AVALIAÇÃO FORMATIVA – Conceito, instrumentos de avaliação formativa e atividades de recuperação, pela D.G.E.S. [59].
12. REGISTO DE AVALIAÇÃO FORMATIVA, com recomendações a ter em conta nesse registo., seguindo-se por fim uma ampla, pela D.G.E.E. [65].
13. BIBLIOGRAFIA, de obras Gerais e publicações periódicas [67-69]

Esta ampla documentação era precedida – e justificada – pela seguinte **introdução**:

Tendo em conta que a natureza da avaliação proposta para os cursos de educação de adultos, tem um caráter diferenciado da que é usualmente realizada pelos professores na sua prática pedagógica, organizou-se um caderno com documentação diversificada.

Esta informação pretende ser o início de uma série de materiais relacionados com as questões da aprendizagem. Na recolha efetuada, abordam-se as linhas genéricas das noções e das operações fundamentais do processo de planificação e de avaliação da aprendizagem, refletindo as diferentes perspetivas sobre a avaliação.

Colocamos, assim, à disposição dos formadores dos 1º e 2º ciclos do Ensino Recorrente de Adultos, uma resposta a possíveis necessidades de carácter pedagógico, numa perspetiva de autoformação. Sugerimos que se fomente a análise e a discussão de alguns destes assuntos entre os formadores, a fim de se tornar viável e mais consolidada esta dinâmica de formação contínua.

*** *** ***

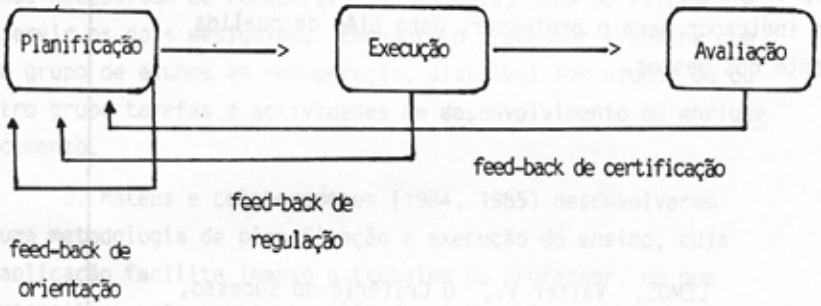
Para exemplificar os conteúdos que constavam neste conjunto de textos «fundamentais», mostramos dois exemplos. O primeiro é sobre as funções da avaliação.

Durante a fase de execução ou seja, no decurso das atividades de ensino-aprendizagem de uma sequência de ensino, o professor vai analisando com instrumentos objetivos ou subjetivos a forma como está a decorrer a aprendizagem, de modo a obter indicações que lhe permitam manter ou alterar o plano que está a executar, a fim de obter a máxima rentabilidade pedagógica possível. Este tipo de avaliação tem, portanto, uma função de regulação do sistema. E a avaliação de regulação, também chamada avaliação formativa.

Finalmente – prosseguindo na nossa «revisão da matéria» – , após o termo de uma sequência de ensino, torna-se necessário verificar em que medida foram atingidos os respetivos objetivos. A função é portanto de certificação relativamente à aprendizagem planeada. E a avaliação de certificação, também chamada sumativa.

Foram especificados os diferentes tipos de avaliação, consoante o fim em vista – AVALIAÇÃO FORMATIVA, SUMATIVA e AVALIAÇÃO DIAGNOSTICO/PROGNOSTICO, e na tabela seguidamente reproduzida, eram apresentadas as diferenças entre elas.

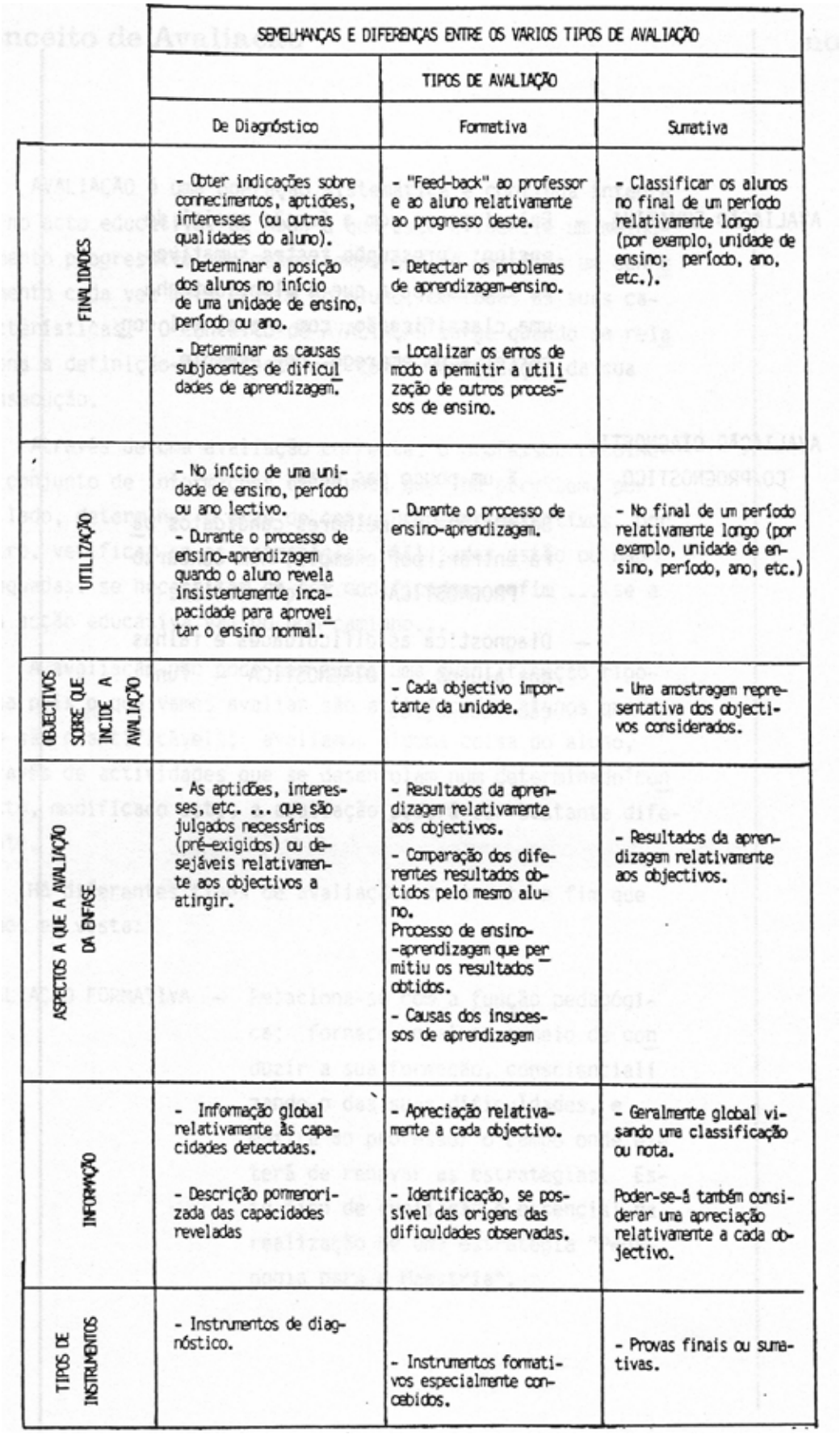
O sistema de ensino-aprendizagem é composto por três partes fundamentais que têm forma sequencial, mas que se influenciam também de forma retroactiva. Podemos representar isto num esquema simples (Fig. 1).



Componentes do sistema ensino-aprendizagem

(Lemos, V. e Mateus, J. 1980)

A cada uma destas três fases corresponde um tipo de avaliação, consoante a função que têm no sistema (Cardinet, J., 1977). Assim após a planificação (organização das unidades, definição dos objectivos, construção dos instrumentos de avaliação, selecção de métodos e meios) é necessário avaliar em que medida ela está adequada ou não para os alunos que realmente temos. A função é portanto de orientação relativamente à implementação da formação. É a avaliação de entrada, de prognóstico ou de diagnóstico.



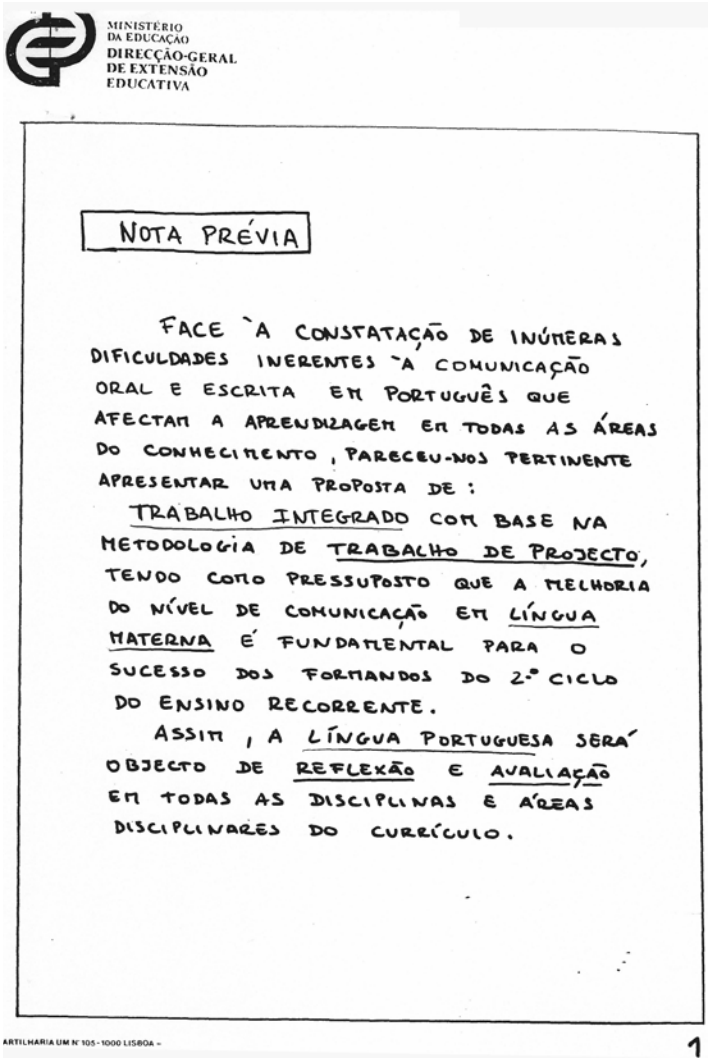
SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS VÁRIOS TIPOS DE AVALIAÇÃO

	TIPOS DE AVALIAÇÃO		
	De Diagnóstico	Formativa	Sumativa
FINALIDADES	- Obter indicações sobre conhecimentos, aptidões, interesses (ou outras qualidades do aluno). - Determinar a posição dos alunos no início de uma unidade de ensino, período ou ano. - Determinar as causas subjacentes de dificuldades de aprendizagem.	- "Feed-back" ao professor e ao aluno relativamente ao progresso deste. - Detectar os problemas de aprendizagem-ensino. - Localizar os erros de modo a permitir a utilização de outros processos de ensino.	- Classificar os alunos no final de um período relativamente longo (por exemplo, unidade de ensino; período, ano, etc.).
UTILIZAÇÃO	- No início de uma unidade de ensino, período ou ano lectivo. - Durante o processo de ensino-aprendizagem quando o aluno revela insistentemente incapacidade para aproveitar o ensino normal.	- Durante o processo de ensino-aprendizagem.	- No final de um período relativamente longo (por exemplo, unidade de ensino, período, ano, etc.)
OBJECTIVOS SOBRE QUE INCIDE A AVALIAÇÃO		- Cada objectivo importante da unidade.	- Uma amostragem representativa dos objectivos considerados.
ASPECTOS A QUE A AVALIAÇÃO DÁ ÊNFASE	- As aptidões, interesses, etc. ... que são julgados necessários (pré-exigidos) ou desejáveis relativamente aos objectivos a atingir.	- Resultados da aprendizagem relativamente aos objectivos. - Comparação dos diferentes resultados obtidos pelo mesmo aluno. Processo de ensino-aprendizagem que permitiu os resultados obtidos. - Causas dos insucessos de aprendizagem	- Resultados da aprendizagem relativamente aos objectivos.
INFORMAÇÃO	- Informação global relativamente às capacidades detectadas. - Descrição pormenorizada das capacidades reveladas	- Apreciação relativamente a cada objectivo. - Identificação, se possível das origens das dificuldades observadas.	- Geralmente global visando uma classificação ou nota. Poder-se-á também considerar uma apreciação relativamente a cada objectivo.
TIPOS DE INSTRUMENTOS	- Instrumentos de diagnóstico.	- Instrumentos formativos especialmente concebidos.	- Provas finais ou sumativas.

Não valerá a pena aprofundar mais, também porque os Leitores deste trabalho podem «recuperar» todos os textos dessa abundante documentação abrindo o ficheiro em anexo, que os contém integralmente (digitalizados e (re)formatados para ocuparem «apenas» 42 páginas, em vez das 70 do original): [«DSAE-CadernosFormacao-Avaliacao-SubsidiosDiversos»].

*** *** ***

Mas não se vão já embora, porque falta ainda apresentar um outro conjunto de documentos com que terminamos este convite a revisitar os materiais «estudados» nesses cinco dias de formação *dada* na Escola, por *especialistas na matéria* – ainda por cima, formadores do Ministério da Educação.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
DIRECÇÃO-GERAL DE EXTENSÃO EDUCATIVA

NOTA PRÉVIA

FACE À CONSTATAÇÃO DE INÚMERAS DIFICULDADES INERENTES À COMUNICAÇÃO ORAL E ESCRITA EM PORTUGUÊS QUE AFECTAM A APRENDIZAGEM EM TODAS AS ÁREAS DO CONHECIMENTO, PARECEU-NOS PERTINENTE APRESENTAR UMA PROPOSTA DE:

TRABALHO INTEGRADO COM BASE NA METODOLOGIA DE TRABALHO DE PROJECTO, TENDO COMO PRESSUPOSTO QUE A MELHORIA DO NÍVEL DE COMUNICAÇÃO EM LÍNGUA MATERNA É FUNDAMENTAL PARA O SUCESSO DOS FORMANDOS DO 2.º CICLO DO ENSINO RECORRENTE.

ASSIM, A LÍNGUA PORTUGUESA SERÁ OBJECTO DE REFLEXÃO E AVALIAÇÃO EM TODAS AS DISCIPLINAS E ÁREAS DISCIPLINARES DO CURRÍCULO.

ARTILHARIA UM Nº 105 - 1000 LISBOA -

1

Um deles referia-se ao *«Português como língua de comunicação»,* sendo uma *constante em todo o processo de ensino-aprendizagem, das várias disciplinas e áreas.* A apresentação deste tema foi feita através da projeção de 18 «transparências», ou melhor, acetatos, com os conteúdos escritos à mão. O primeiro encontra-se reproduzido ao lado (em tamanho reduzido).

*** *** ***

Reforma: refletir, problematizar

Deixam-se outros contributos relativos à avaliação, destinados a melhorar o trabalho de lecionação de algumas disciplinas específicas, e apresentam-se, por fim, à guisa de cereja sobre o bolo e como material de reflexão e estudo para os interessados, o conjunto valioso de subsídios didáticos deixados à Escola pela equipa formadora: trata-se de um conjunto de fichas metodológicas que haviam sido publicadas pelo Ministério da Educação destinadas à Direção, aos coordenadores pedagógicos e aos próprios formadores. Mais concretamente, os SEBSPE ofereceram à EPER materiais para a formação individualizada, que consistia na tradução de um trabalho de Christiane Cavet e Alain Mor, editados em França, em 1988, com o título *FORMATION INDIVIDUALISÉE – Fiches méthodologiques à l'usage des concepteurs et des formateurs,* que havia sido elaborado pela *Delegation Académique à la Formation Continue* [CAFOC] *da Académie de Lyon* e publicado pelo *Ministère de l'Éducation Nationale.* Em português, teve o título *FORMAÇÃO INDIVIDUALIZADA – Fichas Metodológicas* e, traduzido por Maria de Carvalho Torres, foi editado em Portugal pelo Ministério da Educação através do Núcleo da Educação Recorrente e Extra-Escolar, do Departamento da Educação Básica, com esta introdução:

No momento da publicação deste número dos CADERNOS de FORMAÇÃO um agradecimento a Christiane Cavet e Alain Mor, bem como ao CAFOC de Lyon, pelas condições e empenhamento que puseram na edição da versão portuguesa das FICHAS METODOLÓGICAS cuja temática se centra na INDIVIDUALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO.

Pretende-se por à disposição dos formadores um instrumento de trabalho que permita contribuir para encontrar uma resposta aos novos desafios que se colocam à educação de adultos. Estas Fichas, resultantes da experiência dos seus autores enquanto formadores, refletem o problema que, nos nossos dias, se coloca a cada formador de dar respostas, cada vez mais individualizadas, às necessidades de formação resultantes das alterações das estruturas produtivas e do desenvolvimento tecnológico que põem, a cada um de nós, a necessidade de

aquisição de novas competências.

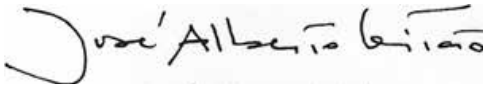
Não se pretende apresentar "uma receita milagrosa" que tudo resolva, mas apenas lançar a cada formador, em qualquer dos níveis em que intervenha, o desafio de, a partir delas, encontrar o caminho que permita adaptar o ensino a cada situação de aprendizagem, quer dizer, a cada grupo, a cada formando e aos conteúdos a ensinar.

A individualização da formação está hoje, no centro dos debates pedagógicos decorrentes da Reforma do Sistema Educativo entre nós. Esta obra pretende contribuir para a formação contínua dos formadores. A partir dela, cada Centro de Área Educativa, cada escola, cada professor tem uma base de reflexão e de problematização da sua prática pedagógica, permitindo desenvolver um processo de autoformação que deve ser uma preocupação de cada profissional da Educação.

Devo terminar esta nota de apresentação citando Claude Bouvard, Director dos Estudos do CAFOC de Lyon, em 1989, quando diz que "um livro que vai ser impresso é sempre uma aventura que começa". Contribuir para a aventura diária que é a Educação de Adultos é o que pretende este CADERNO DE FORMAÇÃO.

Novembro de 1993.

Coordenador do Núcleo de Educação Recorrente e Extra - Escolar



José Alberto Leitão

Tratava-se de fichas impressas em papel brilhante, com qualidade fotográfica, de cores diferentes, uma para cada tema. A introdução da ficha nº 1 começava por explicar, na INTRODUÇÃO, que era oportuno fazer uma *primeira síntese* do *desenvolvimento da formação individualizada, tendo em conta as numerosas experiências em curso.* O primeiro capítulo tratava da metodologia (fixar referenciais para construir sistemas e agir no seu seio, e destinava-se, portanto, sobretudo aos formadores de formadores, responsáveis e formadores de adultos que gostariam de privilegiar este tipo de formação nos seus respetivos contextos (centros de formação, empresas...).

Deixa-se a restante parte da contextualização de um trabalho que se desdobrava em 6 grandes temas, para os quais eram fornecidos 24 documentos, com os títulos seguidamente indicados (cada tema incluída uma «introdução», que omitimos nesta enumeração).

1. **O DESENVOLVIMENTO ATUAL DA INDIVIDUALIZAÇÃO DA FORMAÇÃO**

2. **REFERENCIAIS PARA UM PROCESSO DE INDIVIDUALIZAÇÃO**
   - FICHA 1: Os três pontos-chave de um processo de individualização
   - FICHA 2: Os modos de formação: da pedagogia de grupo à autoformação
   - FICHA 3: Os campos e os pontos de apoio da formação
   - FICHA 4: A pertinência de uma opção de individualização

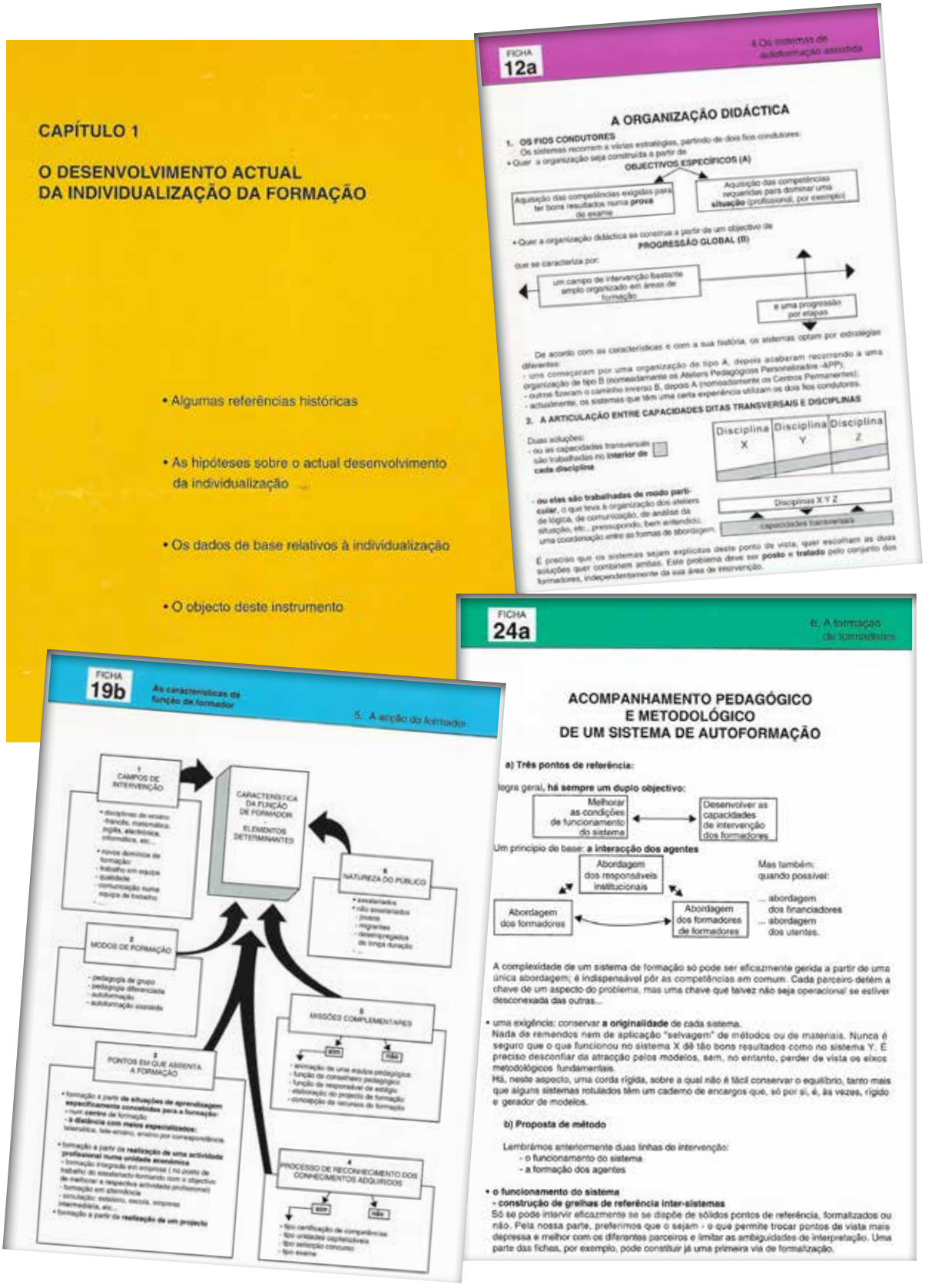
3. **ESTRATÉGIA DE UM CANDIDATO À FORMAÇÃO**
   - FICHA 5: A necessidade de uma estratégia individual de formação
   - FICHA 6: As condições para realizar com sucesso um plano individual de formação
   - FICHA 7: A aprendizagem da formação autónoma

4. **OS SISTEMAS DE AUTOFORMAÇÃO ASSISTIDA Introdução**
   - FICHA 8: As vantagens dos sistemas de autoformação assistida
   - FICHA 9: Os eixos de estruturação de um sistema
   - FICHA 10: A organização da atividade pedagógica
   - FICHA 11: O início da formação
   - FICHA 12: A organização didática
   - FICHA 13: A logística pedagógica
   - FICHA 14: As modalidades específicas de acesso à autoformação para públicos de baixo nível de formação
   - FICHA 15: As condições prévias necessárias à aplicação de um sistema: o limiar de exequibilidade
   - FICHA 16: Os limites e os desvios deste tipo de sistema

5. **A AÇÃO DO FORMADOR**
   - FICHA 17: A função pedagógica num sistema de autoformação
   - FICHA 18: Os campos de competências dos formadores
   - FICHA 19: As características da função de formador

6. A FORMAÇÃO DOS FORMADORES

FICHA 20: Os dois eixos de intervenção da formação de formadores
FICHA 21: Os planos individuais de formação
FICHA 22: O plano de formação de uma entidade empregadora
FICHA 23: Especificidade da formação dos formadores intervenientes num sistema de autoformação
FICHA 24: Acompanhamento pedagógico e metodológico de um sistema de autoformação



Chegados ao fim do curso, não podia faltar a peregrinação à «Meca» do que, gastronomicamente falando, havia então (e ainda há, mesmo com nome diferente, desde a década de noventa) de mais genuíno em Roma – prescindindo das outras *mecas e metas* que atraem à capital italiana estes e outros «romeiros» (as basílicas, as catacumbas, as ruínas do império romano, incluindo obviamente o Panteão e o Coliseu...): no bairro de Trastevere, um dos três pontos de uma tríade culinária imprescindível, ao lado dos restaurantes *Di Porto* (frequentado por cardeais e ministros) e *Meo Pataca* (para turistas endinheirados – japoneses e americanos)..., era a pizzeria *Fieramosca*. A única foto conservada em Fátima dessa conclusão de curso mostra o grupo dos formadores, à sua chegada a essa... «manjedoura», tão popular como típica.

Mas comecemos pelo princípio, fazendo uma síntese mais minuciosa dessa semana de formação que, como a primeira, absorveu praticamente todo o tempo que sobrava do cumprimento das obrigações de trabalho. O curso começou às 8 horas do dia 8, como vimos, terminando nesse dia com uma visita *turística* à cidade e um jantar familiar (preparado por MGSF). No dia seguinte, terminado o trabalho, às 19.00 horas, os formadores foram acompanhados (de autocarro, metro e taxi) até ao hotel Homs (de 4 estrelas), perto da Praça de Espanha, onde alojaram.

No dia seguinte, quarta-feira, a formação terminou ao fim da manhã, seguindo-se um *almoço de trabalho,* com a Prof.ª Stegagno Picchio. Ao meio da tarde (16.00 horas) os formadores aceitaram o convite para conhecerem a «coroa» de colinas que circundam a sul a cidade de Roma – os *Castelli Romani* –, visitando Castelgandolfo, Grottaferrata e Frascati, passando pela Via Appia Antica e reentrando em Roma pelo bairro EUR. Depois da manhã dedicada à *Formação Complementar,* a Prof. Antónia Trindade teve ao almoço a companhia de Manuela Borges e, às 15.30 horas, dava-se início ao primeiro dia de aulas do ano letivo, para a Primária e o Curso Geral.

O almoço do último dia de formação teve a presença do Cônsul de Portugal, Dr. José Manuel Pessanha Viegas e, às 15.30 horas, tiveram pela primeira vez aulas nesse ano os alunos do Curso Complementar e do 12.º Ano. Às 18.00 horas, teve lugar uma reunião dos professores do II ciclo (em casa do Prof. Manuel Carreira) e, às 20.30 horas, o jantar na referida «catedral» gastronómica, junto ao Rio Tibre – um antigo palheiro, também refúgio de "brigantes". Terminou à meia-noite.

Foram duas semanas «cheias», incluindo o sábado: nesse dia, houve trabalho na sede da EPER, de manhã e de tarde, com Isabel Minervini (arrumação das salas, horários...). Finalmente, a manhã do dia 14, domingo, foi dedicada à «preparação do material para a Missa» de inauguração do ano e da documentação a distribuir aos professores (listas dos alunos, fotocópias dos horários...).

Uma reflexão póstuma

As páginas atrás são um pequeno tributo à importância da memória: *antes de aprender a conjugar os verbos na voz ativa, somos conjugados na voz passiva: amados, expostos à cultura, ensinados, iniciados à história que nos precede*. Mas são também uma pequena amostra daquilo que, periodicamente, ao longo de décadas, cada Estado "investe" para uniformizar o sistema de ensino, para forma(ta)r os seus agentes de modo que possam "transmitir" aos cidadãos competências adequadas às exigências do funcionamento da vida social, económica e cultural segundo princípios que correspondam ao modelo de sociedade que deriva da dinâmica e do confronto de visões (e ideologias) dos governos (partidos) que se sucedem no poder.

A deslocação a Roma de 4 "formadores", apesar de terem ficado alojados num hotel caro, perto da histórica e centralíssima Praça de Espanha, assemelha-se à partida de missionários portadores de uma visão "superior" de civilização, do modo de pensar, sentir e agir – neste caso, no âmbito escolar. Uma embaixada cara e que, certamente já naqueles tempos de ainda incipiente democracia e liberdade em Portugal, davam azo a leituras diferentes da sua razão de ser.

Em boa fé, animados de espírito de missão a cumprir, os excelentes *formadores* forneceram aos *formandos* da EPER as "ferramentas" do ofício de bem ensinar, de "cavalgar toda a sela", ajudando a melhorar a performance dos docentes que escutaram as suas doutas instruções e foram abundantemente irrorados por materiais eruditos, "avalizados" e avaliados pela experiência dos que se dedicam a formar formadores. Isso confere certamente ciência e "proficiência" aos mestres da didática, promotores/acompanhantes dos processos de ensino-aprendizagem… Mas, em Roma, teriam eles noção de quem eram verdadeiramente os destinatários da sua ação – diretos (professores) e indiretos (alunos)?

A aplicação, no terreno, das técnicas e do instrumentário de que se proveram os participantes naquela semana de formação não eram já eles *apóstolos exímios* e *professores excelentes* no desempenho das suas funções? Mesmo que lhes minguasse alguma estratégia ou arma supostamente "científicas" (improváveis, em matéria de ciências humanas) para garantir o sucesso da aprendizagem, esse êxito era já alcançado em Roma graças à motivação e ao compromisso dos intervenientes naquela aventura de ensinar/aprender… muito em pouco tempo. Pode-se afirmar que tanto os professores como, sobretudo, os(as) aluno(a)s davam já o máximo, conhecendo o caminho mais curto para chegar à meta: eram já mestres os que aprendiam a ensinar; eram já excelentes os alunos que aproveitavam ao máximo o que tinham de aprender.

Dir-se-ia que as ações de formação dessa semana, sobretudo se evocadas à distância de algumas décadas, fazem parte da *arqueologia pedagógica* e servem para… justificar a existência no ME de funcionários alcandorados à categoria de formadores e inspetores incumbidos da "nobre" missão de elevar o nível de qualidade das "aulas", criando para o efeito escrutinadores e *arquitetos* de muita burocracia e muita… papelada. Um esforço que se torna "desnecessário" (para não dizer outra palavra) quando se esquece o mais importante: o conhecimento da realidade no terreno e a necessidade de adaptação a cada situação concreta – uma realidade, no caso da EPER, feita maioritariamente de pessoas nascidas numas ilhas do Atlântico e mal integradas nas tradições culturais da lusofonia, estudantes já inseridos no mundo do trabalho, em condições de inferioridade "negocial" e salarial…

No estrado, sem vara na mão nem réguas a ameaçar punições, estavam pessoas bem conscientes do papel que lhes cabia, interagindo e respeitando os ritmos e as capacidades de aprendizagem dessas pessoas, sabendo também que, para a maioria, o pouco que pudessem "assimilar" dos programas fabricados nos ministérios seria imenso (suficiente) para as necessidades efetivas da sua vida real. E que essa mesma abordagem servia para os que ambicionavam chegar à universidade: permitia-lhes inserir-se e aguentar o ritmo dos outros caloiros, num universo feito de diversidade, apanhando e acompanhando os colegas a partir dos saberes adquiridos no escasso tempo que podiam dedicar à escola, e correspondendo às exigências das faculdades universitárias que viessem a frequentar. Não faltavam exemplos desses "êxitos" universitários saídos da EPER.

Quanto à missão cumprida pelos formadores lisboetas em Roma, o mais importante terá sido a boa recordação, recíproca, que ficou na memória de cada um. Oxalá. Os responsáveis pela Escola esforçaram-se para que tudo decorresse da melhor forma e correspondesse às melhores expectativas – não deixando de "acolher" os enviados com os requintes de uma hospitalidade genuína e generosa.

Bispo do Funchal na EPER | Missa e Magusto

O dia 18 de novembro, um domingo, foi marcado pela visita do presidente da Comissão Episcopal para a Emigração, D. Teodoro de Faria, que presidiu à missa dominical, celebrada em português, na capela do "Instituto Santa Agnese", e participou no magusto – o evento anual que reunia sempre uma grande parte da comunidade portuguesa emigrante em Roma. Na homilia, o bispo do Funchal repetiu vários episódios significativos das visitas que efetuava às comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo e quis felicitar com palavras de encorajamento todos os que, sendo emigrantes, *sabem, ao mesmo tempo, aproveitar as possibilidades de valorização humana, profissional e cultural com que deparam*.

Na organização e animação destas atividades extracurriculares, a Escola continuava a contar com a preciosa colaboração do P. Mário Mafioletti, dos Padres Scalabrinianos[1]. Com o seu grupo de apoio, o famoso *zoccolo duro* – escreve o boletim 17 –, o padre Mário *dinamizou a festa que não teria sido possível, por outro lado, sem o empenho das Cooperadoras da Família na equipa encarregada de assar as castanhas!* A organização do magusto era apanágio da Obra de Santa Zita.

*** *** ***

Um mês depois, no dia 16 de dezembro, os mesmos protagonistas voltaram a "brilhar", organizando na Escola a festa do Natal. Coerentemente com o sentido da sua presença e atividade no Instituto ao serviço dos imigrantes, os missionários *escalabrinianos* dinamizaram uma concelebração eucarística na capela do Instituto, presidida pelo vice-diretor da Caritas (P. Ângelo Bergamaschi), e com a presença das diversas comunidades de língua portuguesa, da comunidade italiana e da comunidade filipina.

Seguidamente, repetindo uma das tradições de todo o mundo cristão, mas especialmente italiana (pois o presépio foi «inventado» por Francisco de Assis, em *Greccio,* na província de Rieti (Itália central), teve lugar, à semelhança do ano anterior, a inauguração do presépio, realizado pela comunidade italiana, a que todos os presentes se associaram. No auditório-teatro do Instituto decorreu a seguir a parte mais "apetecida" da festa, isto é, danças e cantares filipinos, sombras chinesas, executadas pelos alunos do 2º ciclo do Ensino Básico de Adultos, e vários números com a participação das crianças do Ensino Básico Infantil.

A coroar tanta animação e para lhe dar pleno significado, o encontro terminou – lê-se ainda no boletim 17 da AEPER – *com um lauto banquete, fruto da boa vontade e da partilha das diversas comunidades presentes na festa. Reinou um verdadeiro clima natalício na celebração da Escola.* Presentes nesta tarde de festa e de partilha de emoções próprias da quadra natalícia estiveram, além do vice-responsável da Caritas, a Srª Lidia Pittau, colaboradora da Caritas-Imigrantes. Infelizmente, quem escreve não participou nestes momentos de celebração e festa (encontrando-se ausente), e não dispõe de outras fotos.

---

1 – Já os devíamos ter apresentado, embora dispensem apresentação: os "Escalabrinianos" são uma Congregação religiosa formada por padres e Irmãos, fundada em Itália por João Batista Scalabrini, tendo por missão a assistência aos migrantes nas mais diversas áreas. Presente em mais de trinta países, em Portugal a paróquia de Amora, na diocese de Setúbal, devido às características multiculturais, está desde 1971 confiada aos cuidados pastorais dos missionários desta congregação. O antigo "capelão" da EPER foi um dos sacerdotes que, a partir de 1993, nela passou a exerceu o seu ministério sacerdotal [https://www.paroquia-amora.pt/paroquia/parocos/]

O (ir)real quotidiano

Nesta e nas páginas seguintes, são apresentadas algumas «minudências» que preencheram os dias e semanas da primeira metade do ano de 1991, e que ajudam a melhor situar e compreender os momentos «solenes» desse ano em que se assinalou o XX aniversário de fundação da Escola. Referidas à guisa de *Diário* (sendo em parte vivências e/ou experiências pessoais), integram, numa perspetiva diferente, esse prato forte de exposições e conferências que celebraram o evento e fornecem – assim esperamos – um quadro mais completo e verdadeiro desse ano fundamental da História da EPER

O dia 4 **janeiro** foi dedicado à reorganização do ano letivo. No dia 8 janeiro houve uma *Reunião da Comissão para o Projeto de Estatutos da Escola*, estando presentes os professores *José Manuel, Ugo Olivieri, Juliana Olivieri, Giorgio Olivieri, Fernando, Isabel, José Maria, Manuel Carreira, Odete Martins*. Como aconteceu algumas outras vezes, pareceu e soube bem aos membros dessa comissão *coroar* esse dia de trabalho, prolongando-o numa troca de ideias, sentados a uma mesa da Pizzeria *Al Consolato Sardo*.

No dia 12 de janeiro, sábado, às 16.00 horas, houve *reunião do Conselho Diretivo* finalizada à *preparação do XX aniversário*. Às 19.00 horas, trabalho na/para a Exposição Fotográfica que teria lugar no dia 31. Em meados de janeiro, nos dias 16 e 17, foram tiradas 250 fotocópias do boletim nº 17 da AEPER, «autenticadas» no dia 18 com o carimbo da EPER.

No dia 19, uma semana depois da anterior, nova reunião do Conselho Diretivo, tendo como assuntos na ordem de trabalhos; *Contabilidade. Passeio. Bebidas 27/12. Magusto. Pedido de material didático + livros. Curso de Português: sondagem para melhor dia da semana...*

No dia 20, às 17.30 horas, foi dada uma aula de Introdução à Política. No dia 22 de janeiro, houve necessidade de substituir os professores de um dos níveis de Português e de História, no Curso Geral. No dia 26 janeiro, realizou-se uma Assembleia geral dos professores, que se prolongou das 15.00 às 22.00 horas. Por a data coincidir com o período de final de semestre nas universidades (Gregoriana), com exames a requererem todo o tempo e energias dos seus estudantes, estiveram ausentes os professores jesuítas, exceto Nuno Gonçalves, José Manuel Nave...

Aproximando-se a data de abertura oficial das comemorações do XX aniversário, toda a manhã do dia 27 de janeiro, domingo, das 9.00 às 12.00 horas, foi dedicada ao acabamento da estrutura para a Exposição fotográfica.

Na terça-feira seguinte, dia 29 de janeiro, houve de novo aulas de Int. à Política e, às 17.00, necessidade de substituir um professor de História no CG (o mesmo sucederia no dia 7 de fevereiro). Depois, trabalho até às 22.00 horas, preparando a Exposição fotográfica.

No dia 30, de manhã, com a colaboração da prof.ª Isabel, ficou definitivamente pronto o espaço para a exposição, cuja organização definitiva, graças à colaboração de outros professores, se deu por concluída às 21.00 horas desse dia. Ao concluir o trabalho e refletindo sobre a importância do evento do dia seguinte, auspiciou-se que esse e outros atos solenes e importantes, *não se sobrepusessem nem diminuíssem a autenticidade do trabalho normal e habitual da Escola e a participação convicta e responsável de todos*.

A «Festa» do dia 31 foi vivida com euforia e encheu merecidamente de orgulho os principais responsáveis pela sua organização mas, como acontece após as grandes «celebrações», o regresso à normalidade da vida, nos dias seguintes, obrigou a refletir e a olhar para trás com realismo, reconhecendo *(col senno di poi),* o que podia ter corrido melhor. Uma observação crítica feita à exposição teve a ver com a "exclusão" de algumas fotografias, de pioneiros da Escola, excluídas por não terem dimensões/qualidade adequadas: eram certamente «preciosas», mas tinham sido pedidas para serem publicadas no *Livro comemorativo,* que não veio a concretizar-se, e pareceu a quem trabalhou no «allestimento» da exposição que perderiam ali o seu impacto... Além disso, a comemoração ocorreu na *moldura* solene das individualidades presentes, mas faltaram «caras» importantes, entre as quais – pelo motivo já referido – os

professores jesuítas, a «cofundadora» e o Reitor do IPSAR (mas este seria um tema para uma análise noutro tempo e noutro espaço). Esta e outras reflexões não podiam deixar de provocar algum desânimo e preocupação em quem se dedicava de alma e coração à Escola...

Manuais

No dia 9 de fevereiro chegaram manuais para as aulas do curso extracurricular de Português, «Dia-a-Dia», e foi necessário ir pessoalmente ao aeroporto recebê-los. O transporte terá sido feito graciosamente pela TAP.

No dia 11 de fevereiro, uma segunda-feira, realizou-se uma reunião do Conselho Diretivo para abordar a *questão dos Estatutos:* tratava-se de um tema sobre o qual era difícil saber exatamente o que fazer, como proceder, que vantagem ou necessidade havia de alterar os «velhos» (ainda recentes) estatutos. Em causa, estava porém a legalização da EPER em Itália, cujo processo requeria certamente pelo menos algumas adaptações.

Nessa reunião falou-se também da visita do Embaixador de Portugal em Itália à Escola, sendo necessário propor uma data e definindo os temas a abordar e os problemas a apresentar, nomeadamente para uma substancial melhoria, ou confirmação, do ótimo estado das relações com os Serviços Consulares; e falou-se igualmente da necessidade de melhorar a contabilidade escolar, tornando-a mais clara, pois, alegava-se, haveria nela demasiadas "parcelas".

Finalmente, um outro assunto abordado foi a partida de Roma do Cônsul, o Dr. Pessanha Viegas, falando-se então em organizar para ele uma despedida, em abril. No dia 28 de fevereiro realizou-se outra reunião do Conselho Diretivo.[2]

No dia 3 de março, a Missa não foi celebrada pelo P. Mário e, no dia 5 , verificou-se «um segundo assalto à Escola». Não dispõe quem aqui escreve de elementos para quantificar o montante nem descrever os objetos ou valores furtados, mas ter-se-á tratado essencialmente de dinheiro. E acontecia pela segunda vez!

Ainda em março de 1991, no dia 12, o abaixo-assinado fez a 3ª substituição do professor Sérgio Diz Nunes na disciplina de Introdução à Política, garantindo depois o trabalho da/na Secretaria.

No dia 21, por ocasião do *Dia da Árvore,* o Embaixador de Portugal visitou a Escola e realizou-se um encontro, na Embaixada, com o Presidente do Instituto e Apoio à Emigração.

No dia 23, reuniu-se mais uma vez o Conselho Diretivo. Na ordem do dia, o Passeio do dia 25 de Abril, o reconhecimento dos cursos pela (ou através da) Embaixada; questões relacionadas com a colaboração oferecida à Escola pela TAP+IPSAR/ICE; a realização do «*Livro XXº: se não houver subsídios?!»* E, ainda, o pedido de exames para o 2º ciclo. Interessará relativamente, mas a celebração do Domingo de Ramos teve ensaio dos cânticos no dia 24. Destes eventos conserva-se uma notável documentação fotográfica.

Em abril de 1991, no dia 2, realizou-se um encontro de uma parte do Conselho Diretivo – Nuno

2 – A diminuição do tempo de trabalho prestado na Escola por quem ainda era seu diretor, o redator deste trabalho, devia-se aos acrescidos compromissos que o obrigavam a períodos mais ou menos prolongados de ausência de Roma, nomeadamente para organizar previamente (sopralluoghi) e acompanhar o Papa João Paulo II nas suas viagens, dentro e fora de Itália. Aconteceu, por exemplo – e refira-se apenas este – com a visita pastoral a Portugal, que o levou a deslocar-se por duas vezes a Lisboa e Fátima (19-23 de fevereiro e de 7 a 14 de maio). Isso não impedia o cumprimento dos compromissos assumidos com a lecionação nem a realização de tarefas menos exigentes, àsa vezes, mesmo "comezinhas", como, por exemplo (no dia 12 de fevereiro), reparar o quadro de uma das salas de aula, levando de casa os "*ferri del mestiere*" necessários: uma chave de papagaio e cola...).

Gonçalves, Isabel Minvervini e o diretor – com o Embaixador de Portugal, na sede da Embaixada, onde ficou também combinado que o «encontro» de despedida do Cônsul seria no dia 10, com *todos os professores*. Nessa terça-feira, às 17.00 horas, houve uma aula de substituição na disciplina de Inglês, do Curso Geral, e trabalho de Secretaria até às 20.30 horas.

No dia 8, às 19.00 horas, reuniu-se o Comité organizador das comemorações do XX aniversário. Após esse encontro, realizado em casa da família Olivieri (Via Calatafini, 18), dois dias depois deu-se seguimento às diligências para a legalização da Escola em Itália: para esse efeito, às 9.00 horas do dia 10, o diretor e o prof. Giorgio Olivieri encontraram-se no *Ministero degli Affari Esteri* com a funcionária Sabina Sabatini. Nova deslocação à *Farnesina* e novo colóquio com esta funcionária aconteceram no dia 24 de maio.

No domingo, dia 14 de abril, verificam-se algumas dificuldades para fazer funcionar regularmente as aulas do segundo ciclo, registando-se algumas ausências de professores. Em meados desse mês, houve dois registos de sinal oposto: o persistir de algumas dificuldades no plano da indisciplina , por parte de alguns alunos, comprometendo o regular funcionamento das aulas – intervalos demasiado longos e barulho – e a chegada de livros à Escola, de que se falará a seguir a esta *crónica* (para a apresentação dos respetivos documentos).

Uma parte do tempo do dia 18 foi dedicada a falar com o senhor Baiocchi, colecionador de obras de Arte, para organizar uma segunda exposição, neste caso, de pintura, o que não deixaria de exigir tempo e energias e de provocar também alguns inconvenientes, nomeadamente quanto a inevitável distrações e perturbação do ambiente normal de aulas. A iniciativa era, porém, considerada importante e não faltou entusiasmo com mais esta manifestação… comemorativa do XX aniversário de fundação da EPER.

O encontro formal da Escola com o novo Embaixador de Portugal em Itália só viria a ter formalmente lugar no dia 21 de abril, às 19.00 horas, estando presente também o diretor da TAP, Sr. Manuel Bagorro. A segunda exposição fotográfica – dedicada a artistas africanos (encontra-se documentada mais à frente, neste mesmo capítulo); na tarde do dia 22, das 14.00 às 19.00 horas, fez-se a *desmontagem* da exposição inaugurada no dia 31 de janeiro e, logo de seguida, às 20.00 horas, teve lugar uma reunião do Conselho Diretivo. Os temas nela abordados, registados em duas páginas do *Diário*, foram:

XX Aniversário

- Eliminar iniciativas que sejam demasiado exigentes quanto a tempo, energias e recursos.
- Preparar uma – e só mais uma – manifestação solene para recordar o aniversário: concerto ou exposição de Arte (pintura) Africana.
- Investir o máximo na publicação de um boletim extraordinário da AEPER e de um Dossiê (em substituição do livro) com o máximo de documentação sobre a História da EPER.
- Concentrar todas as forças na recuperação do funcionamento regular e normal das aulas, incentivando a um maior envolvimento de professores e alunos para «salvar» o ano.
- Comprar computador/vídeo escritura como facto marcante do XX aniversário.

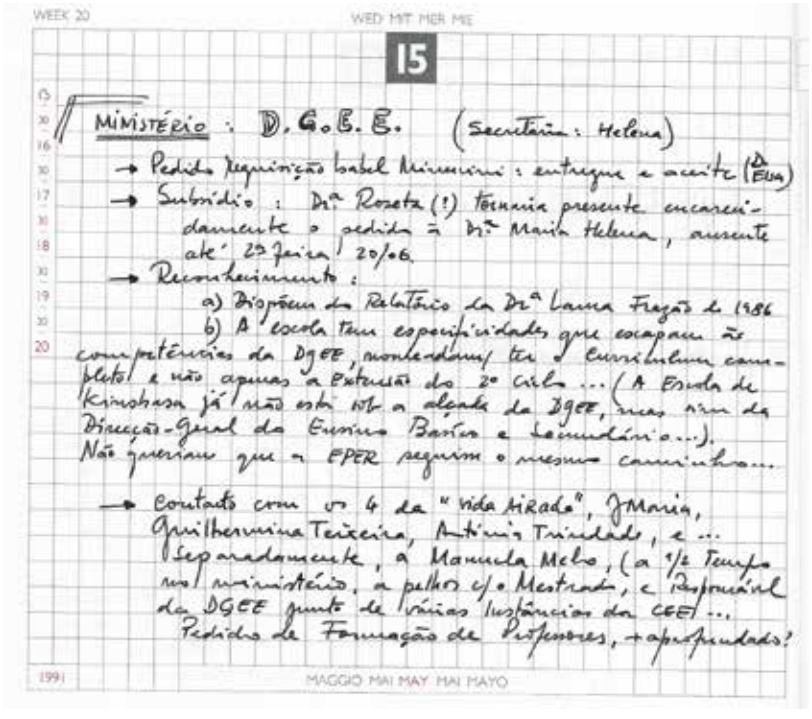
⇨ Visita do Embaixador à Escola.
⇨ Jantar de despedida do Cônsul (20/4).
⇨ Legalização da EPER: informação – apoio necessário para o
⇨ Reconhecimento dos cursos (Lisboa).
⇨ Último ato do atual cônsul: informação.

- ⇨ Novo Cônsul, Arq. Dinis da Gama: solicitar encontro.
- ⇨ Oferta de livros do ICALP: agradecimento. Comprar História de Portugal.
- ⇨ Organizar a Biblioteca com os novos livros. Local para jornais/revistas.
- ⇨ Calendário/horário dos exames. Passeio anual a Nápoles: síntese das informações e programa/material de apoio.
- ⇨ Cabo-Verde; pedido de apoio a entidades não-governamentais.
- ⇨ Centro Caritas: informação sobre o estado das relações com as outras comunidades...

Ter-se-ão conservado nalguma parte as atas desta e das outras reuniões do Conselho Diretivo desse ano? O seu conteúdo essencial ficou no entanto registado e é possível reproduzi-lo desta forma. Também não se conserva (para constar aqui) documentação da *cerimónia de despedida* do Cônsul realizada na Embaixada, no dia 30 de abril, até às 22.00 horas, mas ficou devidamente documentado o encontro de despedida promovido pela Escola, como se verá.

No dia 6 de maio realizou-se mais uma reunião do Conselho Diretivo, na qual se voltou a falar da Exposição de pintura «oferecida» pelo sr. Baiocchi, decidindo-se que teria lugar no dia 26/5. Outro tema dessa reunião, sem uma ordem de trabalhos previamente fixada, foi a edição extraordinária (Número Especial) do Boletim, que devia incluir um suplemento estatístico e depoimentos/testemunhos. O projeto de publicação de um *Livro comemorativo* estava ainda em aberto, mas não havia perspetivas de encontrar o necessário financiamento. Decidiu-se que no dia 23 de junho teria lugar a Festa de final de ano, com um programa vasto, incluindo sardinhas e vinho do Porto (ao cuidado do comité). Um problema também analisado era a *colisão* que viria a ocorrer entre as *festividades* da Escola, no dia 23/6, e a Missa em S. António: decidiu-se *informar o Instituto do programa da Escola*. Falou-se também da participação dos alunos num concurso, para o dia 10 de junho, e dos prémios TAP: «O melhor Aluno», mas... quais os critérios?

Registava-se a *nova era* instaurada nas relações EPER-Consulado e foram dadas informações sobre o encontro havido com o novo responsável pelos serviços consulares (Fernando, José Manuel, Isabel), do qual tinha sido lavrada ata. Quanto aos exames, seriam (ou ficaram) definidos o calendário e o horário, sobre os quais era necessário informar Lisboa e o Consulado. Propunha-se uma alteração do calendário, excluindo a segunda-feira (para ir ao encontro das exigências dos alunos, sendo um dia em que dificilmente poderiam libertar-se do trabalho). Devia-se também comunicar o dia/hora do exame de Italiano do 12.º ano. Outro tema ainda em apreço era a legalização da Escola...


WEEK 20 WED MIT MER ME

15

MINISTÉRIO : D.G.E.E. (Secretária: Helena)

→ Pedido requisição Isabel Minervini: entregue e aceite (D. Elsa)

→ Subsídio: Drª Roseta (!) ficou de presente encarecidamente o pedido à Drª Maria Helena, ausente até 2ª feira 20/06.

→ Reconhecimento:
a) Despacho do Relatório da Drª Laura Frazão de 1986
b) A Escola tem especificidades que escapam às competências da DGEE, nomeadamente ter o currículum completo e não apenas a extensão do 2º ciclo ... (A Escola de Kinshasa já não está sob a alçada da DGEE, mas sim da Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário...).
Não queriam que a EPER seguisse o mesmo caminho...

→ Contacto com os 4 da "vida airada", J.Maria, Guilhermina Teixeira, António Trindade, e ... Separadamente, a Manuela Melo, (a 1/2 tempo no ministério, a pedir c/ o Mestrado, e Responsável da DGEE junto de várias instâncias do CEE ...
Pedido de Formação de Professores, + aprofundados?

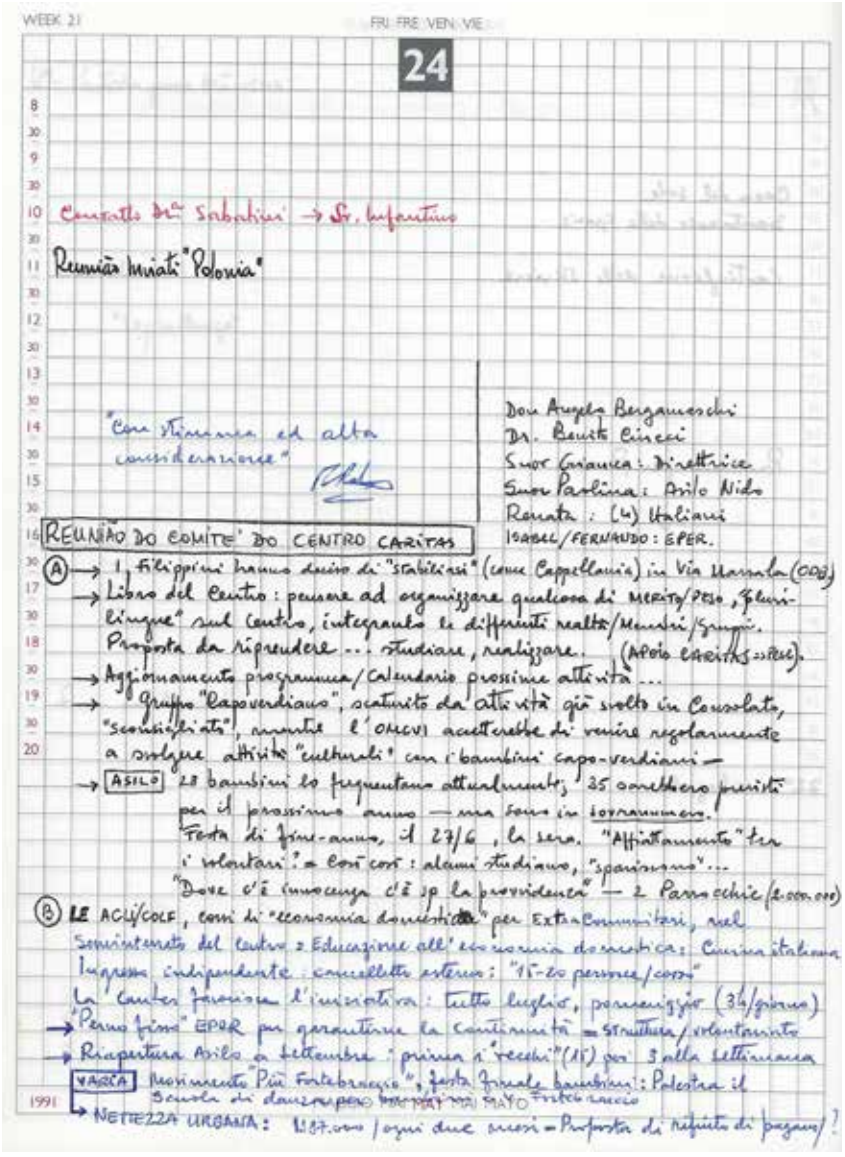
1991 MAGGIO MAI MAY MAI MAYO

Por ocasião da já referida deslocação a Lisboa, durante a segunda viagem de João Paulo II a Portugal, no dia 15 de maio, prolongando para isso a sua estadia em Portugal, o diretor teve encontros no Ministério da Educação – DGEE (Secretária: Helena). Foi apresentado o pedido para renovar a requisição da Prof.ª Isabel Minervini, entregue e aceite (D. Elsa); falou-se do subsídio: a Dr.ª Roseta apresentá-lo-ia *encarecidamente* à Dr.ª Maria Helena, ausente até ao dia 20/5; do reconhecimento da Escola. Existia o *Relatório* da Dr.ª Laura Frazão, de 1986, e observava-se: *A EPER tem especificidades que escapam às competências da DGEE, nomeadamente a ter o currículo completo e não apenas a extensão ao 2º ciclo! A Escola de Kinshasa já não está sob a alçada da DGEE, mas da*

DGEBS. Não gostaríamos que a EPER seguisse o mesmo caminho (deixariam de ter sob a própria tutela uma escola como a EPER, sem considerar que possíveis deslocações a Roma eram sempre uma agradável... perspetiva, independentemente das tarefas a cumprir). Houve tempo para contactar os técnicos do Ministério que tinham vindo à EPER, como formadores – José Alberto, Guilhermina Teixeira, António Trindade – e, separadamente, com Manuela Melo, a meio tempo no Ministério, *porque a trabalhar no Mestrado, e responsável da DGEE junto de várias instâncias da CEE*. Face à disponibilidade, e interesse, por parte do Ministério, ficou por fim o pedido de uma formação mais aprofundada para os professores da EPER.

No dia 24 de maio, depois de novo contacto no Ministério dos Negócios Estrangeiros (italiano), no qual, pelo apontamento, se percebe que a EPER subira, ou encontrara, um novo degrau a percorrer, caminhando de Caifás para Barrabás (a Dr.ª Sabatini indicava os serviços do sr. Infantino...), realizou-se uma reunião dos responsáveis pela gestão e funcionamento do Centro Caritas, estando presentes o P. Angelo Bergamaschi, o Dr. Benito Ciucci, a Ir.ª Gianna (diretora do Centro), a Ir.ª Paolina (responsável pela Creche dos filipinos (Asilo Nido), Renata, representante dos voluntários (ou centro) italianos e, em nome da Escola, Isabel Minervini e Fernando. Relendo, e transcrevendo, os apontamentos, em italiano, é fácil reviver essa reunião, momento importante de avaliação e balanço do «aproveitamento» que, de modo interdisciplinar, se fazia daquele Centro Inter- ou Multicultural e Multirracial. Vejamos, por partes e de forma esquemática, no vernáculo original e sem hermenêutica, o conteúdo desse encontro.

A. I filippini hanno deciso di stabilirsi, come cappellania in Via Marsala (ODB).
Libro del Centro: pensare ad organizzare qualcosa di merito/peso, plurilingue, sul centro, integrando le differenti realtà/membri/gruppi. Proposta da riprendere, studiare, realizzare (con l'appoggio della Caritas (spese).
Aggiornamento programma/calendario prossime attività.
Gruppo Capoverdiano – scaturito da attività già svolte al consolato, «sconsigliato», mentre l'OMCVI accetterebbe di venire regolarmente a svolgere attività «culturali» con i bambini capoverdiani
Asilo: 28 bambini lo frequentano attualmente – sarebbero previsti 35 per il prossimo anno, ma sono in sovra-numero.
Festa di fine anno: 27 giugno, la sera. Affiatamento tra i volontari? Così, così: alcuni studiano, «spariscono»... Ma, *dove c'è innocenza c'è sempre la Provvidenza* – 2 parrocchie: (2.000.000).



B. Le ACLI/COLF. Corsi di economia domestica per extracomunitari nel seminterrato del Centro: educazione all'economia dome-

stica – cucina italiana. Ingresso indipendente (cancelletto esterno): 15-20 persone a corso. La Caritas favorisce l'iniziativa. Tutto luglio, pomeriggio 3 ore/giorno.
«Perno fisso» EPER per garantirne la continuità = struttura/volontariato.
Riapertura Asilo a settembre: prima i vecchi (15), poi tre alla settimana.

VARIA: Movimento «Più Fortebracio», festa finale bambini. Palestra. Scuola di danza per bambini a Via Fortebraccio.
Nettezza urbana: 1137.000 lire, ogni due mesi. Proposta di rifiuto di pagamento.
É digno de nota o facto de se ter pensado em acrescentar aos grupos inicialmente acolhidos no centro, um novo grupo, de caboverdianos, de cariz cultural, que desejava poder dinamizar de modo mais eficaz, e em ligação com a Escola, atividades que já desenvolvia no, ou com o apoio do, Consolado de Cabo Verde: tinha sido... *desaconselhado*...

*** *** ***

Os apontamentos informam ainda que a Exposição de Pintura se abriu no dia 26 de maio, depois dos últimos *retoques* dados na manhã desse domingo e depois do funcionamento normal das aulas. Na terça-feira seguinte, houve nova substituição de Sérgio Nunes na disciplina de Introdução à Política e, no dia de S. Fernando (30/5), às 14.00 horas, foi feito o levantamento da situação de cada candidato a exame. No final desse dia esteve marcada uma reunião alargada de professores, para refletir e dar luz e força ao novo ano da EPER, mas foi adiada, *sine die* (talvez para 5/6). Nos primeiros dez dias de junho, o Autor destas linhas esteve mais uma vez ausente da Escola para acompanhar a visita de João Paulo II à Polónia e, de 11 a 15, realizaram-se os exames escritos. Os orais tiveram lugar no início da semana seguinte, nos dias 17 e 18.

Antes, no domingo, dia 16 de junho, realizou-se um encontro dos júris dos exames escritos, para *reflexão e análise da situação da Escola*. Finalmente, no dia 19 teve lugar a assembleia final dos professores, que elegeu uma nova direção da Escola para os anos seguintes. No dia 28, houve outra reunião do Comité de Gestão do Centro Caritas (Reunião final), da qual não constam dados. Retomemos o fio à meada, assinalando os momentos mais marcantes desse ano. Passemos aos factos, aos documentos, às imagens (antecipando aqui algumas delas).

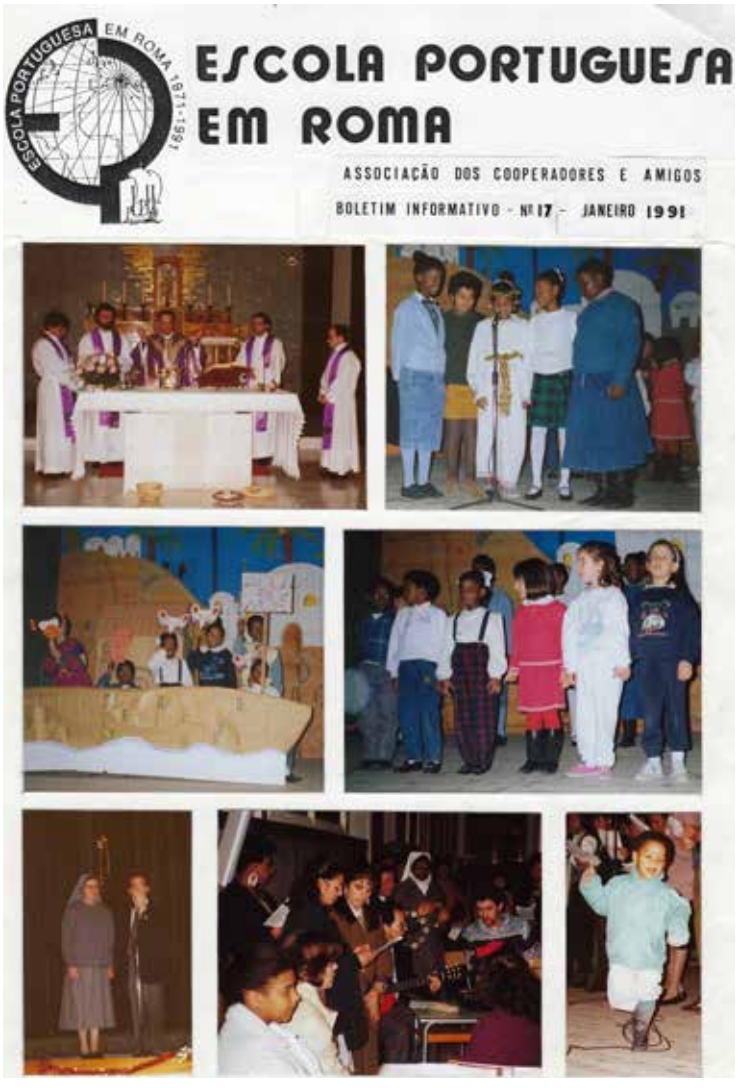
Vinte anos

O XX aniversário da EPER teve o merecido relevo e foi comemorado de forma condigna, embora não espalhafatosa.

Logo na própria sessão inaugural do novo ano letivo, a 7 de outubro de 1990, realizada no auditório do *Centro Cultural para Imigrantes* de Caritas Diocesana, com a participação de todos os professores e alunos, não faltaram oportunas referências à efeméride. Comemorar significa recordar e olhar em frente e, nessa sessão, foram apresentados os principais aspetos da Escola e do Centro, sendo apresentados os novos professores, o programa do ano letivo, o calendário das atividades previstas, o horário e a lista dos professores.

Em Roma, por outros motivos, esteve presente nessa sessão, entre outros, o jornalista P. António Rego, que aproveitou a ocasião para recolher material – entrevistas e informações – destinado a uma reportagem radiofónica na RDP sobre a EPER, comemorativa do seu vigésimo aniversário. O boletim da AEPER publicado em janeiro de 1991 completava a informação referindo que estiveram também presentes o Diretor da Caritas Diocesana de Roma. Mons. Luigi di Liegro, que usou brevemente da palavra, louvando e encorajando a atividade da EPER, além de alguns responsáveis da Embaixada de Angola em Roma.

O primeiro boletim informativo desse ano – o segundo seria um "Número Especial", inteiramente dedicado à efeméride – antecipava a forma (e o conteúdo) que iriam assinalar o aniversário. A capa, a cores, evocava alguns momentos vividos no final do primeiro período, com relevo para a Festa do Natal, como já acontecera no ano anterior – (ver cap. IX).



O ano letivo de 1990/91 – lia-se no editorial desse número – *marcou o vigésimo aniversário da ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA, que iniciou as suas atividades em 1970, respondendo aos apelos dos emigrantes de língua portuguesa que desejavam aprender a ler e a escrever.*

Foi longo o caminho percorrido desde então e muitas as vicissitudes por que a Escola passou para se conseguir manter, prosseguindo o seu objetivo de difundir a língua e a cultura portuguesas entre os emigrantes em Roma.

Por isso, no Vigésimo Aniversário de fundação da EPER, os alunos e professores da Escola decidiram meter mãos à obra para comemorarem condignamente o acontecimento.

Das iniciativas previstas fazia parte a elaboração de um *livro comemorativo* mas, como já se disse, apenas a *edição especial* do boletim informativo, com a história da Escola, narrada em textos e fotografias, estatísticas e depoimentos de antigos professores e alunos.

Além disso, ao longo do ano letivo, realizar-se-iam atividades de caráter cultural, recreativo e desportivo que

culminariam em junho numa Semana Cultural de encerramento. A inauguração oficial das comemorações teve lugar em 31 de janeiro de 1991, "com pompa e circunstância", quando a Escola se vestiu de festa para dar início às comemorações.

Presentes, além de alunos, professores e muitos amigos da Escola – informava a edição especial do boletim informativo –, *estavam ainda os Embaixadores de Portugal em Itália e junto da Santa Sé, respetivamente, Dr. Luíz Gaspar da Silva e Dr. João de Sá Coutinho, o Conselheiro da Embaixada Portuguesa junto da Santa Sé, Dr. Vasconcelos e Castro, o segundo secretário e o conselheiro cultural da Embaixada de Angola, o Cônsul de Cabo Verde e o Pe. Angelo, representante da Caritas.*

O programa iniciou com uma conferência pela Professora Dr.ª Luciana Stegagno Picchio que, de um modo brilhante e entusiasta, falou sobre a "Cultura Portuguesa no Mundo" dando um pouco [*sic,* no texto; «um breve»] *testemunho da sua vivência da cultura lusíada. No final da conferência usou ainda da palavra o Embaixador, Dr. Luíz Gaspar da Silva.*

Foi inaugurada uma exposição fotográfica documentando as alegrias e dificuldades da EPER ao longo dos seus vinte anos de existência.

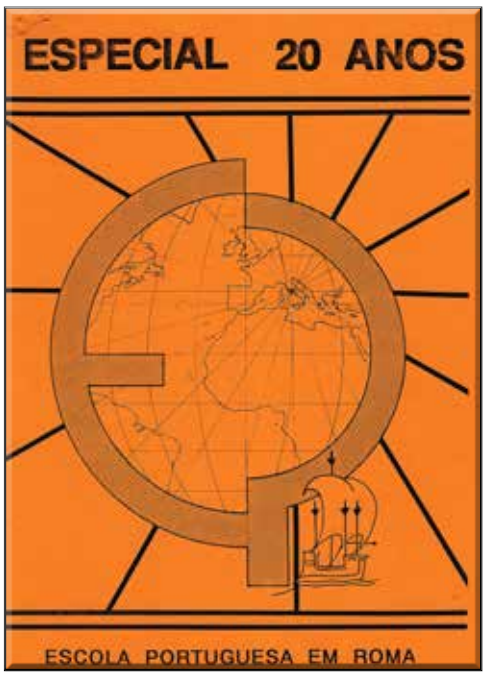
A festa terminou com um beberete em que participaram as Individualidades presentes e com uma ida de alunos e professores até à Pizzeria «Al Consolato Sardo», próxima da nova sede da Escola.

31 de janeiro de 1991 — Abertura das comemorações do XX aniversário da Escola, Ao lado, a intervenção introdutória do Prof. José Maria Pacheco Gonçalves, em nome do Conselho Diretivo. Abaixo e nas páginas seguintes, a palestra da Prof. Luciano Stegagno Picchio e momentos do convívio entre os presentes, visitando a Exposição Fotográfica que assinalou o evento.

Deste primeiro momento inaugural conservou-se uma abundante documentação fotográfica, de que se propõe aqui metade, mas em tamanho muito reduzido, remetendo o Leitor para um dossiê separado [«XXaniv-31jan91-ConfªExpoFotos»] que apresenta estas e as restantes em tamanho maior. Deve-se "contextualizar" a publicação elaborada para assinalar o aniversário: na apresentação, explicava-se por que razão não tinha sido possível publicar um verdadeiro *Livro Comemorativo do XX aniversário da EPER,* para o qual não teriam faltado energias, mas não se encontraram *quaisquer formas de financiamento especificamente destinado a esse fim.*

Após a inauguração da exposição, o suculento beberete, preparado e saboreado por todos no lugar, serviu apenas como aperitivo para uma mais substancial conclusão do evento, que teve lugar na pizzeria *Al Consolato Sardo,* nas imediações do Instituto. Participaram muitas autoridades que intervieram no ato de abertura das comemorações e o apetite foi "incrementado" por cantares apropriados, acompanhados pelas guitarras de Pedro Coutinho e Manuel Carreira.

Assim, decidiu-se incluir num número "Especial" do Boletim parte do material recolhido, aguardando melhor altura e melhor sorte para a abundante documentação fotográfica destinada a essa publicação.



Foram aproveitados dois depoimentos sobre as origens e os primórdios da Escola Portuguesa em Roma, que *descreviam publicamente, pela primeira vez, os passos da única instituição cultural portuguesa com continuidade de vida e trabalho em Itália em todos aqueles anos*. Seguiam-se *testemunhos de pessoas que encorajaram esse trabalho, ou dele beneficiaram,* e um conjunto de dados estatísticos que *documentavam eloquentemente, não só a quantidade, mas também a qualidade do trabalho realizado*.

Esse número "Especial" do Boletim integrava-se *no conjunto das iniciativas programadas e realizadas para comemorar os vinte anos de existência da Escola,* nele resumidamente descritos, constituindo ele próprio *como que a conclusão e síntese das comemorações, na medida em que delas* traçava *o registo e delas se* tornava "*memória*" *para o futuro*.

Era um número *especial,* destinado certamente às Entidades que ajudaram a Escola ou que com ela mantinham relações, mas destinado, antes de mais, *às pessoas que a foram fazendo e lhe continuavam a traçar o perfil, dela ou para ela, parcialmente vivendo*. Entre essas pessoas encontravam-se *benfeitores italianos e alemães* que seguiam com interesse e apoiavam materialmente o seu trabalho....

Para todos, esse trabalho – para o qual não faltou a colaboração de toda a comunidade escolar, e alguma externa, especialmente da Rádio Vaticano –, pretendia ser uma homenagem de reconhecimento e um programa de ação para o futuro. A primeira parte dessa publicação comemorativa, de 42 páginas, preparada para o final do ano letivo, com a data de junho de 1991, sintetizava em onze notícias os factos mais salientes dos 2º e 3º períodos: não dispondo de outra documentação a não ser algumas referências diarísticas e as "memórias vivas" desse período da vida da Escola, essas primeiras três páginas do boletim servirão precisamente para o ilustrar. Como se disse, um dos momentos altos do ato inaugural foi a conferência proferida pela Prof.ª Luciana Stegagno Picchio, à qual o Boletim dedicava duas páginas, publicando alguns excertos da mesma.

Seguia-se, abrindo a secção intitulada "memórias dos primórdios da Escola", os testemunhos de Manuel Morujão, sobre as suas origens, com o qual abrimos o primeiro capítulo desta narração, e de Silvina Palmeirim, também substancialmente já ilustrado no mesmo capítulo inicial deste trabalho. A partir da página 10, era dada a palavra a antigos alunos e professores da Escola que, pelo seu valor de reconhecimento e avaliação do trabalho realizado pela Escola. Esta transcrição não dispensa nem substitui a leitura dessas páginas na edição integral, em fac-simile.

Antigos alunos

Em 1975, com a coragem e a generosidade de uma jovem que anela dar resposta à sua ânsia de mais conhecer e amar, deixei a Madeira, pérola do Atlântico, para vir para Roma onde atualmente vivo com muito entusiasmo.

Alguns meses após a minha chegada a esta cidade antiga e importante mas caótica, pelo afluxo de imigrantes e alto nível de turismo, soube da existência da Escola Portuguesa onde um pequeno número de jovens portuguesas, com coragem e responsabilidade, empreendiam um caminho cultural sério e empenhado.

A Escola era então dirigida pelos padres jesuítas e mantinha-se devido ao regime de voluntariado. Foi neste período que comecei a frequentar a Escola como aluna do 5° ano do liceu e, depois, do Curso Complementar. Após esta preparação cultural, entrei num curso superior de assistente social, no instituto Universitário "Maria SS.ma Assunta". O curso incluiu três

anos de estudos intensos, nove meses de estágio e terminou com uma tese para a obtenção do diploma final.

Atribuo esta minha formação cultural e humana, e até espiritual, à Escola Portuguesa que proporciona a um grande número de jovens a possibilidade de se inserirem na sociedade com uma adequada preparação, tendo alguns conseguido diplomas superiores.

É meu dever agradecer à Escola a cultura que durante quatro anos recebi e a convivência familiar e amiga que nos proporcionava. Agradeço também a possibilidade de ter podido contribuir como professora durante cinco anos.

Desejo vivamente que a Escola Portuguesa em Roma continue a proporcionar aos alunos uma útil e adequada formação cultural e humana para que possam conseguir um futuro de acordo com as suas exigências individuais e se insiram plenamente na sociedade, contribuindo para um maior desenvolvimento do mundo de hoje.

Ilda Joaquina de Meneses

*** *** ***

Cheguei a Roma, em 1983, e pensava ficar só uns meses, pois queria continuar os estudos. Em Roma, porém, deparou-se-me a oportunidade de frequentar o 12° ano e acabei por ficar, sem interromper os estudos, Foi bom, porque o ambiente da Escola facilitou-me a inserção, num momento em que já me faltava a camaradagem do liceu.

Recordo-me da boa relação, sem formalidades, entre professores e alunos e da preocupação da direção da Escola em proporcionar aos alunos uma formação integral: nas aulas, conferências, visitas guiadas, acompanhamento pessoal dos alunos segundo as suas necessidades, etc. Achava muita graça também às atividades extraescolares em que até as pessoas que não frequentavam as aulas vinham conviver com os alunos. Os alunos, tal como os professores, provinham de Portugal, Brasil, África, Itália...

Aquilo que menos gostei foi o facto de ter de fazer exames, no fim do ano letivo, pois em Portugal basta ter a média suficiente para dispensar. Por outro lado, os alunos estudam mais, pois sabem que têm de estar preparados para os exames.

Maria Teresa Santos Almeida

*** *** ***

Chamo-me Maria Engrácia Guerreiro, sou alentejana e estou em Roma há cerca de vinte anos. Em Portugal, comecei a trabalhar desde muito pequena. Por causa da necessidade de trabalhar e também porque não tinha muito jeito para as letras, nunca tinha aprendido a ler e a escrever. Como adulta, tinha vontade de aprender mas, em Portugal, não era fácil, naquela altura, porque não havia escolas com horários compatíveis com os tempos livres de uma empregada doméstica. Além disso, ganhava pouco dinheiro para pagar a um professor particular.

Aqui, em Roma, tive a sorte de encontrar a Escola Portuguesa cujos horários coincidiam com os meus dias de folga. Foi assim que, nos anos de 1972-75, pude frequentar a Escola Primária e fazer o exame da 4ª classe. Lembro-me que éramos muitos alunos entre portugueses e cabo-verdianos. Havia grande camaradagem entre todos. Quando Cabo Verde se tornou independente, nós brincávamos muito com isso porque para nós era muito estranho termos passado a ter nacionalidades diferentes.

Hoje, esqueci já bastantes coisas, porque não continuei a estudar. Mas adquiri hábitos de leitura porque o meu sonho era poder ler e ser independente neste campo.

Maria Engrácia Guerreiro

*** *** ***

Sou de nacionalidade angolana. Vim para Itália por motivo de estudos e, durante quatro anos, fui aluna da Escola Portuguesa em Roma.

Falar da Escola é para mim um grande prazer e uma grande alegria. Quero, por isso, compartilhar convosco a rica e gozosa experiência que adquiri através dela no campo cultural e relacional. O meu contacto com a Escola leva-me a afirmar que, além de ser uma obra em função da instrução e educação dos alunos, é um espaço vital onde cada um se desenvolve como em família. É lugar de encontro, de convivência, de comunicação e de relação.

Referir-me agora à Escola Portuguesa, depois da experiência vivida, é aproveitar esta ocasião para dizer mais uma vez "Bem haja!" O meu agradecimento estende-se a todos os que foram promotores desta obra, aqueles que, apesar dos seus mil afazeres, a ela se dedicam, oferecendo o seu tempo e deixando muitas das suas ocupações e tempos livres. É muito tudo quanto dela temos beneficiado e fomos testemunhas de muitas generosidades.

Tocou-me, por sorte, viver os seus momentos difíceis, as horas duras do desalojamento sem garantia de novo espaço. Durante essa época,

aprendi dos responsáveis o que significa ser perseverante quando se trata de defender uma causa justa, lutando desinteressadamente em favor de um bem social. Por tudo isto, quero exprimir o meu "muito obrigada" a todos quantos mantêm, com o seu esforço e entusiasmo, a continuidade da Escola e asseguram a sua qualidade. Desejo que nada a impeça de garantir a outros os benefícios que vem oferecendo como serviço de promoção humana e social.

O meu reconhecimento, a minha amizade!

Martinha Lussinga

*** *** ***

Falar de experiências é sempre um assunto difícil, devido à nossa capacidade de expressão limitada que, muitas vezes, nos atraiçoa, não nos permitindo dizer o que gostaríamos. Contudo, é sempre possível dizer algo que mais nos tenha marcado na vida.

Para mim, a Escola Portuguesa, independentemente das suas limitações, problemas dos alunos trabalhadores e a própria estrutura, pode satisfazer muitas vezes as necessidades de cada um. Considero-a como uma família onde fui acolhida com carinho e respeito, um espaço onde pude desenvolver muitas das minhas virtualidades humanas, sociais e intelectuais.

A competência de muitos professores, o seu sacrifício, a sua disponibilidade e perseverança, apesar de tantos vendavais, foi para mim motivo de admiração e de maior entrega aos meus irmãos. Espero que a Escola melhore cada vez mais, em métodos, sobretudo.

Cristina Sandongo

*** *** ***

Realmente, o que vou expressar por palavras é quase nada em comparação com a experiência vivida.

Antes de mais, digo que para mim a Escola Portuguesa foi um aconchego, um ambiente acolhedor onde cada uma de nós, eu em concreto, me senti muito feliz. Observei que a Escola acolheu a todos os necessitados e famintos de formação. O relacionamento entre professores e alunos era cordial, simples e alegre.

Como aluna, senti e captei dos meus professores amor, dedicação e interesse para com cada aluno, animando assim a todos. Neste momento, recordo-me de alguns professores que dedicavam horas extraordinárias dando explicações para quem o desejasse e necessitasse.

Também não fui só aluna, pois colaborei dando aulas à Primária durante três anos. Foi um enriquecimento o contacto direto com as cabo-verdianas que são simples, alegres e enfrentam com serenidade as dificuldades.

Embora distante, recordo com carinho esse tempo tão feliz e que fez parte da minha formação, durante o tempo em que vivi em Roma.

Vitória Tjipukuu

*** *** ***

A minha passagem pela Escola Portuguesa foi muito rápida – apenas um ano – mas suficiente para poder apreciar o imenso bem, a vários níveis, que essa Escola proporciona aos emigrantes portugueses, cabo-verdianos e angolanos.

Posso testemunhar que usufruí dessa Escola não apenas os conhecimentos académicos de que precisava, mas toda uma experiência de solidariedade, de convivência, de amizade, de defesa e promoção da nossa cultura e, simultaneamente, de respeito e aceitação de outras culturas. Sinto que foi um intercâmbio de modos diferentes de estar na vida, de modos diversos de encarar as realidades e, por isso mesmo, de enriquecimento recíproco.

No ano 1977-78, fui aluna de duas disciplinas do Curso Complementar, inglês e Filosofia, lecionadas respetivamente pelo P. Peter Stilwell e Drª Silvina Palmeirim. Como, para terminar o 7° ano, me faltava a disciplina de Politica e a Escola não a lecionava nesse ano, estudei particularmente, orientada pelo Dr. António Feliciano de Oliveira, e a Escola facultou-me também o exame dessa disciplina. Lecionei, nesse mesmo ano, português à 4ª classe, sendo a grande maioria alunos cabo-verdianos. Só não continuei, nos anos seguintes, essa maravilhosa experiência, porque o meu horário de estudante universitária, durante a semana, não se coadunava com os horários da Escola. Nos domingos de tarde, tinha de atender, em nome do instituto Secular das Cooperadoras da Família, outras atividades pastorais, algumas delas em colaboração direta com a Escola, como por exemplo, festas recreativas e religiosas, além de excursões ou visitas de estudo.

É de sublinhar o sistema de voluntariado e a solidariedade no funcionamento da Escola. Os professores não recebiam qualquer salário e assumiam com toda a responsabilidade a sua missão de educadores, interessando-se pela situação concreta de cada aluno. Os alunos, por ocasião do Natal e da Páscoa, juntavam-se para oferecer aos respetivos professores uma

oferta simbólica, testemunhando, assim, a sua gratidão pelo bem recebido.

Em conclusão, a Escola era um espaço de encontro, um centro de cultura, e constituía uma verdadeira família onde cada um se interessava pelo próprio crescimento e pelo crescimento dos outros.

Maria de Fátima Castanheira Baptista

*** *** ***

Lembro-me que, em setembro de 1971, fui para Roma e, logo nos primeiros contactos com as emigrantes, começámos a falar nas aulas de instrução primária. Iniciámos essas aulas na nossa casa [Cooperadoras da Família], não me lembro com quantas alunas, mas sei que algumas foram fazer exame a Portugal. Ao mesmo tempo, apareceu um grupo que queria fazer o 5° ano do liceu, do qual eu fazia parte. Começámos a ter aulas com a Silvina e a Teresinha, na casa delas, até que surgiu a possibilidade de lecionarmos no instituto de Santo António dos Portugueses.

Os alunos eram cabo-verdianos, portugueses e um brasileiro. Os professores eram portugueses e brasileiros. Os alunos não pagavam nada, exceto quando livremente davam algum presente aos professores ou faziam alguma festinha para confraternizar. A maioria eram raparigas e só me lembro de um rapaz na primária e outro no secundário.

Iniciei dando aulas mas a mais beneficiada fui eu porque também estudava, fazendo duas matérias do Curso Geral por ano e completando-o em 1976-77.

Maria Raquel

*** *** ***

O que mais me impressionou quando cheguei, em 1979, foi ver que a Escola era um centro em que as pessoas se encontravam e recebiam alento, partilhando os mesmos problemas. A colaboração que a Escola estabelecia com os outros vários centros portugueses tornava-a um pretexto de unidade, com atividades que interessavam a todos e não só aos que queriam estudar.

Etelvina Nunes

*** *** ***

Testemunhos de alunos que frequentavam a EPER nesse ano letivo

Chamo-me Sandra Teixeira, tenho 28 anos e há um ano e meio que vivo em Roma. Estava ainda em Moçambique quando soube da Escola Portuguesa, através de uma amiga, Ana Rodrigues.

Quando me inscrevi na Escola, quase no fim do 1° período, não estava muito preparada para continuar a estudar, pois tinha deixado os estudos em 1982. Mesmo assim, com a ajuda dos professores, colegas e do material à disposição na Escola, consegui fazer quatro exames e passei a todos.

Este ano, estou a fazer as duas últimas disciplinas que me faltam do Curso Complementar e inscrevi-me também a três disciplinas do 12° ano. Desejo acabar a escola este ano porque, no próximo, gostaria de começar a estudar Sociologia na Universidade.

A Escola Portuguesa deu-me a possibilidade de estudar novas matérias, diferentes daquelas a que estava habituada pois, em Moçambique, as disciplinas e os programas são diferentes. Por isso, para mim foi uma novidade recomeçar a estudar.

Sandra Teixeira

*** *** ***

Quando cheguei a Roma, não tinha a menor intenção de estudar porque achava que o trabalho já chegava. Foram duas amigas, que diziam que eu tinha de estudar e não pensar só no trabalho, que me levaram, uma Quinta-feira, à Escola, para a conhecer. Ali encontrei o Diretor e disse-lhe logo que não vinha para estudar. Ele tanto falou comigo que, por fim, me convenceu e, nesse mesmo dia, fui assistir a uma aula. Ainda hoje não consigo entender como o Diretor me conseguiu convencer. Quando fui assistir à primeira aula, achei tudo estranho, com tanta gente nova e desconhecida. Mas só o primeiro dia me custou. Depois, ia para as aulas com muito entusiasmo e por minha própria vontade. Ao mesmo tempo, com muito esforço, porque trabalhava doze horas por dia ou ainda mais, com duas horas de descanso. Com força de vontade, com a ajuda dos colegas e de bons professores; consegui andar para a frente e estou agora no último ano do Curso Geral, tendo chegado apenas com o 1° ano.

Agora sei dar valor à Escola e penso que todos nós devíamos pensar num futuro melhor. Para

isso, é preciso estudar e não pensar só em trabalhar, porque com dinheiro mas sem cultura não somos ninguém.

Quando cheguei à Escola, em 1987, tínhamos aulas no instituto Português de Santo António. Como no ano seguinte nos foi impedido o acesso a este Instituto, as aulas passaram a ser dadas nas "catacumbas". Demos este nome a algumas salas que nos foram cedidas pela paróquia de Santo Agostinho. Ali, as condições eram péssimas, apesar dos esforços dos professores e alunos para as tornarem mais acolhedoras e alegres. Depois das "catacumbas", foi-nos dada esta Escola onde estamos muito satisfeitos e com condições impecáveis. As irmãs do Colégio são muito acolhedoras e tentam também ajudar-nos em tudo aquilo que podem. Por termos uma Escola como esta, devemos agradecer à Caritas que nos ajudou a melhorar as nossas condições escolares.

Gosto muito de estudar na Escola Portuguesa, embora me ocupe o meu tempo livre. Por isso, agradeço aos professores e colegas e, principalmente, ao Diretor por me ter ajudado a compreender que é importante estudar. Não estou arrependida.

Fernanda Gonçalves Pereira

*** *** ***

Antes de vir para Itália imaginava que a Escola [de Roma] *fosse semelhante a todas as outras escolas públicas. Porém, o que mais me surpreendeu é que os alunos são bastante fora do vulgar, na medida em que quase todos, jovens e adultos, mais velhos do que eu, trabalham e sabem o que querem da vida. Entre outras qualidades, são pessoas educadas e simpáticas.*

Dos professores guardo também a melhor impressão, pela sua simpatia e disponibilidade.

Tive dificuldade em habituar-me ao ritmo de aulas mais longas do que é habitual e custa-me pensar que daqui a dias terei exames a sério!

Gosto do ambiente mas esperava que aqui houvesse mais "pães", ou seja, rapazes giros!

Sílvia Ferreira

*** *** ***

Cheguei a Roma em setembro de 1988 e frequentei a escola desde essa data. Fiz novas amizades e encontro-me muito bem com os colegas e os professores, o que contribui para que o clima da escola seja esplêndido.

Esta escola foi para mim a possibilidade de dar valor ao estudo e à cultura na minha vida. Por isso, procurei aproveitar bem o tempo estudando desde o início do ano, procurando superar as dificuldades que foram aparecendo. Espero chegar ao fim do ano e ultrapassar com sucesso os exames das disciplinas em que me inscrevi.

Em Portugal fiz a quarta classe e foi em Roma que comecei o Primeiro Ciclo. Espero, no futuro, continuar a estudar até onde a minha capacidade e força de vontade chegarem. O meu sonho era ser advogada. Sei que será difícil de realizar, mas espero, pelo menos, tirar o máximo proveito dos estudos que estou a realizar, Tenho muita esperança no que estou a fazer por mim mesma e pelos meus filhos que, deste modo, poderei ajudar no futuro. É por isso que estou convencida de que a escola é fundamental.

Maria Eugénia Vieira Marques da Silva

*** *** ***

Frequento atualmente o Curso Geral. Tive conhecimento da Escola Portuguesa através de uma professora e decidi inscrever-me logo que pude.

A existência desta escola é muito importante para mim e para a maior parte dos trabalhadores. Ela vem ao encontro das nossas necessidades, adaptando até o seu horário aos nossos tempos livres. Deste modo, podemos trabalhar e estudar sem perder horas de trabalho. Espero que a escola possa continuar a existir por muitos anos.

Élia Ribeiro

*** *** ***

Sou cabo-verdiana da Ilha de São Vicente. Tinha vindo para Itália onde residia a minha mãe, com a ideia de seguir urna escola italiana para depois ingressar num curso de Enfermagem. Porém, a minha mãe soube que em Roma havia uma escola portuguesa onde eu poderia fazer o Curso Geral em português. Então preteri a escola portuguesa porque na minha língua os estudos seriam inicialmente mais fáceis.

Estou no nono ano e frequento a Escola há cinco anos. Pude até começar a trabalhar porque a divisão do curso por disciplinas permite-me um horário mais compatível com o meu trabalho. Além disso, os professores ajudam-nos muito, porque são muito disponíveis connosco.

Vera Lúcia

*** *** ***

Sou natural de Angola, tenho 28 anos e perten-

ço às religiosas da Companhia de Santa Teresa do Menino Jesus.

Em Angola fui estudante da Pré-Universidade de Ciências Biológicas, à noite, mas não pude concluir os estudos devido ao clima de guerra onde todos vivíamos. Os superiores preferiram mandar-me concluir os meus estudos aqui, em Roma, para depois voltar e poder ajudar o meu país.

E porquê na Escola Portuguesa?

Primeiro, porque é de expressão portuguesa; depois, porque a Congregação tem a experiência dos resultados positivos obtidos em tantas pessoas que aqui estudaram, fruto do sacrifício de todos os que direta ou indiretamente colaboram com a escola. Por isso, vale a pena corresponder à iniciativa dos fundadores, estudar com todo o afinco para depois poder servir os irmãos. Pessoalmente estou muito contente com a Escola Portuguesa.

Laurinda Nambongo

——— ——— ——— ———

Por ocasião da visita pastoral de João Paulo II a Angola, que decorreu de 4 a 10 de agosto de 1992, foi um prazer para quem aqui escreve (e para um jornalista da Rádio Vaticano) conhecer diretamente o trabalho das Irmãs Teresianas do Menino Jesus, na Paróquia de Santa Ana, em Luanda. Prazer e surpresa, pois, a exercer o cargo de Superiora da pequena Comunidade ali presente, *pro tempore,* estava uma antiga aluna da EPER, Fátima Kawate.

Foi com grande simplicidade, mas com alegria, amizade e gratidão que estas Irmãs angolanas receberam os visitantes, oferecendo-lhes o sorriso de boas-vindas que é timbre da alma africana e o que era costume – uma bebida fresca.

——— ——— ——— ———

A partir do boletim "Especial 20 Anos" podemos – e devemos – referir alguns dos momentos fortes da vida da Escola nesse ano de 1990-91, resumindo a "síntese" que nele se fez dos eventos marcantes, limitadamente ao 2º e ao 3º períodos.

7mar91

Duas comemorações

No dia 7 de março (sendo o dia oficial da «Festa» uma sexta-feira), celebrou-se na Escola Portuguesa em Roma o Dia Internacional da Mulher, que teve uma grande participação e decorreu em ambiente de festa. Tema dos "discursos" e atividades alusivas à efeméride foi o papel da mulher nas diversas culturas. Além disso, diversos grupos culturais – de Angola, Cabo-Verde, Itália e Portugal – declamaram poesias tendo como temática as problemáticas femininas.

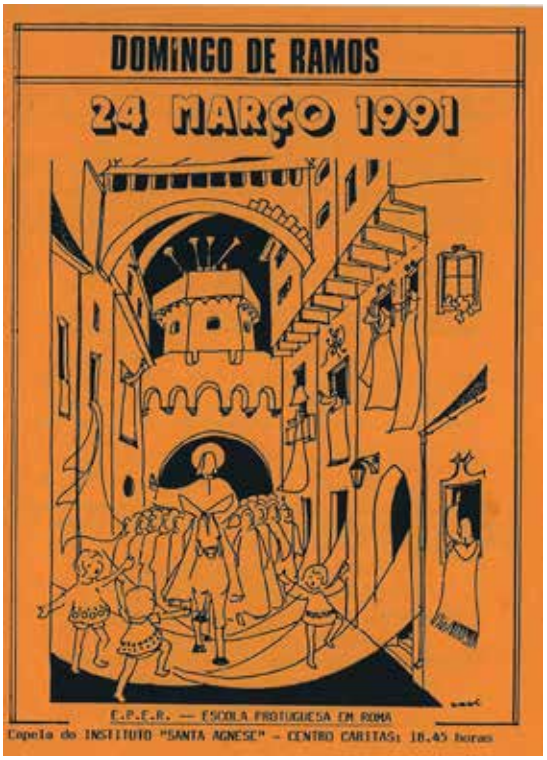
*** *** ***

24mar91

Domingo de Ramos

A celebração litúrgica do Domingo de Ramos, no final do II período, sendo uma das festas mais importantes do calendário da Igreja, comemorando a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, foi preparada com especial cuidado e teve na Escola um esplendor à altura do clima vivido nesse ano de outras comemorações e festas. Já atrás se disse que, antes da celebração, houve ensaio

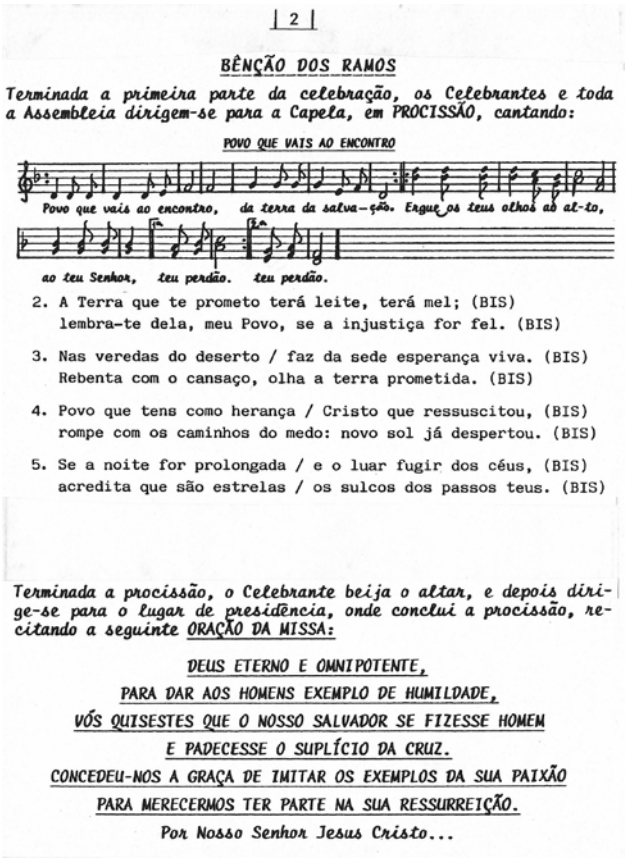
dos cânticos, os quais constavam num livrinho – de 20 página – com todo o ritual e, especialmente, o texto da narração da Paixão de Cristo, segundo o evangelista Marcos. O guião da celebração, com a capa reproduzida ao lado, foi oferecido não só ao pequeno coro de alunos/professores mas a todos os participantes, que puderam assim acompanhar e envolver-se mais diretamente num ato de culto que, no sentido etimológico da palavra, envolve a participação do povo (as verdadeiras *liturgias* acontecem hoje nos estádios de futebol)... A imagem da capa do guião mostrava uma bela representação do evento desenhado por um Amigo-benfeitor da Escola, alemão, Eugen Viehmann. No interior, além dos cânticos, com letra e música expressamente preparadas *(stencil),* a narração do drama da paixão de Cristo cujas passagens foram distribuídas por diversos leitores/atores, «encarnando», além do narrador, as figuras de Jesus, do sumo-sacerdote, Pedro, os discípulos, Judas, Pilatos, a criada, o centurião, etc. A concluir a celebração/representação, ecoaram em todo o edifício, a partir da Capela do Instituto, as notas vibrantes do ***«Vitória! Tu reinarás»,*** de D. Julián, precedidas por votos de uma «Santa Páscoa e de boas férias». Na contracapa do opúsculo, o logótipo da Associação. [Os interessados podem folhear todo o guião-opúsculo, em anexo «24mar91-DomingoRamos»].


DOMINGO DE RAMOS

24 MARÇO 1991

E.P.E.R. — ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

Capela do INSTITUTO "SANTA AGNESE" - CENTRO CARITAS; 10.45 horas


| 2 |

BÊNÇÃO DOS RAMOS

Terminada a primeira parte da celebração, os Celebrantes e toda a Assembleia dirigem-se para a Capela, em PROCISSÃO, cantando:

POVO QUE VAIS AO ENCONTRO

Povo que vais ao encontro, da terra da salva-ção. Ergue os teus olhos ao at-to,

ao teu Senhor, teu perdão. teu perdão.

2. A Terra que te prometo terá leite, terá mel; (BIS)
lembra-te dela, meu Povo, se a injustiça for fel. (BIS)

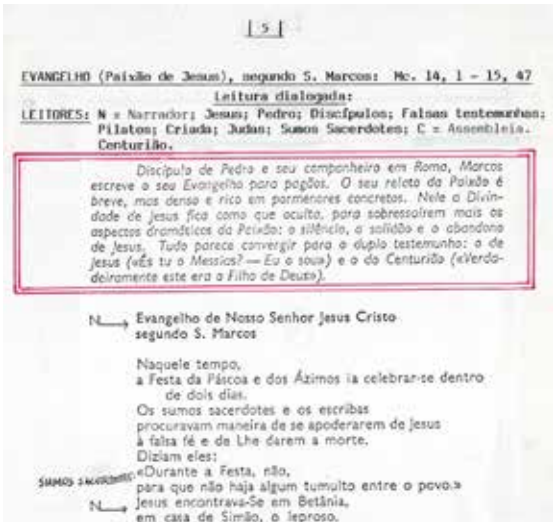
3. Nas veredas do deserto / faz da sede esperança viva. (BIS)
Rebenta com o cansaço, olha a terra prometida. (BIS)

4. Povo que tens como herança / Cristo que ressuscitou, (BIS)
rompe com os caminhos do medo: novo sol já despertou. (BIS)

5. Se a noite for prolongada / e o luar fugir dos céus, (BIS)
acredita que são estrelas / os sulcos dos passos teus. (BIS)

Terminada a procissão, o Celebrante beija o altar, e depois dirige-se para o lugar de presidência, onde conclui a procissão, recitando a seguinte ORAÇÃO DA MISSA:

DEUS ETERNO E OMNIPOTENTE,
PARA DAR AOS HOMENS EXEMPLO DE HUMILDADE,
VÓS QUISESTES QUE O NOSSO SALVADOR SE FIZESSE HOMEM
E PADECESSE O SUPLÍCIO DA CRUZ.
CONCEDEU-NOS A GRAÇA DE IMITAR OS EXEMPLOS DA SUA PAIXÃO
PARA MERECERMOS TER PARTE NA SUA RESSURREIÇÃO.
Por Nosso Senhor Jesus Cristo...


| 5 |

EVANGELHO (Paixão de Jesus), segundo S. Marcos: Mc. 14, 1 - 15, 47

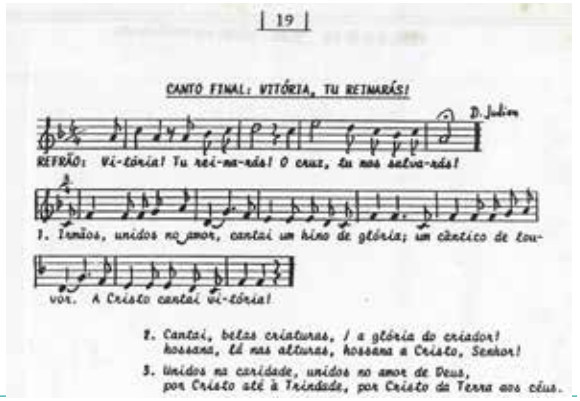
Leitura dialogada:

LEITORES: N = Narrador; Jesus; Pedro; Discípulos; Falsas testemunhas; Pilatos; Criada; Judas; Sumos Sacerdotes; C = Assembleia. Centurião.

Discípulo de Pedro e seu companheiro em Roma, Marcos escreve o seu Evangelho para pagãos. O seu relato da Paixão é breve, mas denso e rico em pormenores concretos. Nele a Divindade de Jesus fica como que oculta, para sobressairem mais os aspectos dramáticos da Paixão: o silêncio, a solidão e o abandono de Jesus. Tudo parece convergir para o duplo testemunho: o de Jesus («És tu o Messias? — Eu o sou») e o do Centurião («Verdadeiramente este era o Filho de Deus»).

N — Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo S. Marcos

Naquele tempo,
a Festa da Páscoa e dos Ázimos ia celebrar-se dentro de dois dias.
Os sumos sacerdotes e os escribas procuravam maneira de se apoderarem de Jesus à falsa fé e de Lhe darem a morte.
Diziam eles:
SUMOS SACERDOTES: «Durante a Festa, não,
para que não haja algum tumulto entre o povo.»
N — Jesus encontrava-Se em Betânia,
em casa de Simão, o leproso.


| 19 |

CANTO FINAL: VITÓRIA, TU REINARÁS!

D. Julián

REFRÃO: Vi-tória! Tu rei-na-rás! O cruz, tu nos salva-rás!

1. Irmãos, unidos no amor, cantai um hino de glória; um cântico de louvor. A Cristo cantai vi-tória!

2. Cantai, belas criaturas, / a glória do criador!
hossana, lá nas alturas, hossana a Cristo, Senhor!

3. Unidos na caridade, unidos no amor de Deus,
por Cristo até à Trindade, por Cristo da Terra aos céus.

Dia da Árvore

Também o Dia da Árvore, no início da Primavera, foi comemorado pela Escola, no dia 21 de março: a comissão organizadora do XX aniversário pensou em assinalar a data com a plantação de um pinheiro que assinalasse também os 20 anos da Escola. Para isso, fez-se uma pequena cerimónia no jardim do Centro Cultural em que se descerrou também uma lápide comemorativa e as crianças da Primária interpretaram uma canção alusiva ao momento.

O acontecimento teve a presença do Sr. Embaixador, Dr. Luiz Gaspar da Silva, que veio pessoalmente assinalar o evento – mas sem tempo para o desejado e anunciado encontro com toda a comunidade escolar: «Vim só dizer que não posso vir... e que *[o encontro]* fica para daqui a um mês – registou num apontamento o «cronista» do dia. De facto, a nova visita-encontro com a Escola viria a ter lugar exatamente um mês depois.

Encontro do Embaixador de Portugal com a Escola

Desde há bastante programado mas, por motivos *inadiáveis,* diversas vezes "*rimandato*", o primeiro encontro entre o novo Embaixador de Portugal em Itália, Dr. Luiz Gaspar da Silva (vindo da Embaixada de Paris), e a Escola Portuguesa em Roma só viria a ter lugar a 21 de abril, às 19.00 horas. Um primeiro encontro, mas da Escola com o novo Embaixador, tinha tido lugar no primeiro período, em 11 de novembro. Acompanhado pelo Cônsul, Dr. José Manuel Pessanha

Viegas, e pelo delegado da TAP-Air Portugal em Itália, Manuel Bagorro, esta visita à Escola serviu para o Embaixador conhecer o lugar de atividade da comunidade escolar e para falar da atribuição de dois prémios aos alunos.

Após a passagem pela Secretaria e uma breve visita aos locais da Escola, os visitantes dirigiram-se para o salão, onde teve lugar um encontro com a comunidade escolar, que decorreu em ambiente descontraído e familiar. O Diretor da EPER apresentou aos alunos os ilustres visitantes e o embaixador falou sobre a presença de uma Comunidade Portuguesa em Roma e da importância e necessidade da criação de uma Associação que reúna todos os portugueses.

Depois, Manuel Bagorro anunciou a oferta à EPER de três bilhetes para uma viagem de ida e volta a Lisboa, correspondendo dois ao "Prémio TA-P-Air Portugal", a atribuir a dois alunos cujo mérito a Direção da Escola destacasse, e um terceiro para tratar de *eventuais necessidades administrativas da Escola, em Lisboa*. Esta "benesse" foi utilizada pela Prof.ª Isabel Minervini, para contactos junto do Ministério da Educação, por ocasião de férias do verão em Portugal, como se verá mais à frente.

20abr91

Despedida do Cônsul de Portugal

No dia 20 de abril de 1991 a Escola despediu-se formalmente do Cônsul de Portugal, Dr. José Manuel Pessanha Viegas, oferecendo-lhe um jantar no restaurante *CASA NOSTRA* (Via di Monte Brianzo, 62). Estiveram presentes todos os elementos da Direção da Escola e outros membros do corpo docente, além da presidente do Conselho de Alunos, Maria de Jesus Pereira. A iniciativa era uma singela homenagem da Escola a quem tanto fez em prol da manutenção e consolidação desta instituição em terras de Itália, especialmente nos tempos mais conturbados e de luta pela continuidade da sua atividade, quando foi obrigada a sair das instalações que lhe serviram de berço e "Casa" durante mais de uma década e meia, no Instituto de Santo António... dos "portugueses".

O caloroso ambiente do abraço de despedida alcançou o ponto mais alto quando o próprio Dr. José Manuel Pessanha Viegas falou das ações em favor da Escola e de algumas das vicissitudes que observou ao longo do processo; por sua vez, a Direção recordou a dívida que a Escola sempre teria para com o homenageado, devido à sua importante e imprescindível atividade no sentido da afirmação da Escola e da normalização das relações com as autoridades portugue

As fotos (de diapositivos) na posse de quem escreve que documentam essa noite memorável foram atacadas pelo caruncho do tempo mas, mesmo assim, e reduzidas às mínimas dimensões aceitáveis, permitem imaginar a atmosfera e as emoções vividas nessa noite de "agradecimento" e merecida homenagem a um grande servidor de Portugal no estrangeiro.

sas. Sendo grande a "dívida" para com este digno e fiel representante de Portugal em Roma, a Escola não podia senão traduzir num gesto de gratidão o seu agradecimento e ofereceu-lhe, bem como à sua esposa, D. Noélia Pessanha Viegas, uma litografia de Guttuso e um ramo de orquídeas, acompanhados por um toque bem lusitano a traduzir saudade: alguns fados magnificamente interpretados por fadistas e guitarristas da Escola, nomeadamente os professores (e músicos) José Carlos de Miranda e Pedro Fernandez (Fernandes?) Coutinho.

Nessa ocasião, o Dr. Pessanha Viegas dedicou à Escola este testemunho escrito: *Na hora da despedida da Cidade Eterna gostaria de dizer uma palavra de apreço e de saudade pela amizade, correção e dedicação que sempre pautaram as nossas relações. Aproveito ainda para desejar as maiores felicidades e êxitos a nível escolar. Levo o exemplo de um trabalho extremamente sério e dedicado por parte dos professores e aplicado por parte dos alunos por mim testemunhado desde há mais de nove anos. Com muita amizade.*

*** *** ***

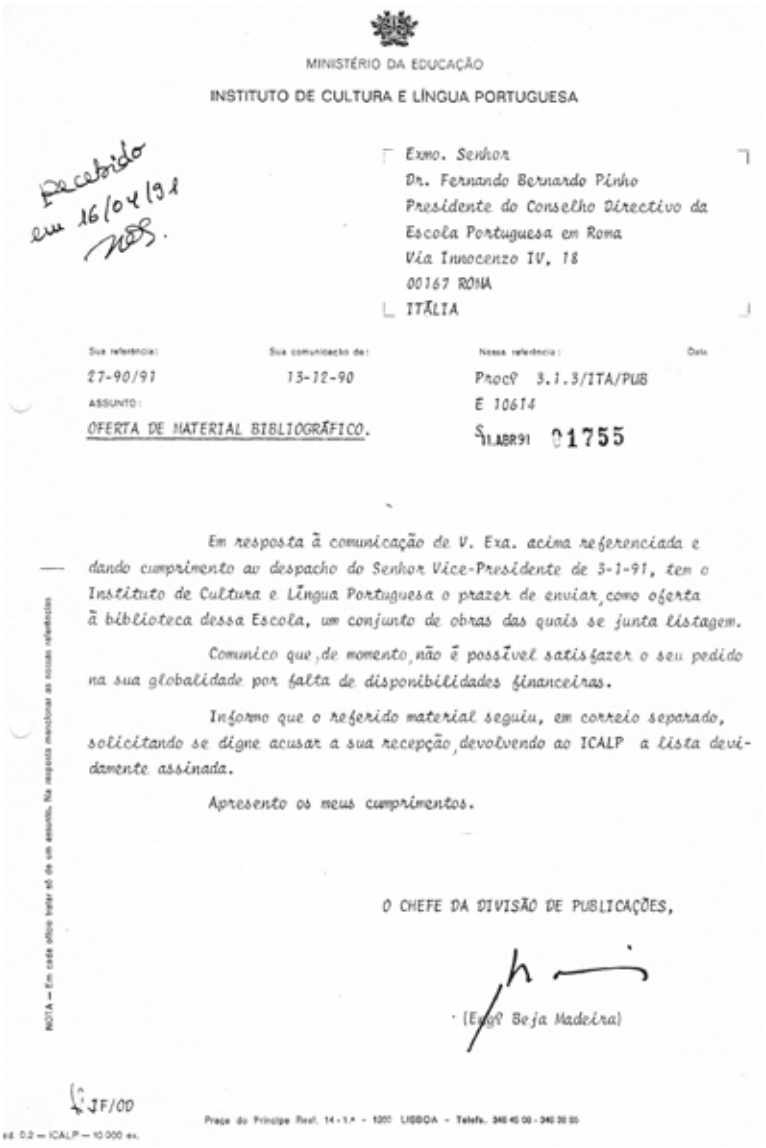
O sucessor do Dr. Pessanha Viegas como responsável pelos serviços consulares da Embaixada de Portugal em Roma[3] foi o Arq. Henrique Dinis da Gama: a 6 de maio, o Conselho Diretivo da EPER teve com ele um primeiro encontro, para a habitual apresentação de cumprimentos e para planificar o trabalho a realizar, sobretudo o mais urgente naquele momento: os exames.

22abril91

IC[A]LP oferece 148 obras à Biblioteca da EPER

Em 22 de abril de 1991, o ofício da EPER nº 36-90/91, dirigido ao Engº Beja Madeira, chefe de divisão de publicações do ICLP, na Praça do Príncipe Real, destinava-se a agradecer *a valiosa oferta do material bibliográfico,* constante numa lista anexa ao ofício 01755, de 11 de abril, que acabava de chegar à Escola. O ofício da EPER informava que tinha imediatamente começado a sua classificação, para facilitar a consulta e preservar esse conjunto bibliográfico, que *foi acolhido por todos os professores e alunos com viva satisfação,* ficando também *a assinalar o XX aniversário da Escola e o seu esforço de corresponder de forma mais eficaz à divulgação da língua e cultura portuguesa no mundo.*

O responsável pela EPER, referindo-se à indicação do ofício recebido, onde se lia que *de momento, não é possível satisfazer o seu pedi-*



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

INSTITUTO DE CULTURA E LÍNGUA PORTUGUESA

Recebido em 16/04/91

Exmo. Senhor
Dr. Fernando Bernardo Pinho
Presidente do Conselho Directivo da
Escola Portuguesa em Roma
Via Innocenzo IV, 18
00167 ROMA
ITÁLIA

Sua referência:	Sua comunicação de:	Nossa referência:	Data
27-90/91	13-12-90	Proc? 3.1.3/ITA/PUB E 10614	11ABR91 01755

ASSUNTO:
OFERTA DE MATERIAL BIBLIOGRÁFICO.

Em resposta à comunicação de V. Exa. acima referenciada e dando cumprimento ao despacho do Senhor Vice-Presidente de 3-1-91, tem o Instituto de Cultura e Língua Portuguesa o prazer de enviar, como oferta à biblioteca dessa Escola, um conjunto de obras das quais se junta listagem.

Comunico que, de momento, não é possível satisfazer o seu pedido na sua globalidade por falta de disponibilidades financeiras.

Informo que o referido material seguiu, em correio separado, solicitando se digne acusar a sua recepção, devolvendo ao ICALP a lista devidamente assinada.

Apresento os meus cumprimentos.

O CHEFE DA DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES,

(Engº Beja Madeira)

JF/OD

Praça do Príncipe Real, 14 - 1.º - 1200 LISBOA - Telefs. 346 45 00 - 346 30 00

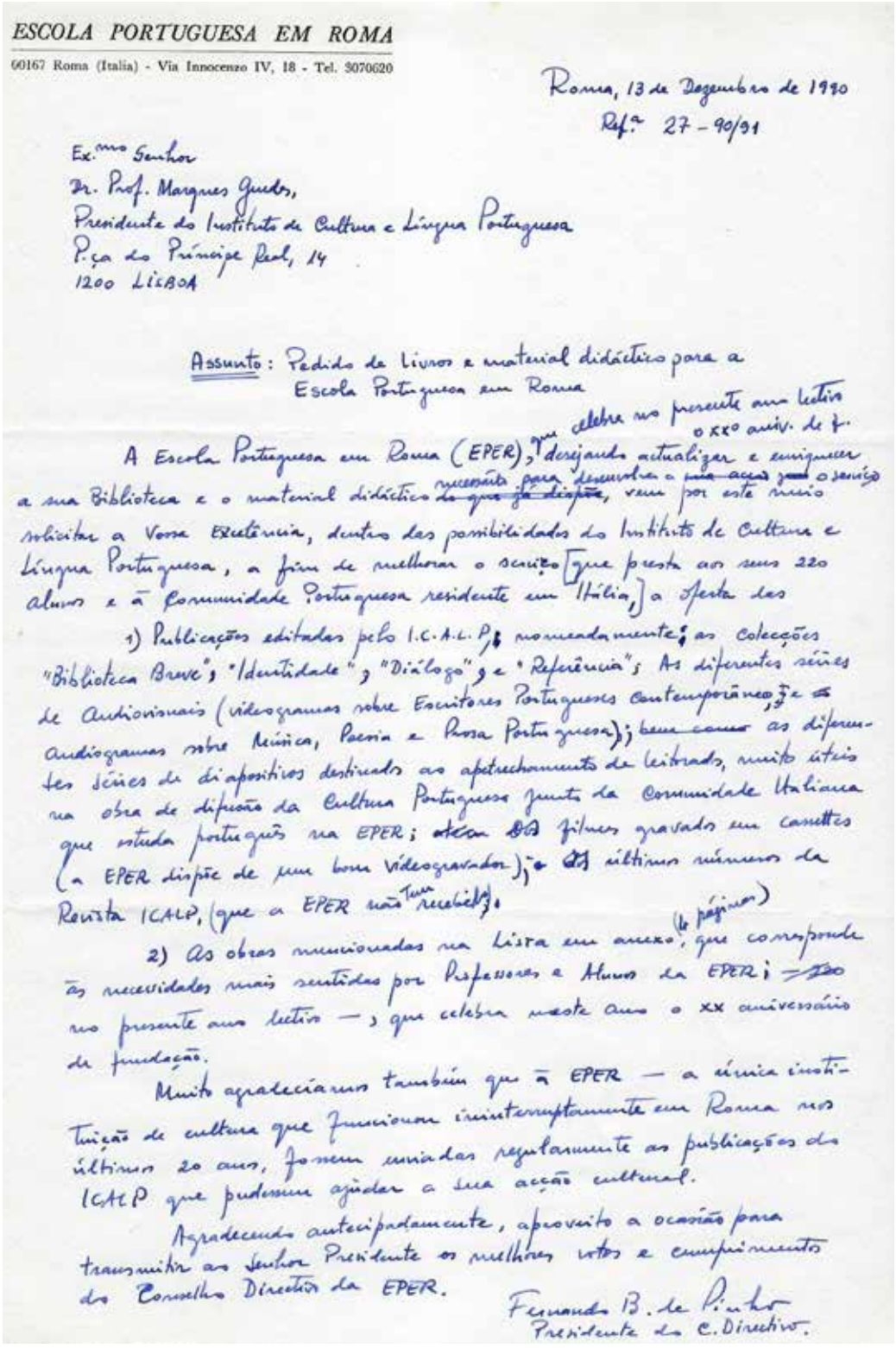
ed. 0.2 — ICALP — 10.000 ex.

NOTA — Em cada ofício tratar só de um assunto. Na resposta mencionar as nossas referências

3 – De Roma, o Dr. Pessanha Viegas foi representar o país na sede diplomática de Portugal em Toronto, no Canadá, e, depois, em várias outras sedes, desde a África (Costa do Marfim) à Europa (Ucrânia). Terminou a sua carreira diplomática como Embaixador de Portugal no Luxemburgo, em julho de 2011, tendo então atingido o limite de idade para permanecer nesse cargo.

do na sua globalidade por falta de disponibilidades financeiras, concluía assim o ofício: *Compreendemos (e lamentamos) as restrições financeiras que tornaram impossível satisfazer de forma mais global* o pedido formulado e pedia *ao senhor engenheiro Beja Madeira a cortesia de transmitir ao presidente e vice-presidente do ICALP o agradecimento e uma saudação cordial da Escola.*

A lista completa das obras oferecidas à EPER, para que conste e se faça uma ideia do alcance da oferta, encontra-se copiada neste ficheiro [«BibliografiaOferta ICALP-Abril1991»]. Do pedido apresentado pela Escola, em dezembro de 1990 (ofício 27-90/91), conserva-se cópia das duas versões – uma mais pormenorizada do que a outra: a mais breve tinha a data sucessiva à primeira (14 de dezembro) e terá sido provavelmente essa versão reduzida que foi enviada, estendendo-se por quatro páginas (de duas delas conserva-se o rascunho, manuscrito).



ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

60167 Roma (Italia) - Via Innocenzo IV, 18 - Tel. 3070620

Roma, 13 de Dezembro de 1990

Ref.ª 27 - 90/91

Ex.mo Senhor
Dr. Prof. Marques Guedes,
Presidente do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa
P.ça do Príncipe Real, 14
1200 LISBOA

Assunto: Pedido de Livros e material didáctico para a Escola Portuguesa em Roma

A Escola Portuguesa em Roma (EPER), desejando actualizar e enriquecer a sua Biblioteca e o material didáctico necessário para desenvolver o seu serviço, vem por este meio solicitar a Vossa Excelência, dentro das possibilidades do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, a fim de melhorar o serviço que presta aos seus 220 alunos e à Comunidade Portuguesa residente em Itália, a oferta de

1) Publicações editadas pelo I.C.A.L.P, nomeadamente as Colecções "Biblioteca Breve", "Identidade", "Diálogo" e "Referência"; As diferentes séries de Audiovisuais (videogramas sobre Escritores Portugueses Contemporâneos, e os audiogramas sobre Música, Poesia e Prosa Portuguesa); bem como as diferentes séries de diapositivos destinados ao apetrechamento de leitorados, muito úteis na obra de difusão da Cultura Portuguesa junto da Comunidade Italiana que estuda português na EPER; alem dos filmes gravados em cassettes (a EPER dispõe de um bom videogravador); e os últimos números da Revista ICALP, (que a EPER não tem recebido).

2) As obras mencionadas na Lista em anexo, (4 páginas) que corresponde às necessidades mais sentidas por Professores e Alunos da EPER; ~~220~~ no presente ano lectivo —, que celebra neste ano o XX aniversário de fundação.

Muito agradeceríamos também que à EPER — a única instituição de cultura que funcionou ininterruptamente em Roma nos últimos 20 anos, fossem enviadas regularmente as publicações do ICALP que pudessem ajudar a sua acção cultural.

Agradecendo antecipadamente, aproveito a ocasião para transmitir ao Senhor Presidente os melhores votos e cumprimentos do Conselho Directivo da EPER.

Fernando B. de Pinho
Presidente do C. Directivo.

Para se ficar com uma ideia não só das obras "de que carecia" a EPER, mas para reavivar a memória daqueles tempos e evocar, em parte, o panorama literário desse período, eis os títulos de algumas obras solicitadas.

SERVIÇOS BIBLIOGRÁFICOS
DA
LIVRARIA PORTUGAL
RUA DO CARMO, 70-74 — 1200 LISBOA • TELEF. P.P.C. 347 49 82 347 45 83 347 49 84 347 49 85
FAX 37 02 64
PUBLICAÇÕES RECEBIDAS NESTA CASA
2.ª Série — JULHO 1990 — N.º 572
EDIÇÕES DE PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA
BELAS-ARTES
CIÊNCIAS APLICADAS
Agronomia — Veterinária
Medicina
CIÊNCIAS FÍSICO-QUÍMICAS, MATEMÁTICA

- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura "VERBO" (volumes 19-20-21 Suplementos I e II).
- Enciclopédia POLIS da Sociedade e do Estado (Editorial VERBO).
- Enciclopédia LOGOS (Filosofia) (Editorial VERBO).
- Joaquim Veríssimo Serrão, *História de Portugal* (Vol.VI-VII-VIII)
- Fernando Gil, *Mimésis e Negação,* (Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- *Enciclopédia da Arte,* ou História da Arte (qualquer outra boa edição).
- João de Melo, *Gente feliz com lágrimas,* romance, Dom Quixote, 1988: *Autópsia de um Mar de Ruínas,* 1984; *Os Anos da Guerra - 1961/75* (2 vols., 1988).
- Vitorino M. Godinho: *Os Descobrimentos e a Economia Mundial,* 4 volumes, Editorial Presença.
- Vitorino M. Godinho: *Ensaios sobre História Universal* (Vol. I e II): *Teoria da História e Historiografia* (Vol. III); *Humanismo científico e reflexão filosófica,* Sá da Costa Editora.
- José Saramago: *Levantado do Chão,* Edit. Caminho; *Memorial do Convento,* idem; *O Ano da Morte de Ricardo Reis,* idem; *A jangada de Pedra,* idem; *Viagem a Portugal,* editorial Caminho; *História do Cerco de Lisboa,* idem.
- Marguerite Yourcenar: *O Tempo, esse grande escultor,* DIFEL, Lisboa (1984).
- Marguerite Yourcenar: *Como a Agua que corre,* DIFEL.
- Vergílio Ferreira: **TODAS AS SUAS OBRAS** (possivelmente), Livraria Bertrand:

  "**FICÇÃO**" – *O Caminho fica longe, Onde tudo foi morrendo, Vagão "J", Mudança, A face sangrenta, Manhã Submersa, Apelo da noite, Cântico Final, Aparição, Estrela polar, Alegria breve, Nítido nulo, Apenas Homens, Rápida a sombra, Contos, Siqno final; Para sempre. Uma esplanada sobre o mar, Até ao fim.*

  "**ENSAIOS**" – *Sobre o Humorismo de Eça de Queirós, Do mundo original, Carta ao futuro, Da fenomenologia a Sartre, Interrogação ao destino – Malraux, Espaço do Invisível I-II-III – Invocação ao meu corpo.*

  "**DIÁRIO**" – Conta-corrente I-II-III-IV-V-V.
- Fernando Namora: OBRAS COMPLETAS, Livraria Bertrand.
- Luísa Dacosta: *A-Ver-o-Mar / Crónicas,* Figueirinhas, 1980.
- José Gomes Ferreira: OBRAS COMPLETAS, Moraes Editora.
- Agustina Bessa Luís: OBRAS COMPLETAS, Guimarães Editores.
- José Cardoso Pires: *O Hóspede de Job,* Publicações Dom Quixote, *O Delfim,* idem; *E agora, José?,* Idem; *Corpo-delito na Sala de Espelhos,* idem (1980); *Balada da Praia dos Cães,* idem (1982-12ª ed.); *A República dos Corvos,* idem (1988); *Alexandra Alpha,* idem (1988) – 2ª ed.).
- Urbano Tavares Rodrigues: OBRAS MAIS SIGNIFICATIVAS (Publ. Dom Quixote).
- Carlos de Oliveira: *Casa na Duna (Livraria Sá da Costa); Uma abelha na Chuva; O aprendiz de feiticeiro; Finisterra.*

Obras mais significativas dos seguintes AUTORES:

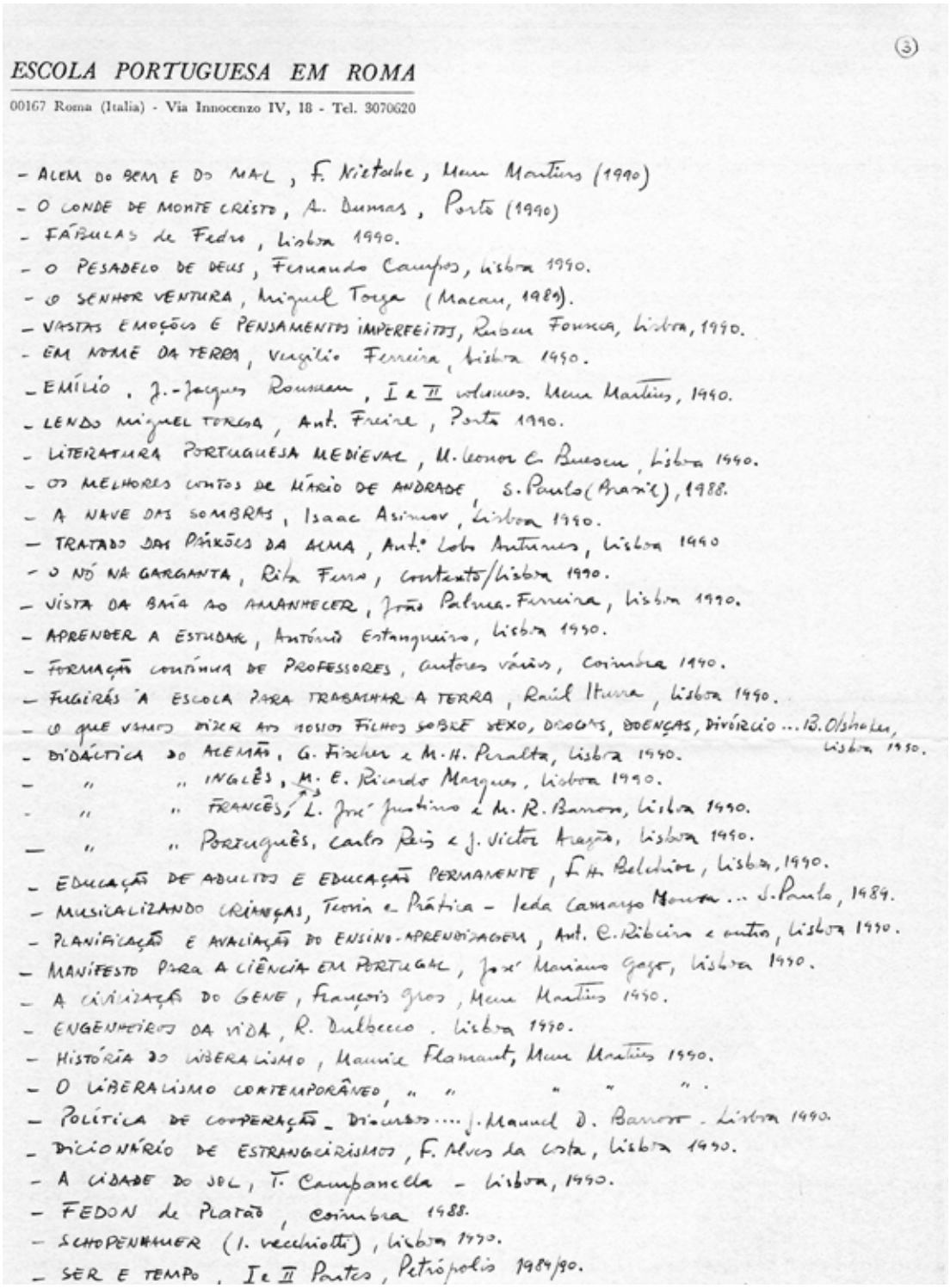
- De e sobre FERNANDO PESSOA (Edições Ática/Editorial Presença). Concretamente, entre outras: *Orpheu 1; Orpheu 2; Portugal Futurista*

  Textos de Crítica e de intervenção (1980); *Exílio; Aguia; Renascença Portuguesa; Presença.*
- Teresa Rita Lopes: "*Vida e obra do Eng° Álvaro de Campos*" (1990).
- Raúl Brandão, *Os pescadores; As MEMÓRIAS 1°- e 2° vols.; Os Pobres. Farsa; Os Lavradores; Os Operários.*

Obras mais importantes de:

- José Rodrigues Miguéis; Maria Judite de Carvalho; Lídia Jorge; António Osório; Albano Martins; Cristóvão de Aguiar; António Alçada Baptista; Almeida Faria; Mário Zambujal; João de Araújo Correia...

e ainda outros Autores importantes afirmados nos últimos anos, aconselhados por um bom crítico ou Casa Editora (LIVRARIA PORTUGAL - BERTRAND).

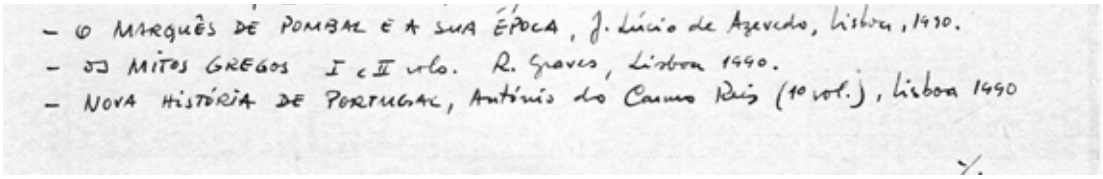


③

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

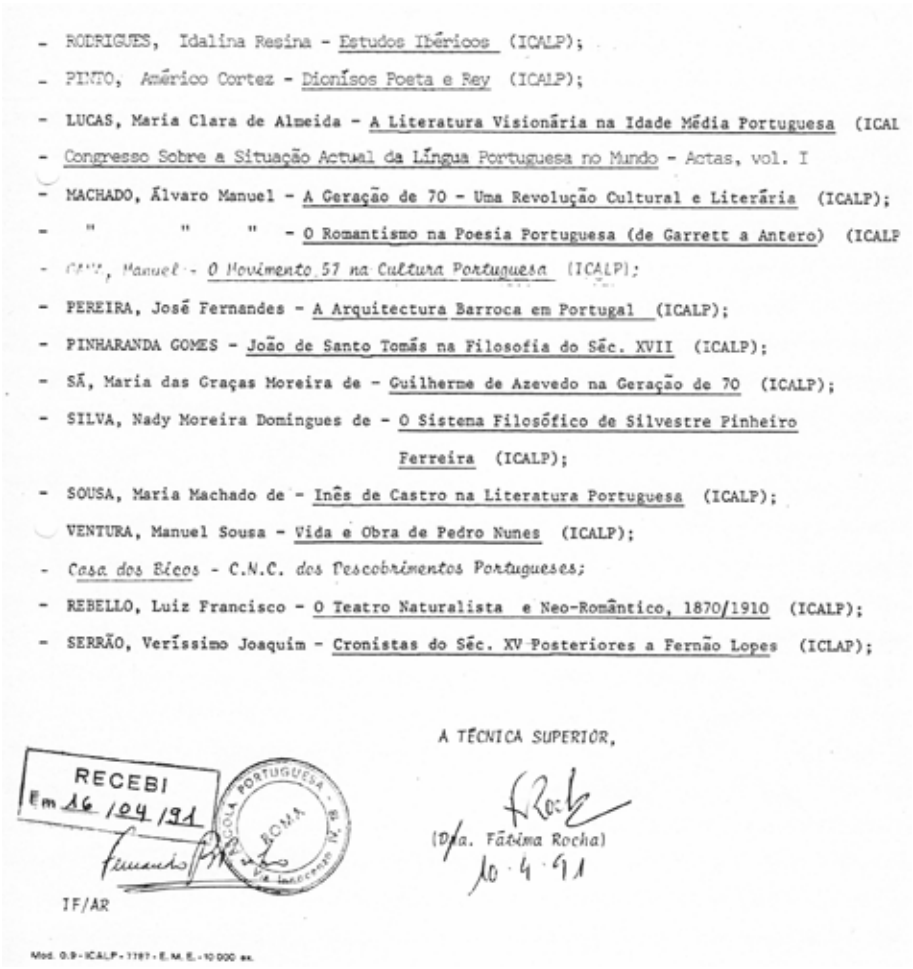
00167 Roma (Italia) - Via Innocenzo IV, 18 - Tel. 3070620

- ALEM DO BEM E DO MAL, F. Nietzsche, Mem Martins (1990)
- O CONDE DE MONTE CRISTO, A. Dumas, Porto (1990)
- FÁBULAS de Fedro, Lisboa 1990.
- O PESADELO DE DEUS, Fernando Campos, Lisboa 1990.
- O SENHOR VENTURA, Miguel Torga (Macau, 1989).
- VASTAS EMOÇÕES E PENSAMENTOS IMPERFEITOS, Ruben Fonseca, Lisboa, 1990.
- EM NOME DA TERRA, Vergílio Ferreira, Lisboa 1990.
- EMÍLIO, J.-Jacques Rousseau, I e II volumes. Mem Martins, 1990.
- LENDO MIGUEL TORGA, Ant. Freire, Porto 1990.
- LITERATURA PORTUGUESA MEDIEVAL, M. Leonor C. Buescu, Lisboa 1990.
- OS MELHORES CONTOS DE MÁRIO DE ANDRADE, S. Paulo (Brasil), 1988.
- A NAVE DAS SOMBRAS, Isaac Asimov, Lisboa 1990.
- TRATADO DAS PAIXÕES DA ALMA, Ant.° Lobo Antunes, Lisboa 1990
- O NÓ NA GARGANTA, Rita Ferro, Contexto/Lisboa 1990.
- VISTA DA BAÍA AO AMANHECER, João Palma-Ferreira, Lisboa 1990.
- APRENDER A ESTUDAR, António Estanqueiro, Lisboa 1990.
- FORMAÇÃO CONTÍNUA DE PROFESSORES, autores vários, Coimbra 1990.
- FUGIRÁS À ESCOLA PARA TRABALHAR A TERRA, Raúl Iturra, Lisboa 1990.
- O QUE VAMOS DIZER AOS NOSSOS FILHOS SOBRE SEXO, DROGAS, DOENÇAS, DIVÓRCIO ... B. Olshaker, Lisboa 1990.
- DIDÁCTICA DO ALEMÃO, G. Fischer e M.H. Peralta, Lisboa 1990.
- " " INGLÊS, M. E. Ricardo Marques, Lisboa 1990.
- " " FRANCÊS, L. José Justino e M. R. Barroso, Lisboa 1990.
- " " PORTUGUÊS, Carlos Reis e J. Victor Aragão, Lisboa 1990.
- EDUCAÇÃO DE ADULTOS E EDUCAÇÃO PERMANENTE, F. H. Belchior, Lisboa, 1990.
- MUSICALIZANDO CRIANÇAS, Teoria e Prática - Ieda Camargo Monta ... S. Paulo, 1989.
- PLANIFICAÇÃO E AVALIAÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM, Ant. C. Ribeiro e outros, Lisboa 1990.
- MANIFESTO PARA A CIÊNCIA EM PORTUGAL, José Mariano Gago, Lisboa 1990.
- A CIVILIZAÇÃO DO GENE, François Gros, Mem Martins 1990.
- ENGENHEIROS DA VIDA, R. Dulbecco. Lisboa 1990.
- HISTÓRIA DO LIBERALISMO, Maurice Flamant, Mem Martins 1990.
- O LIBERALISMO CONTEMPORÂNEO, " " " " " .
- POLÍTICA DE COOPERAÇÃO - Discurso .... J. Manuel D. Barroso - Lisboa 1990.
- DICIONÁRIO DE ESTRANGEIRISMOS, F. Alves da Costa, Lisboa 1990.
- A CIDADE DO SOL, T. Campanella - Lisboa, 1990.
- FEDON de Platão, Coimbra 1988.
- SCHOPENHAUER (I. vecchiotti), Lisboa 1990.
- SER E TEMPO, I e II Partes, Petrópolis 1989/90.


- O MARQUÊS DE POMBAL E A SUA ÉPOCA, J. Lúcio de Azevedo, Lisboa, 1990.
- OS MITOS GREGOS I e II vols. R. Graves, Lisboa 1990.
- NOVA HISTÓRIA DE PORTUGAL, António do Carmo Reis (10 vol.), Lisboa 1990

As referidas cartas tinham sido elaboradas a partir de catálogos da Livraria Portugal, mas já em 1984 fora compilada uma lista de 8 páginas, com duas centenas de títulos *cuja falta se sentia* (a página 6 da lista do Ministério da Educação, mencionando as obras oferecidas, terá sido escrita por mão diferente das outras, pois apresentava uma fonte tipográfica diferente – cursivo (itálico) – de máquina de escrever elétrica. Uma boa parte dos 148 títulos oferecidos, exatamente 46, eram edições do ICLP. Acerca do destino que viria a ter tão precioso e abundante manancial literário veja-se a informação, genérica, fornecida por Manuela Borges *(Introdução,* p. 9).

No pedido de janeiro de 1984 tinha-se acrescentado esta observação:
Sentimos falta também de peças de Teatro moderno, eventualmente fáceis de representar: não incluímos títulos, por não conhecermos suficientemente a validade das obras constantes nos referidos Serviços da Livraria Portugal.


- RODRIGUES, Idalina Resina - Estudos Ibéricos (ICALP);
- PINTO, Américo Cortez - Dionísos Poeta e Rey (ICALP);
- LUCAS, Maria Clara de Almeida - A Literatura Visionária na Idade Média Portuguesa (ICAL
- Congresso Sobre a Situação Actual da Língua Portuguesa no Mundo - Actas, vol. I
- MACHADO, Álvaro Manuel - A Geração de 70 - Uma Revolução Cultural e Literária (ICALP);
- " " " - O Romantismo na Poesia Portuguesa (de Garrett a Antero) (ICALP
- [illegible], Manuel - O Movimento 57 na Cultura Portuguesa (ICALP);
- PEREIRA, José Fernandes - A Arquitectura Barroca em Portugal (ICALP);
- PINHARANDA GOMES - João de Santo Tomás na Filosofia do Séc. XVII (ICALP);
- SÁ, Maria das Graças Moreira de - Guilherme de Azevedo na Geração de 70 (ICALP);
- SILVA, Nady Moreira Domingues de - O Sistema Filosófico de Silvestre Pinheiro Ferreira (ICALP);
- SOUSA, Maria Machado de - Inês de Castro na Literatura Portuguesa (ICALP);
- VENTURA, Manuel Sousa - Vida e Obra de Pedro Nunes (ICALP);
- Casa dos Bicos - C.N.C. dos Descobrimentos Portugueses;
- REBELLO, Luiz Francisco - O Teatro Naturalista e Neo-Romântico, 1870/1910 (ICALP);
- SERRÃO, Veríssimo Joaquim - Cronistas do Séc. XV Posteriores a Fernão Lopes (ICLAP);

A TÉCNICA SUPERIOR,

RECEBI Em 16/04/91

(Dra. Fátima Rocha)
10·4·91

IF/AR

Além dos primeiros 107 títulos, o pedido continha outras 57 obras consideradas de interesse para a Biblioteca, extraídas também de uma leitura atenta e ponderada dos referidos catálogos, que a Escola recebia e cuja última página era integralmente preenchida com uma ficha (temática), de caráter histórico ou de atualidade, elaborada por José Pedro Machado e que era utilizada também como material didático.

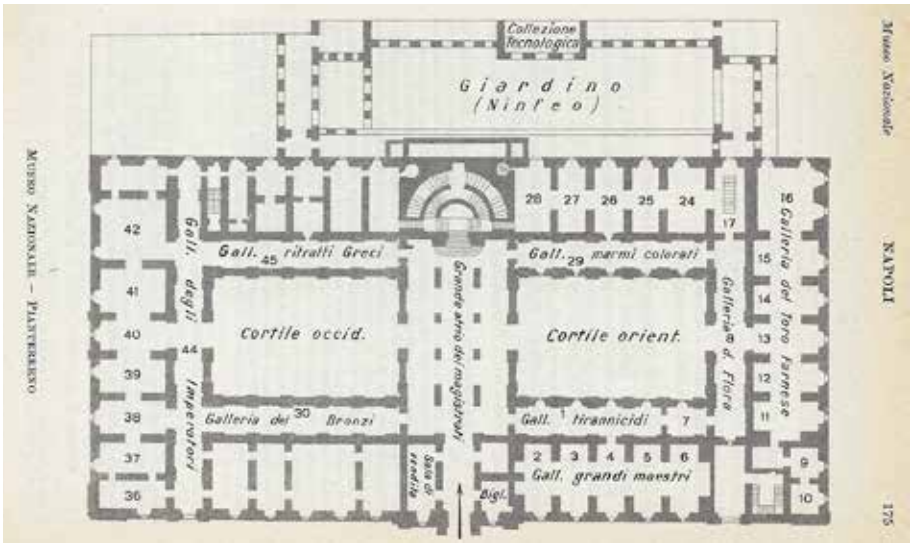
Quer a lista das obras oferecidas em 1991 pelo ICALP, quer o primeiro "inventário" de *prendinhas a pedir ao Pai-Natal,* encontram-se no mesmo ficheiro [«BibliografiaOferta ICALP-Abril1991»]

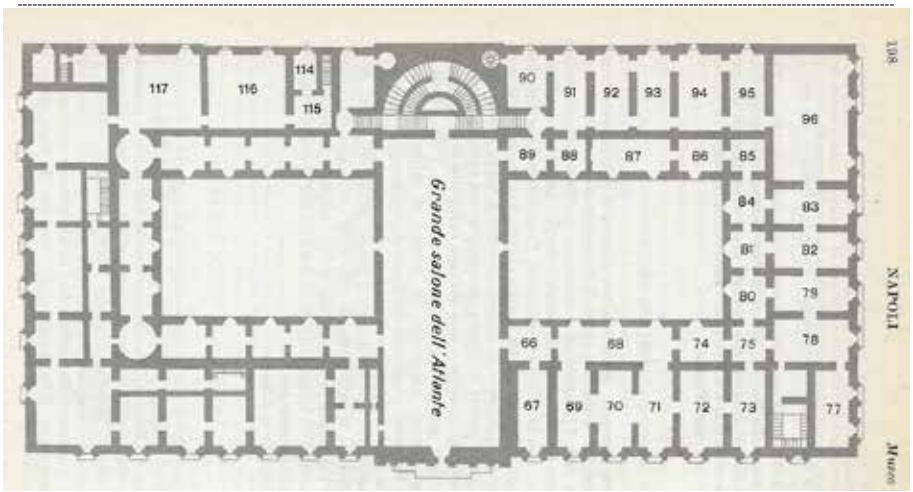
Uma observação (im)pertinente: a «insistência e persistência» com que a Escola solicitava ajudas a Lisboa recorda o episódio do ajudante do bibliotecário da prisão de Shawshank, no filme *Os Condenados de Shawshank [Shawshank Redemption]:* tantas e tão insistentes foram as cartas que enviou ao departamento estatal do qual dependia o estabelecimento onde ele, injustamente condenado, se encontrava, que a resposta ultrapassou todas as expectativas – e foi necessário restruturar os espaços da biblioteca para acolher os materiais recebidos... Também no caso da EPER se cumpriu o preceito bíblico: *Pedi e recebereis...*

VISITA DE ESTUDO A NÁPOLES — Passeio anual

Depois da experiência de visitar as ruínas da antiga cidade de Pompeia e a cratera do Vesúvio, no ano anterior, no dia 25 de abril de 1991, a Escola voltou ao centro da Região Campânia, mas limitando-se a visitar a capital, Nápoles. Com lotação completa, o autocarro alugado para o efeito levou em viagem direta até ao centro da cidade, para uma visita de estudo, 51 alunos e professores, além de alguns amigos e benfeitores que habitualmente participavam neste passeio anual da Escola.

Imagem do Museu de Capodimonte, um dos ex-libris da cidade de Nápoles. O atual museu ocupa um antigo palácio da Família dos Bourbons. Foi residência de verão dos reis do *Reino das Duas Sicílias.* Entre o património artístico ali conservado sobressaem obras-primas de Caravaggio. Ali se conserva – e se pode admirar – também grande parte da mobília de Pompeia transformada em carvão, sem perder as suas formas, pelo vulcão de 79.





Planta do rés-do-chão e do primeiro andar do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles, cujas obras são minuciosamente descritas nas páginas 172-225 do guia «Napoli e Dintorni», editado pelo Touring Club Italiano Da edição utilizada durante a visita, que se conserva – a 5ª, de... 1976! –, foram extraídas as duas páginas aqui reproduzidas em miniatura, mostrando as plantas do rés-do-chão e do primeiro andar de um dos museus mais importantes do mundo.

A excursão tinha como primeira meta o Museu Arqueológico, com especial relevo para a *Sala dos mosaicos,* de Pompeia e Herculano, e a *Sala dos Papiros* (com estatuária, mosaicos e precisamente os célebres papiros encontrados numa das casas nobres de Herculano): esta visita era o cumprimento de uma promessa de encontro que ficara da ida a Pompeia, em junho de 1990. Depois da partilha dos farnéis e de um alegre convívio em Capodimonte, visitou-se o Palacete existente no jardim (mandado construir pelo rei Carlos de Bourbon, em 1738).

De tarde, os visitantes deambularam livremente pela cidade – mas com todo o cuidado, para não serem atropelados nesta cidade que Goethe definiu como o *vestíbulo do Inferno,* então (e ainda hoje) tristemente famosa pela abundância dos *amigos do alheio.* Os pontos mais procurados foram a catedral, para venerar o padroeiro da cidade, San Gennaro, com o seu famoso tesouro e as suas lendas, e algumas outras igrejas igualmente notáveis: Santa Clara e o seu belíssimo claustro, com azulejos que representam paisagens e cenas campestres e mitológicas, o "Gesù Nuovo", etc.

[O autor destas linhas ajudou a preparar mas não pôde participar nesse passeio, tendo de acompanhar a visita de João Paulo II a Matera e Potenza (25-29/4/91), que não se pôde realizar no dia 11/4, primeira data prevista, devido a um forte nevão que se abateu sobre Potenza. Também por isso, não dispõe de imagens desta visita].

Exposição de Arte Africana Contemporânea

Integrada nas comemorações do XX aniversário da Escola, foi inaugurada na tarde do dia 26 de maio, domingo, uma exposição de Arte Africana Contemporânea, com obras cedidas pelo colecionador italiano Giovanni Baiocchi. As obras expostas foram apresentadas no final da tarde, após as aulas, numa sessão cultural em que, além de professores e alunos, participaram alguns convidados, entre os quais o novo Encarregado da Secção Consular da Embaixada de Portugal em Roma, Arq. Dinis da Gama.

Depois da apresentação de Giovanni Baiocchi e da sua obra, a cargo do professor José Maria Pacheco Gonçalves, o próprio colecionador se referiu ao processo de formação da sua coleção, a partir de inúmeras viagens a Africa e sempre privilegiando o contacto direto com os artistas.

Referindo-se, em particular, às obras apresentadas, o Autor sublinhou a dignidade humana e o otimismo, bem como os valores nelas em realce. Falou, em seguida, Mary Angela Schroth, responsável por uma Galeria de Arte, em Roma, que acentuou o conhecimento pessoal dos artistas como o segredo do êxito de Giovanni Baiocchi, possibilitando a formação de uma coleção provavelmente única em Itália, caracterizada pela presença explícita em todas as obras das raízes africanas subjacentes. Na exposição, estavam representados artistas da Nigéria, Zimbabwe, Gana, Tanzânia e Malawi. Esta iniciativa cultural foi encerrada com um pequeno beberete, preparado pelas alunas do 12° ano e oferecido aos convidados, professores e alunos que participaram na abertura desta exposição.

Também desse evento comemorativo se conserva uma abundante documentação fotográfica, que se apresenta seguidamente, em miniatura e, num dossier separado, em tamanho apropriado [«ExpoArteAfricana-26maio91»].

23jun81

Encerramento do ano letivo

Uns partem, outros ficam. A EPER escreveu toda a sua história nessa dupla dimensão. Nesse ano, partiam o Prof. José Manuel Pereira de Almeida, Nuno da Silva Gonçalves e Pedro Coutinho. *A festa de encerramento do ano letivo foi celebrada no dia 23 de junho e a alegria* – noticiou o boletim da AEPER – *foi a nota dominante*. Tinham terminado os exames – as provas escritas tinham ocupado todas as manhãs, desde o dia 11 até ao dia 15; os orais decorreram nos dias 17 e 18, precedendo a reunião final dos professores, no dia 19 – e o saldo geral do ano era muito positivo. Todos tinham algo para festejar. [Na festa de encerramento, porém, no dia 23, não pôde participar quem aqui escreve, mais uma vez a «cobrir» viagens do Papa João Paulo II – desta vez, em Mântua].

Em vésperas de S. João, nem sequer faltou uma boa sardinhada à portuguesa que, com grande gentileza, foi oferecida pela TAP. Tanto Cabo-Verde como Angola brindaram os presentes com as suas deliciosas especialidades que deixaram em todos a vontade de repetir. Depois da Eucaristia de encerramento do ano, seguiu-se uma animada tarde desportiva e recreativa aberta à participação de toda a comunidade lusa residente em Roma. A Equipa dos Veteranos (professores) arrecadou a taça do primeiro lugar disputando a final com a aguerrida equipa de alunos.

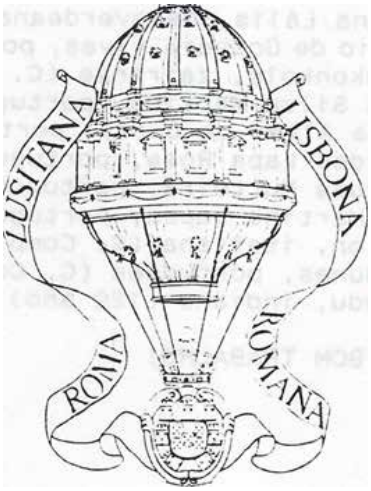
Durante o serão foram distribuídos os prémios dos jogos florais – poesia, fotografia e literatura, atribuídos, respetivamente aos alunos **Palmira**, **Élio** *e* **Israel**.[4] *Todos aguardavam com ânsia o sorteio dos famosos prémios das rifas que com tanto empenho fora organizado pelo P. Mário, o capelão, com a finalidade de angariar fundos para o autofinanciamento da Escola. Os olhos de todos estavam postos na motorizada (motorino) a premiar o primeiro. A sorte andou mais uma*

4 – No boletim 18, de onde se extrai esta e as informações acima, aparecem apenas os nomes de batismo dos alunos premiados. A primeira terá sido Palmira *de Fátima Tavares Almeida*, do Ciclo Preparatório, mas não é fácil descobrir o nome completo do Élio, que não consta nas listas de exames desse ano. Mais abaixo, tratar-se-á de Sílvia *Cristina Figueiredo Ferreira,* do Curso Geral, que terminou 5 disciplinas nesse ano, com a média de 14,2/20. O terceiro terá sido Israel *Matias Bernardo,* que realizou os exames de Ciências do Ambiente e Educação Visual/Desenho, com 10/20 valores; no Curso Complementar, não havendo outras "Teresas" nas mesmas pautas, será porventura Teresa *Katumbu*, que concluiu o Curso Geral em 1990 com a média final de 13,1/20 valores. Se assim não foi, venha a correção.

vez arredia e nenhum dos presentes pôde provar a sensação de dar a primeira voltinha. Satisfeitos uns, desiludidos outros, a festa terminou com o sorteio das duas viagens aéreas Roma-Lisboa--Roma, oferecidas pela TAP: as sortudas foram as alunas **Sílvia** *e* **Teresa***.*

=== === ===

Uma feliz coincidência



O ano comemorativo coincidiu, sem que a EPER tivesse nisso qualquer mérito, com uma iniciativa cultural de alto significado, a exposição subordinada ao tema *ROMA LUSITANA – LISBOA ROMANA,* inaugurada no dia 3 de dezembro de 1990, sob o patrocínio do Presidente da República Italiana, na igreja grande do complexo monumental de San Michele a Ripa, mostrando esculturas de prata e de mármore, pinturas, desenhos e esboços, e um coche do século XVIII.

Integrada na VI Semana (italiana) dos Bens Culturais, incluía 130 obras provenientes de Portugal, da Itália e de importantes coleções públicas europeias, ilustrando as relações culturais e artísticas entre Lisboa e Roma, durante o reinado de D. João V (1707 a 1750). Associando o ponto de vista português com a perspetiva romana, no quadro de uma reconstrução historiográfica europeia, era evidenciado todo um entrecho de relações históricas e de encomendas de obras de arte dos mais ativos no panorama internacional daquela época, uma realidade em cujo sulco, de forma assumidamente modesta, a EPER se colocava.

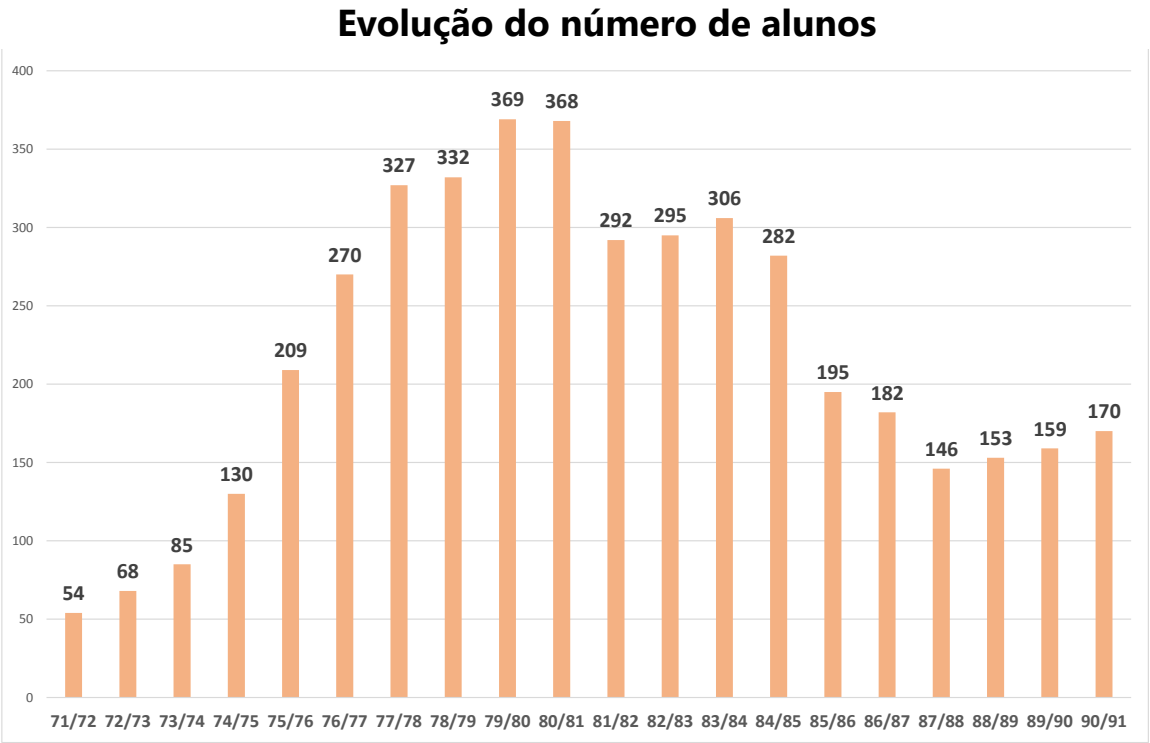
Estatísticas, gráficos...

O boletim "ESPECIAL XX ANIVERSÁRIO", antes de apresentar gráficos do número de alunos propostos a exame, aprovados e retidos, ao longo de dez anos, publicava uma tabela com a lista completa dos professores da EPER desde o início da sua história até 1990-91, associando a cada nome as matérias lecionadas ao longo dos anos por cada um. Os dados – advertia o redator – baseava-se *no material arquivado, infelizmente lacunoso relativamente aos primeiros anos:* não se incluíam os professores que lecionaram apenas ocasionalmente e, por isso, algumas informações pecariam por defeito. Também não se fazia menção dos professores que, por ocasião dos exames, possuindo as habilitações necessárias, ofereceram à Escola a sua preciosa colaboração, como examinadores de algumas matérias (a Ir. Maria Antónia Guerreiro era apenas um exemplo). A característica *sociológica* da maioria dos professores era o facto de pertencerem ao clero – religioso (em maioria, jesuítas) ou diocesano.

O boletim confirmava que, a partir da documentação recolhida, a primeira responsável pela Escola tinha sido, no primeiro ano, Fernanda Vaz, e no segundo, Beatriz da Costa Peixoto. Nos primórdios da história da Escola, o encarregado dos contactos com as entidades oficiais portuguesas tinha sido o jesuíta Vasco Lourenço Ribeiro Pinto de Magalhães, presente na Escola até 1976. A principal entidade patrocinadora foi, até ao seu desalojamento, o Instituto Português de Santo António, cujo Reitor Mons. António Borges, lhe abriu as portas em 1971. O primeiro subsídio foi recebido em 1973/74, uma verba de 80.000 liras; o segundo, no ano seguinte, atingia o valor de 80.000+192.000 liras. Para o ano letivo de 1976/77, a Escola apresentava um orçamento de 4.000.000 de liras, destinado a agradecer simbolicamente aos porteiros do Instituto de Santo António dos Portugueses, às Irmãs Ursulinas, além de permitir oferecer aos professores uma gratificação anual, igualmente simbólica.

Pela primeira vez em 1976/77 consta formado um Conselho Diretivo propriamente dito. Em 1977, foi solicitado pela primeira vez às autoridades portuguesas um estatuto oficial. No mesmo ano, foi introduzida pela primeira vez a disciplina de Italiano, com o auspício de que pu-

desse ser autorizada como Língua estrangeira. O 12º ano foi introduzido em 1982/83. Nos seus primeiros vinte anos de atividade, a EPER registou a seguinte



Como se vê, em 1974/75 os alunos matriculados eram 130 e, passados 3 anos, em 1977/78, quase o triplo: 327, a grande maioria dos quais portugueses, embora a percentagem de cabo-verdianos seja particularmente significativa. Nos documentos da época, foram registados também os primeiros exames realizados: em 1972/73 houve 7 na IV Classe e 9 no Ciclo; em 1973/74, 10 na IV Classe, 13 no Ciclo Preparatório e 4 no Curso Geral; no ano seguinte, 1974/75, os exames realizados foram 15 na IV Classe, 30 no Ciclo Preparatório e 8 no Curso Geral.

****

Os dados estatísticos apresentados em 1991 revelam que o *boom* de alunos se deu na viragem da década de setenta para a de oitenta, atingindo-se o número de mais de três centenas e meia, e que o número de alunos dos cursos geral, complementar e 12º ano foi aumentando ao longo dos anos, enquanto ia diminuindo, proporcional e compreensivelmente, o número de alunos dos cursos de escolarização obrigatória (alfabetização e 2º ciclo). Não só em Portugal mas também em Cabo-Verde, terminado o regime "obscurantista" de Salazar, essa tarefa ia sendo progressivamente cumprida pelo Estado (investimento no ensino..., telescola...).

Em 1991, a EPER partia destes dados para perspetivar a celebração das suas "Bodas de Prata", renovando com ainda maior convicção o compromisso dos alunos, professores e colaboradores, não só para homenagear quantos direta ou indiretamente tinham contribuído para a edificação da Escola Portuguesa em Roma, mas para se manter fiel ao ideal de contribuir para a grande e universal tarefa de promoção humana através da educação.

Instabilidade do corpo docente

Uma das características marcantes da Escola Portuguesa em Roma foi, desde o início, a extrema mobilidade dos membros do corpo docente: nos 20 anos aqui considerados, lecionaram na EPER 205 professores, o que corresponde a uma média de 11 professores novos em cada ano (o primeiro dado refere-se ao conjunto dos primeiros quatro anos):

71/75	75/76	76/77	77/78	78/79	79/80	80/81	81/82	82/83	83/84	84/85	85/86	86/87	87/88	88/89	89/90	90/91
25	8	16	16	11	3	20	15	12	11	8	6	15	7	5	10	17

Essa elevada *taxa de renovação* do corpo docente não tem a ver com "despedimentos" mas com o dado objetivo do tempo de permanência em Roma dos professores mais qualificados da Escola, membros do clero católico que prestavam a sua colaboração enquanto frequentavam cursos de especialização, em diferentes áreas, sobretudo na prestigiada Universidade Gregoriana, mas não só, e que regressavam a Portugal após a conclusão dos estudos.[5] Nalguns casos – Jorge Sena, José Pires Nunes, Alfredo Dinis, João Peixoto, Nuno da Silva Gonçalves..., a Escola foi o lugar de ocupação dos seus tempos livres durante todo o período de estudos universitários em Roma. As gratificações recebidas nunca terão sido a razão do seu envolvimento na Escola, embora servissem para aquisição de algum livro, bilhete de cinema...

Os professores "com mais anos de serviço" na EPER, contando apenas o período 1071-91 e por ordem de início das suas prestações, foram: Beatriz da Costa Peixoto (6), Maria Silvina Palmeirim (7), Maria Raquel Duarte (6), Mário Rosa Silva Garcia (6), Jorge Manuel Figueiredo de Sena (4), Teresa de Jesus Gonçalves (5), Maria da Glória Silva (5), o Autor destas linhas (14, a maioria como coordenador/diretor/responsável), Ilda Joaquina de Meneses (5), Maria Amélia Aniceto Pereira (7), Maria Rosário Spencer (Lalache) (5), Rufina Marques Fonseca (14), Carolina Maria Ramos Pimentel (13), José Pires Lopes Nunes (5), José da Silva do Adro (5), Alfredo de Oliveira Dinis (5), Etelvina Pires Nunes (5), João de Silva Peixoto (6), Maria Odete Martins (10), Antónia Vitorina Gomes (7), Mariagrazia Russo (5), Maria de Lourdes de Jesus (8), Maria Dulce Araújo Évora (6), Maria Manuela Borges (6), Jean Kombyla Nyema (5), José Maria Pacheco Gonçalves (8), Nuno da Silva Gonçalves (6), Isabel Maria Olivença Santos (5), Manuel Oliveira Carreira (8), Leonor Dias Nunes (4).

Não existe qualquer relação direta entre o número de anos de serviço e a sua incidência na qualidade do ensino ou nos resultados da Escola: é um mero dado estatístico, que não diminui o valor dos professores que, permanecendo menos tempo na Escola, foram determinantes para a sua génese, afirmação e desempenho. Por outro lado, a referida "*precaridade*", que não tem, portanto, a mesma conotação da *instabilidade* de corpos docentes "bailarinos" a mudar de escola por razões burocráticas ou de carreira, foi para a EPER uma mais-valia em termos de riqueza cultural, um verdadeiro "valor acrescentado", devido ao caráter internacional e à qualidade das habilitações dos novos "rostos", que permitiam aos alunos um contacto direto com outras realidades étnicas e culturais.

Como se disse, as páginas 18-23 do boletim apresenta não apenas os professores por ordem cronológica de "inserção/atuação" na EPER, mas também as disciplinas por eles lecionadas nos diferentes níveis de ensino. Até esse ano, os professores que haviam lecionado na EPER tinham pelas seguintes nacionalidades: 5 angolanos, 17 brasileiros, 24 cabo-verdianos, um congolês, 6 estadunidenses (EUA), um gabonês, um guineense (da Guyiné-Conakri), 2 indianos, um inglês, um irlandês, 10 italianos, um esloveno (ex-Jugoslávia), 2 moçambicanos; os restantes eram portugueses, mas não é expressamente referida na documentação a nacionalidade de um número elevado de professores (mais de vinte) que, porém, tinham quase certamente a nacionalidade portuguesa. Metade dos professores (106) lecionaram apenas durante um ano, uma ou mais disciplinas; 38 lecionaram durante 2 anos; 19 prestaram a sua ação durante 3 anos; 11 durante 4 anos; 14 durante 5; 5 durante 6 anos; outros 5 durante 7 anos. Incluindo também os 3 anos letivos seguintes para os quais o Autor dispõe de documentação escrita, os Professores da EPER foram duas centenas e meia.

Os nomes da lista (completa) dos elementos que formaram o corpo docente em todos esses anos foram transcritos conforme constam na documentação oficial – frequentemente, decerto não só por razões de economia de espaço –, sem incluir um ou mais dos presumíveis apelidos de nomes portugueses. A lista completa dos professores ser´´a apresentada depois do Capítulo XII desta História, como apêndice, mas apresenta-se já aqui, conforme constava em 1991, para se reviver o "orgulho" que deu, naquele ano celebrativo, constatar a variedade e o talante daqueles que foram

5 – O já referido caso do Prof. João Peixoto é emblemático dessa situação: no seu último ano de especialização (no Instituto Pontifício de Santo Anselmo) pediu para ser dispensado das tarefas que desempenhava na Escola para preparar a tese de doutoramento (em Liturgia), mas não recusou prestar até ao fim a sua preciosa colaboração no ano em que a Escola se debatia com o problema das instalações.

as colunas de uma Escola cujo trabalho estava, porém, concentrado nos seus alunos. A todos e cada um deles – também, obviamente, aos alunos – é dedicado de modo especial este trabalho.

1. Adérito Machado
2. Afonso José de Herédia
3. Agostinho Pinto Basílio
4. Albertino Gonçalves
5. Alessandro Feliciangeli
6. Alexandre Francisco Santos
7. Alfredo Carlos Sousa T Brito
8. Alfredo de Oliveira Dinis
9. Alice Couto
10. Altair Porto Filho
11. Américo Moreira Saraiva
12. Ana Joaquina Fonseca Matias
13. Ana Maria Andrino Botelho
14. Ana Paula Martins Costa
15. Anabela Gonçalves Pedro
16. Angelina Coelho Cabral
17. Anthony Lilles
18. Antónia Vitorina Gomes
19. António Carlos da C Semedo Varela
20. António de Oliveira
21. António Feliciano de Oliveira
22. António Francisco Sanches
23. António Inácio Bico
24. António Luís Esteves
25. António Manuel Neto Samelo
26. António Maria Pereira Cunha Amaral
27. Antonita Firmino
28. Arthus Wehr
29. Aventino de Sousa Pereira
30. Beatriz da Costa Peixoto
31. Bernardino Alexandre de Brito
32. Brian Albino
33. Camillus Nzumbi Kasala
34. Carlos Alberto Costa
35. Carlos Alberto Moreira Azevedo
36. Carlos Augusto Manso Fernandes
37. Carlos José Neves Delgado
38. Carolina Maria Ramos Pimentel
39. Carrol Ciran
40. Catarina Maria Torres Cruz
41. Celeste Faria Tavares Almeida
42. Celso Domingues Raposo Alves
43. Daniel Leopoldo Aldana Acácio
44. Diamantino Dias Santos Penida
45. Douglas Hypolite
46. Dulce Silva
47. Dulcelina Nascímento da Conceição
48. Edite Moreira de Carvalho
49. Elisabeth Bertoni
50. Emígdio Cadima
51. Emília Félix
52. Eneida de Almeida
53. Énio Triervallier
54. Ester Savoia Cassone
55. Etelvina Pires Lopes Nunes
56. Eugène Philippe-Dramou
57. Eutrópio Lima da Cruz
58. Eva Manso
59. Ezequiel Gwembe
60. Faustino Ferreira
61. Ferdinando D F de Freitas
62. Fernanda Vaz
63. Fernando Bernardo de Pinho
64. Fernando Jorge Sá de Sousa
65. Francis William Huete
66. Francisco António Rosado Belo
67. Francisco Augusto Cruz Correia
68. Gianmario Maffioletti *[Coordenador de Atividades, capelão]*
69. Gianni Agostinelli
70. Giorgio Olivieri
71. Giuliano Montelatici
72. Henrique de Almeida Chaves
73. Henrique Luís Oliveira
74. Henrique Nestor Rios dos Santos
75. Hilda Mecozzi
76. Ilda Joaquina de Meneses
77. Ilda Ribeiro Gomes Tomás
78. Isabel Carvalho Correia Minervini
79. Isabel Maria A Olivença Santos
80. Ivan Bourgaardt
81. Ivete Filomena Almeida Almada
82. Jacira Castro da Silva
83. Jean Kombyla Nyema
84. Jean Roger Ndombi
85. Jean-Paulo Mukonkole
86. João Araújo
87. João da Silva Peixoto
88. João de Deus Costa
89. João Duarte Pita de Andrade
90. João Evangelista A Pedro
91. João Geraldo Kolling
92. João Hulse
93. Joaquim Andrade
94. Jorge Alves Barbosa
95. Jorge Manuel Faria Guarda
96. Jorge Manuel Martins Figueiredo Sena
97. Jorge Teixeira da Cunha
98. José Anastácio Gouveia Alves
99. José Andrade
100. José Besen
101. José Carlos de Miranda
102. José da Silva do Adro
103. José Francisco Sanches Alves
104. José Joaquim Andrade
105. José Luís Mesa
106. José Manuel Martins Lopes
107. José Manuel Nave da Silva
108. José Manuel Pereira de Almeida
109. José Maria Pacheco Gonçalves

110. José Maria Ruas Murteira
111. Jose Ornelas Carvalho
112. José Pires Lopes Nunes
113. José Rui Gaia da Costa Pinto
114. José Tolentino de Mendonça
115. Júlia Barroso
116. Júlia Gonçalves
117. Júlio Franklim
118. Laura De Luca
119. Laurent Kageruka
120. Laurinda de Jesus Gaspar
121. Leão da Costa
122. Leonor Dias Nunes
123. Levino Calli
124. Linus Kujur
125. Lourdes Ferreira Martins
126. Lúcia Assunção Geraldo
127. Lucialina Cabral
128. Luís Carlos Berri
129. Luís Fernandes Medeiros Rodrigues
130. Luís Ribeiro de Oliveira
131. Luísa Fernandes
132. Madalena Gomes Martins
133. Mafalda Manjúlia
134. Maria da Conceição Ventura
135. Manuel Alves Pinheiro de Carvalho
136. Manuel Clemente
137. Manuel da Silva Rodrigues Linda
138. Manuel de Fátima Ferreira e Oliveira Morujão
139. Manuel de Jesus Losa
140. Manuel de Oliveira Carreira
141. Manuel José Malvar da Fonseca
142. Manuel Mendonça Esteves
143. Manuel Oliveira Carreira
144. Manuel Pelino Azeiteiro
145. Manuel Silva Rodrigues Linda
146. Manuel Tomás de Carvalho Botelho
147. Maria Amélia Aniceto Pereira
148. Maria Amélia Carreira das Neves
149. Maria Cândida Alves da Costa
150. Maria Carlota [angolana]
151. Maria Carlota Proença de Almeida
152. Maria Carvalho Lopes da Cruz
153. Maria Crescência Mota
154. Maria da Conceição Ventura
155. Maria da Glória Silva
156. Maria de Fátima Castanheira Baptista
157. Maria de Lourdes de Jesus
158. Maria de Lurdes F Martins
159. Maria de Lurdes Lapa Rosa
160. Maria do Rosário da S Duarte
161. Maria do Rosário da Silva Durães
162. Maria do Rosário Spencer
163. Maria Dulce Araújo Évora
164. Maria Filomena Gomes Araújo
165. Maria Filomena Lélis
166. Maria Filomena Trigueiros
167. Maria Isabel Rocha
168. Maria Isabel Silva
169. Maria Isabel Teixeira da Silva
170. Maria José Andrade Martins
171. Maria José Trigueiros
172. Maria Júlia Barroso da Silva
173. Maria Madalena Martins C Pereira
174. Maria Manuela de Oliveira Tapada Borges in Pierdomenico
175. Maria Margarida Godinho Marques
176. Maria Odete Martins
177. Maria Olívia Dias
178. Maria Raquel Mendes Duarte
179. Maria Rosário Ramos
180. Maria Silvina Marques Palmeirim
181. Maria Teresa Pestana
182. Mariagrazia Russo
183. Marília Ferreira
184. Mário Rosa da Silva Garcia
185. Marlo Ivan Rupnik
186. Matilde Ngoi
187. Melchior Moonimpa
188. Michael Kutchera
189. Miguel Valdrighi
190. M'Nteba Metena
191. Nestor Adolfo Eckert
192. Nuno Brás da Silva Martins
193. Nuno da Silva Gonçalves
194. Olívia Gomes Marques
195. Olívia Moreira de Sousa
196. Pasqualina Ferraro Maiello
197. Paulino de Andrade Pina
198. Paulo Pires
199. Paulo Roberto Teixeira
200. Pedro Fennandez Coutinho
201. Peter Brook
202. Peter Damian Francis Stillwell
203. Querubim José Pereira da Silva
204. Raffaella Lion
205. Robert Huet
206. Robert Spitzer
207. Rodolfo Corrêa e Silva
208. Rosa Dolores Bernardo de Pinho
209. Rosy Ruggiero
210. Rufina Marques da Fonseca
211. Rui Cabral
212. Rui Manuel Antunes Lourenço
213. Sebastian Tudu
214. Sebastião Pedrosa
215. Serafim Martins Alves
216. Sérgio Rodrigues Diz Silva Nunes
217. Silvina Mendes Alves Oliveira
218. Teresa de Jesus Afonso Pereira
219. Teresa de Jesus Osório Gonçalves
220. Teresa Pereira
221. Tiago de Brito
222. Ugo Carlo Olivieri
223. Vasco Lourenço Ribeiro Pinto de Magalhães
224. Víctor Abrantes Amaral

225. Virgínia Maria Abrantes Amaral 226. Vitória Tjipuku (Tchipuku)

Para completar a lista, e antecipando os tempos, eis os novos professores que iriam "enriquecer" a lista – e a Escola – nos anos seguintes:

1991/92 [6]

Maria Antónia Guerreiro — Giovanni Bosca *[substituições]* — Anthony Lilles *(89/90: Português extracurricular)* — Celso R. Alves *(90|Fevereiro - Subst.* — Maria Conceição Ventura na Primária) — Maria Antónia Leitão Marques Guerreiro *(Exames)*

1992/93 [14]

Maria Paula R. O. M. F. Cardoso — Maria Maddalena Pingitore — Luís Manuel Pereira da Silva — Antonio Galeone — Alessandra Paternó C. Di Bicocca — Dulcelina N. da Conceição — Frederica Ilda Mehmel D'espiney — João Maria Mendes — José Aparecido — Maria Cândida A. C. Valdenassi — René Lopes Ferreira — Sandra Brígida F. A. Teixeira — Welington A. C. de Oliveira — Maria Suzete do Nascimento Alves Pereira.

1993/94 [4]

Mardônio Pereira da Silva — Carlos Alberto Mascarenhas Antunes — Alexandra Margarida Bastos Rodrigues — Cristina Maria Santos André de Pina e Souza

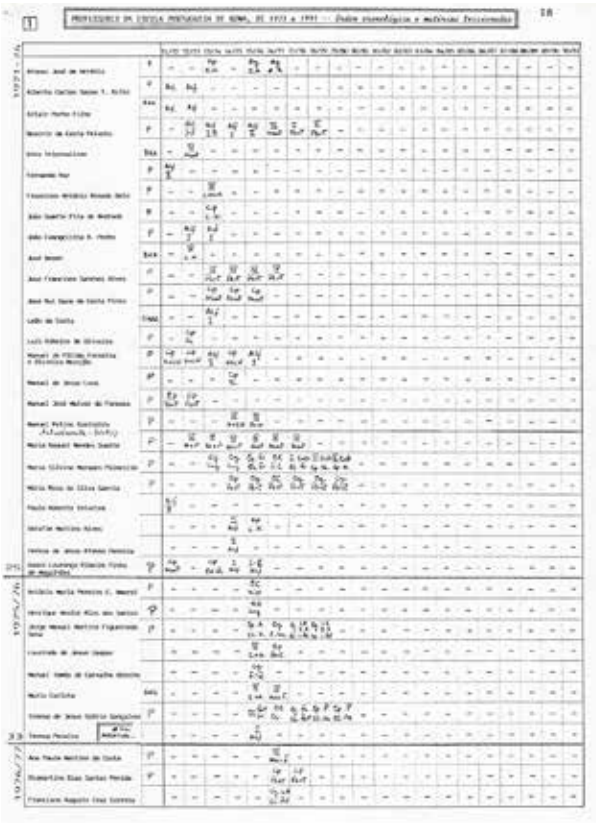
Nota – Possíveis discrepâncias numéricas relativas ao número de professores e à sua distribuição pelos anos podem resultar de critérios diferentes de contagem, incluindo ou não presenças temporárias de docentes e/ou "retornos" de alguns ao desempenho de atividades letivas, de direção ou animação de atividades.

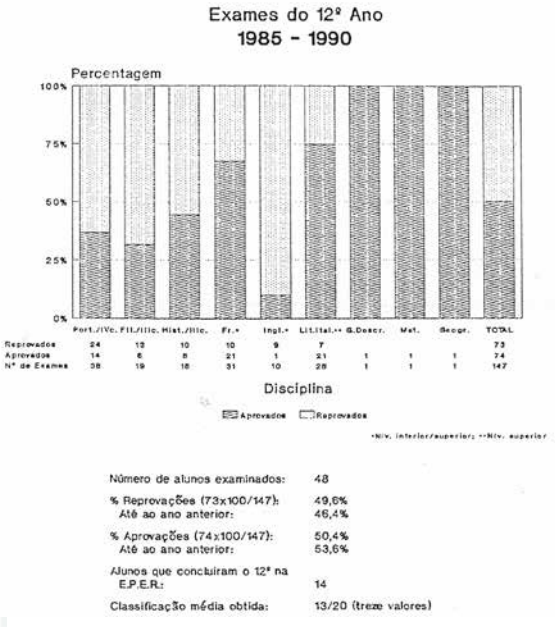
Na documentação relativa ao corpo docente da EPER em todos os anos abrangidos por esta publicação, em anexo [«Professores-Estatisticas»], constam atualizações e outros dados relevantes.

*** *** ***

Resultados dos alunos

Quanto aos resultados obtidos pela Escola no decénio tomado em consideração no referido boletim comemorativo – 1980-1991 – os gráficos são de per si eloquentes e, agrupando por níveis de ensino todos os que, no "Especial 20 anos", ilustram separadamente os resultados dos exames por disciplinas, obtém-se um quadro abrangente da «capacidade de intervenção» da EPER no âmbito do ensino português no estrangeiro. Todo esse boletim está acessível, para consulta, em publicação separada [«BolInfor 18-Junho1991 ComemoraXXanivEPER»]

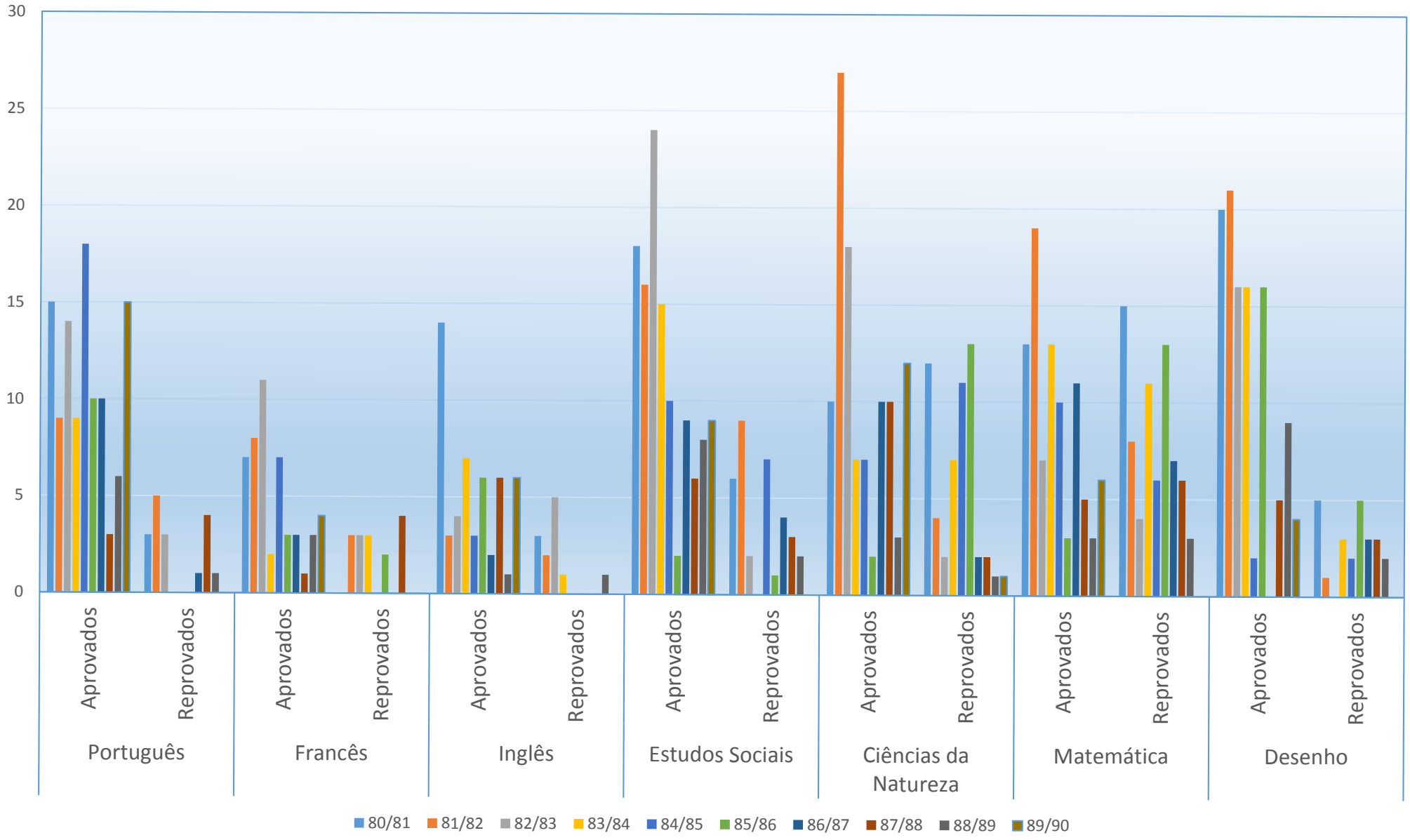




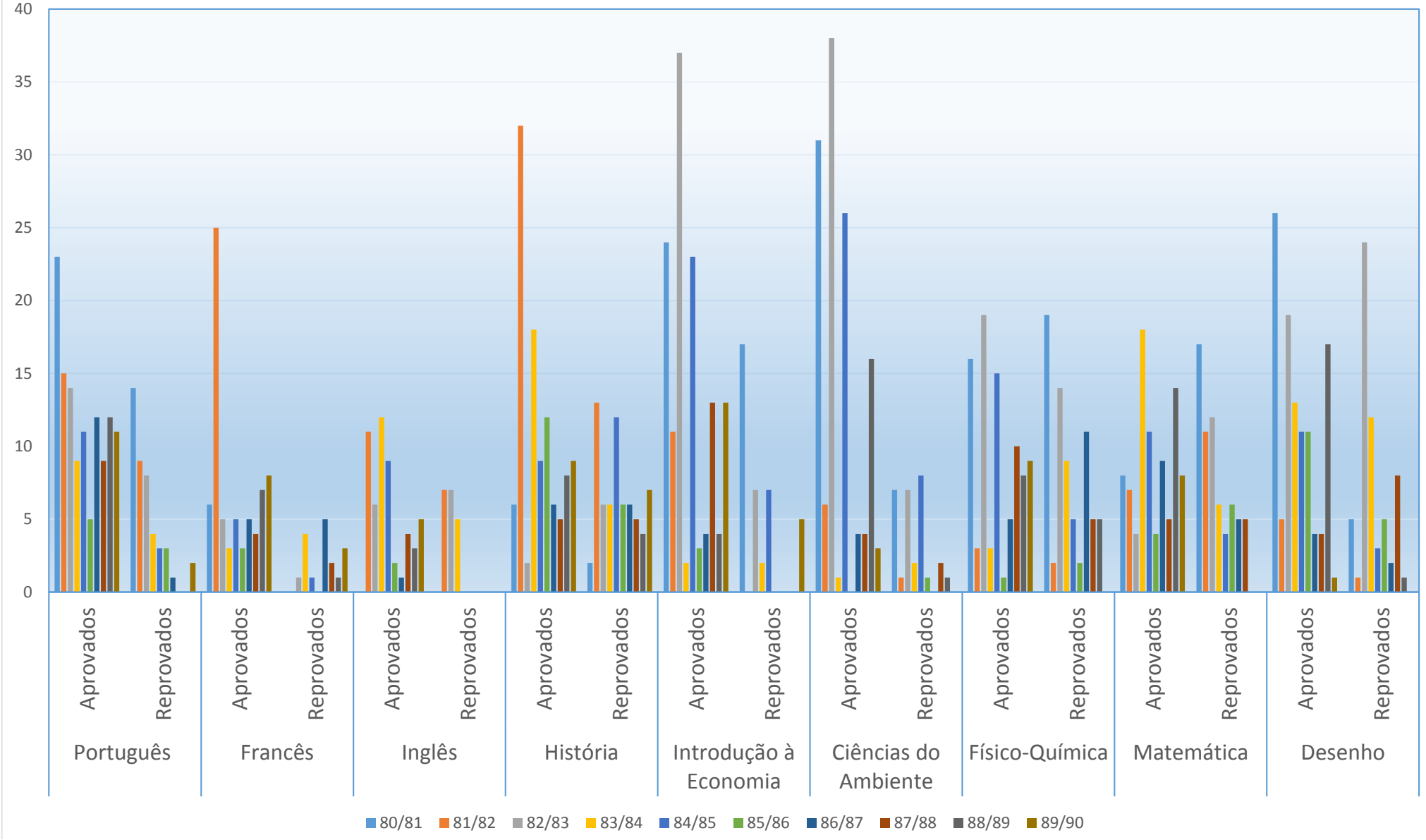
Número de alunos examinados:	48
% Reprovações (73x100/147):	49,6%
Até ao ano anterior:	46,4%
% Aprovações (74x100/147):	50,4%
Até ao ano anterior:	53,6%
Alunos que concluiram o 12º na E.P.E.R.:	14
Classificação média obtida:	13/20 (treze valores)

Os gráficos – também no referido suplemento em anexo – foram reeditados para uma atualização estética, passando a mostrar cores onde em 1991 só era possível (na EPER) imprimir a preto e branco e, no caso da tabela ao lado, elaboração manuscrita...

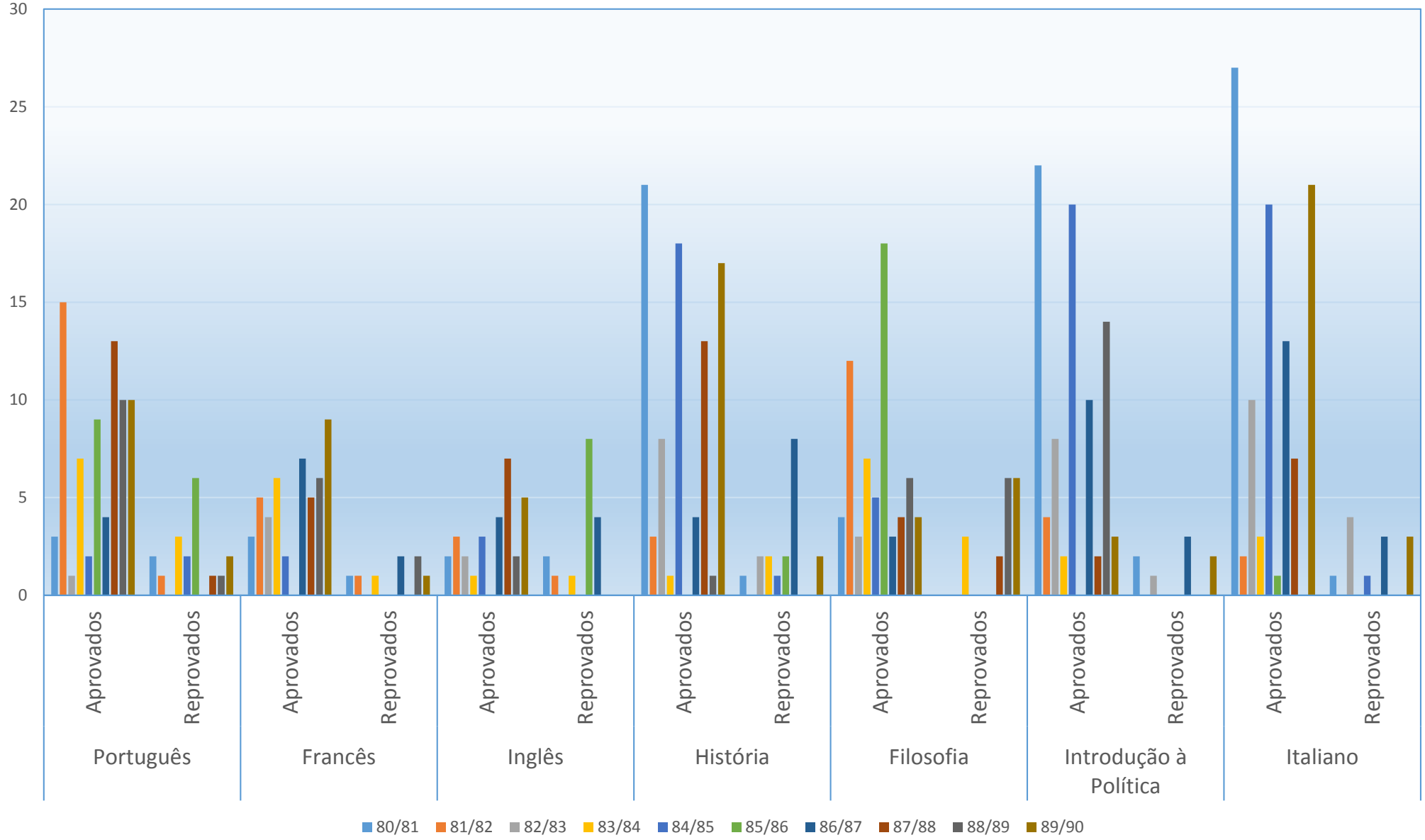
Todos os dados - Ciclo Preparatório



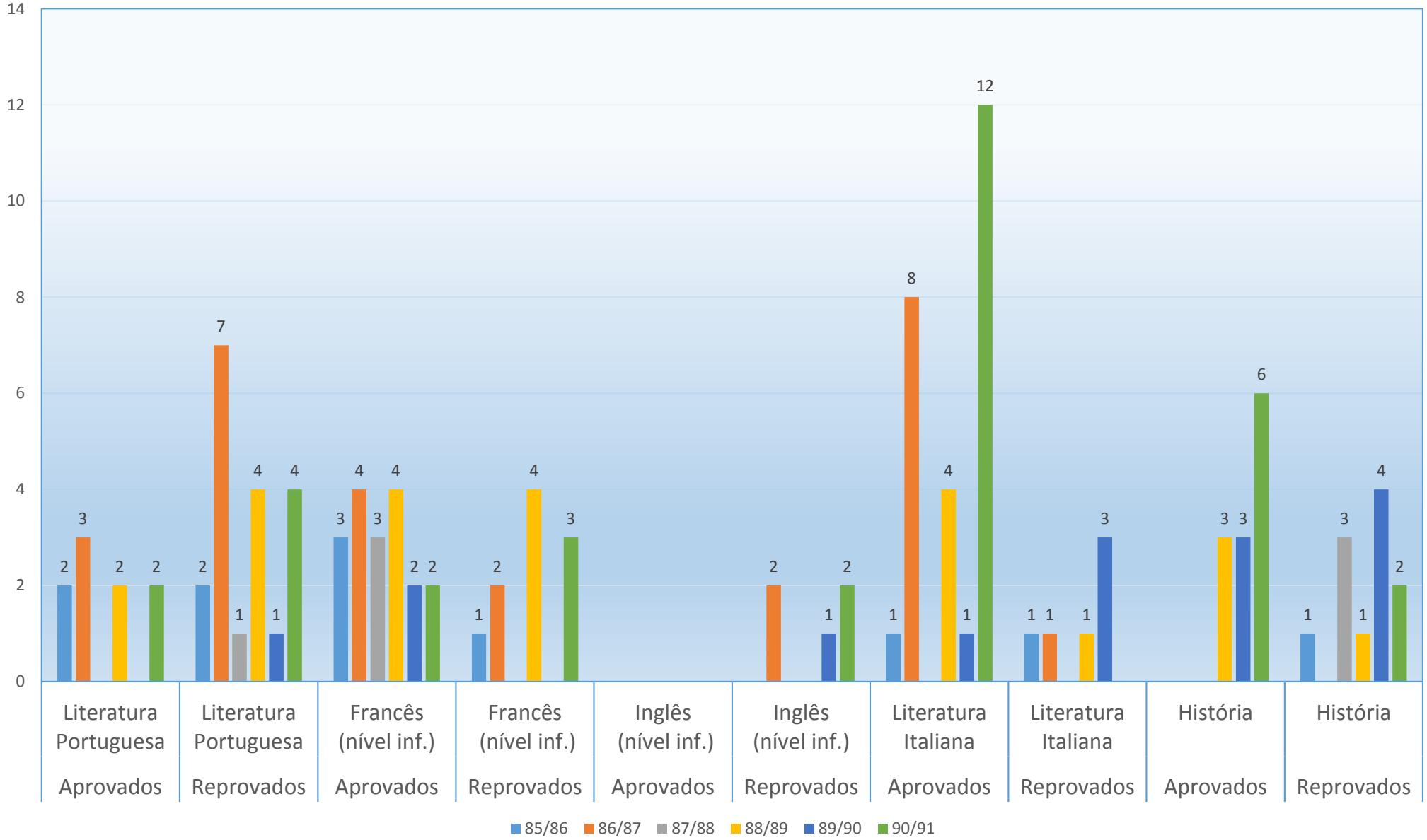
Todos os dados - Curso Geral



Todos os dados - Curso Complementar



Todos os dados - 12.º Ano Escolaridade



Contabilidade 1990-91 – "Breve" relatório

Datado de julho de 1991, conserva-se um "breve relatório sobre o ano letivo de 1990/91", intitulado "Contabilidade". A prestação de contas desse ano incluía todas as "peças" justificativas (recibos), sumariamente explicadas, com uma preocupação de necessária transparência e exaustividade neste género de documentos. Comecemos por apresentar a síntese dessa contabilidade.

RUBRICAS	**DESPESAS**	**ENTRADAS**
Gratificações Professores – Ensino Noturno	29.740.000	---
Gratificações Professores – Ensino Diurno	27.617.000	30.996.790
Serviço de SECRETARIA	3.095.000	---
Serviço de EXAMES	1.472.000	1.392.000
Gestão/Manutenção: luz, aquecimento, lixo.	9.953.465	---
Limpeza (material: 212.590; pessoal: restante)	7.195.230	---
Equipamento/instalações	255.700	---
Telefone público	936.450	948.400
Telefone exclusivo da EPER (até 17.06.91)	831.250	---
Chancelaria	350.500	---
Correio	109.450	---
Fotocópias 14 página Boletim n°17	144.500	---
Fotocópias: balanço global	157.500	1.220.000
Material didático (Videogravador...)	1.148.010	---
Ação de Formação para Professores	1.538.850	---
XX ANIVERSÁRIO: manifestações várias	2.035.330	---
Festas/celebrações na EPER	440.170	---
Reuniões do Comité Centro (bebidas)	112.010	---
Despedida do Cônsul Dr. Pessanha Viegas	435.500	---
Livraria	**7.232.990**	**6.445.050**
Inscrições	**---**	**7.000. 000**
Propinas Trimestrais	**---**	**23.325.000**
Subsídio da Caritas Diocesana (Roma)	**---**	**30.000.000**
Total das Entradas/Saídas:	**94.800.905**	**101.070.450**
Saldo da EPER no Ano 1990/91:		**6.269.545**

Repare-se que o total das entradas registado (101.070.450) não corresponde objetivamente aos valores indicados na coluna (101.327.240), mas é esse o total que aparece na folha oficial da contabilidade: essa diferença (+256.790 liras) poderá não constituir erro de cálculo, mas antes alteração ou «deslize» na transcrição dos respetivos montantes – haveria que fazer constar um «arredondamento» ou, mais apropriadamente, uma rubrica de despesas «diversas».

Se nem tudo o que se faz se pode "quantificar" em termos monetários, aquilo que podia ser tornava-se imediatamente visível também sob este ponto de vista. O longo e circunstanciado relatório (apresentado como «breve») elaborado no final do ano, analisava pormenorizadamente as diversas alíneas do balanço das despesas, que a seguir se apresenta, reproduzindo-o à letra, apenas transpondo para o passado as referências temporais.

CONTABILIDADE DE 1990/91 – BREVE RELATÓRIO

As maiores despesas do ano letivo 1990/91 incidiram, como sempre, nos subsídios de lecionação aos professores: na ordem dos trinta milhões, quer para o conjunto dos professores dos cursos do ensino noturno para adultos, quer para os que garantiram o ensino diurno infantil. Paralelamente, o conjunto das **inscrições** e das **propinas trimestrais**, respetivamente sete milhões exatos e pouco mais de 23 milhões de liras, "cobriram" as gratificações do ensino noturno. Do mesmo modo, a Embaixada de Angola custeou todas as despesas da lecionação das

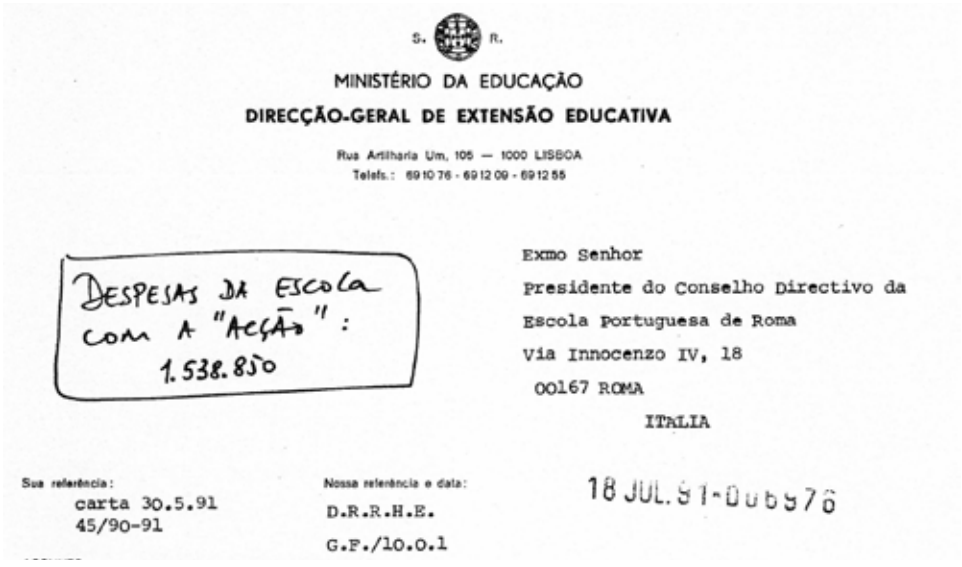
quase vinte crianças do ensino diurno, tendo em conta que expressamente para elas tal serviço fora criado e se organizara. A ligeira diferença de saldo positivo deve ser minimizada, visto que não foram suficientemente calculados os contributos referentes às despesas de manutenção e gestão do Centro que essa parte de atividade acarretaria.

De facto, logo depois, vinham as despesas de **gestão das instalações** que a Escola ocupava no Centro Caritas: dez milhões de liras só para luz, aquecimento, água e recolha do lixo. Separadamente, havia a considerar mais de sete milhões de liras para **limpeza** da Escola, uma verba que se juntava à da rubrica anterior, totalizando mais de 17 milhões de liras exclusivamente para despesas com as instalações, não obstante a política de "austeridade" e "poupança" que caracterizava toda a gestão da Escola. De registar o serviço de acolhimento e receção dos alunos, que era garantido graciosamente pelas Irmãs.

As saídas (despesas) "tradicionais" mantiveram-se sensivelmente idênticas às dos anos anteriores, podendo-se considerar "baixas": 350.000 liras para **chancelaria** (giz, livros de sumários [cadernetas/registos] para os professores, livros de recibos); pouco mais de 100.000 liras para despesas de correio; 255.000 liras para equipamento (material para manutenção – avarias, estragos vários...).

Merecem ainda uma referência especial as despesas para **material didático**, mais de um milhão de liras, devido à necessidade de comprar um novo videogravador e à aquisição de uma série de mapas para a disciplina de Historia. Finalmente, a Escola participou com 1.538.850 liras na "Ação de Formação" realizada no início do ano (outubro de 1990), para a qual a Direção-Geral de Extensão Educativa despendeu cerca de 5 milhões de liras.[6]

Tendo esse sido um ano "comemorado" com manifestações e iniciativas de um certo relevo, tratando-se do XX Aniversário da Escola, há que fazer uma referência específica à efeméride: gastaram-se 2.000.000 de liras, sendo a maior parte dessa verba destinada às duas Exposições Fotográficas – realizadas na sede da Escola. Não se conserva registo nem memória de a EPER ter oficialmente participado em outras iniciativas em que teria tido interesse e vantagem em participar, embora a sua existência possa ter sido mencionada na Exposição das "Comunidades Portuguesas", organizada em Lisboa, em junho desse ano.



S. R.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

DIRECÇÃO-GERAL DE EXTENSÃO EDUCATIVA

Rua Artilharia Um, 105 — 1000 LISBOA
Telefs.: 69 10 76 - 69 12 09 - 69 12 55

DESPESAS DA ESCOLA COM A "ACÇÃO": 1.538.850

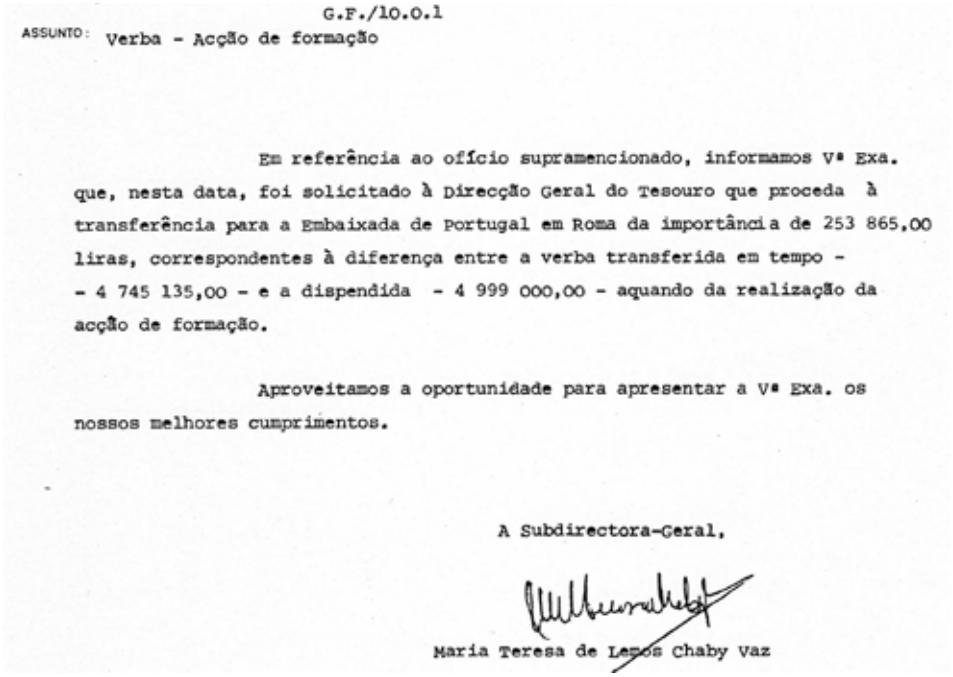
Exmo Senhor
Presidente do Conselho Directivo da
Escola Portuguesa de Roma
Via Innocenzo IV, 18
00167 ROMA
ITALIA

Sua referência: carta 30.5.91 45/90-91

Nossa referência e data: D.R.R.H.E. G.F./10.0.1

18 JUL. 91-0065 76

6 – Em 18 de julho de 1991, a subdiretora-geral da DGEE, Maria Teresa de Lemos Chaby Vaz, transmitia esta informação à EPER, fazendo referência ao ofício 45/90-91 (não se conserva na documentação, mas infere-se que solicitava a integração da diferença das despesas enfrentadas na referida ação de formação: *Em referência ao ofício supramencionado, informamos Vª Exa. que, nesta data, foi solicitado à Direção Geral do Tesouro que proceda à transferência para a Embaixada de Portugal em Roma da importância de 253 865,00 liras, correspondentes à diferença entre a verba transferida em tempo – 4.745.135,00 – e a despendida – 4.999.000,00 – aquando da realização da ação de formação.* Mas o documento inclui, aposta à mão, a anotação: "Despesas da Escola com a Ação: 1.538.850, deixando a entender que essa diferença em relação ao financiamento foi assumida como "óbvia" ou, afinal, necessária, pela Escola. Na contabilidade, não consta, como entrada, a contribuição do Ministério para esse "investimento" em recursos humanos.



G.F./10.0.1

ASSUNTO: Verba - Acção de formação

Em referência ao ofício supramencionado, informamos Vª Exa. que, nesta data, foi solicitado à Direcção Geral do Tesouro que proceda à transferência para a Embaixada de Portugal em Roma da importância de 253 865,00 liras, correspondentes à diferença entre a verba transferida em tempo - - 4 745 135,00 - e a dispendida - 4 999 000,00 - aquando da realização da acção de formação.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a Vª Exa. os nossos melhores cumprimentos.

A Subdirectora-Geral,

Maria Teresa de Lemos Chaby Vaz

Gastou-se ainda quase meio milhão de liras nas tradicionais FESTAS organizadas, em benefício da solidariedade e socialização no âmbito da Escola e da "Comunidade" que a ela fazia referência. A despedida do Cônsul Dr. José Manuel Pessanha Viegas ficou devidamente registada: um quadro de Guttuso, flores e um jantar custaram, ao todo, 435.500 liras (cada um dos 18 professores que participaram pagou a própria *piccola dolorosa*). Ainda pelo que diz respeito à preocupação de ter e mostrar delicadeza e sensibilidade, bem como gratidão para com hóspedes e pessoas amigas, do levantamento pontual das saídas do "cofre" há a registar 112.000 liras para "doces e bebidas", que assinalaram sobretudo as reuniões mensais do Comité de Gestão do Centro: amabilidades de anfitrião!

A Escola tinha ao seu cuidado o pagamento das faturas do telefone público do Centro, do qual era titular [número fácil de recordar...: 3070620]: havia um ligeiro ativo no saldo das entradas-saídas (11.000 liras). Pelo contrário, registava-se um aumento vistoso no uso do telefone exclusivo da Escola – 831.500 liras, até junho. Se, por um lado, este dado documenta o crescimento da atividade e relacionamento público da Escola, por outro, sugeria a necessidade de restringir ao essencial o seu emprego, especialmente nas horas em que o contador galopava mais desabridamente, ou seja, de manhã.

As fotocópias eram outro capítulo "em evolução", tendo-se tornado cada vez mais um instrumento indispensável de trabalho numa Escola – longe iam os tempos do papel químico e, sobretudo, por razões organizativas, diminuíra a contribuição da Rádio Vaticano neste capítulo de despesas. Mesmo com a "política" de fazer "alla chetichella"[7] as fotocópias "programáveis",

7 – Seja aqui revelado o significado da expressão (às escondidas) e confessada a "colaboração" que fez da Rádio Vaticano uma grande benfeitora da EPER, pois uma parte significativa das fotocópias nela utilizadas (incluindo a cópia dos documentos de arquivo aqui utilizados, que permitiu a sua conservação até hoje) saíram de duas fotocopiadoras gigantescas (Xerox) que funcionavam quase ininterruptamente para fornecer atempadamente a todos os serviços e às 40 "unidades de produção" (Programas ou secções linguísticas) da emissora da Santa Sé a documentação (milhares e milhares de fotocópias, até à informatização dos serviços, por volta de 1995, e tendo por lema: *subito è già troppo tardi*): uma parcela desse torrente de informação destinada à EPER constituía no conjunto uma *bazzecola* insignificante e foi uma preciosa colaboração prestada à EPER, com a anuência, implícita, dos responsáveis e diretores, e alteram o significado da expressão: de facto, tudo se fez "às claras", nunca sendo necessário "sonegar" esse material, sobre o qual vigiavam, atentos e complacentes, os *contínuos* responsáveis pelo serviço de distribuição. Dessa forma, esse foi mais um contributo dado pela Companhia de Jesus à Escola através da instituição da Santa Sé que lhe fora confiada desde a sua fundação – a Rádio Vaticano; o outro contributo, mais direto e precioso, foi o compromisso de trabalho regular de muitos dos seus membros, como professores das mais diversas disciplinas e, especialmente, na direção, ao longo de todos os anos da sua existência, tendo sido eles a "colonna portante" da EPER, desde o início, para não falar do outro «contributo» que a emissora da Santa Sé deu à EPER, através de alguns dos seus jornalistas que foram ótimos professores (Laura De Luca, Giuliano Montelatici, Giovanni

e concretamente o material de apoio didático distribuído aos alunos – que fez registar uma entrada de 1.220.000 liras! –, sem contar as restantes fotocópias de exercícios e documentos arquivados, gastaram-se mais de 150.000 liras em fotocópias que, por urgência ou comodidade prática, foram "tiradas" na loja mais próxima. Por sua vez, o serviço – ou melhor, o "self-service" de merendas e bebidas –, mesmo na desorganização e falta de controle que o caracterizaram, parece ter registado um ativo considerável (350.000 liras).

O défice de LIVRARIA (7.230.000 liras de pagamentos às Casas Editoras, face aos 6.400.000 liras de entradas da venda dos livros aos alunos) deve-se considerar provisório, e a ser transferido para o orçamento e balanço do ano seguinte: o valor dos livros existentes, a serem vendidos, deveria compensar o montante das cerca de 700.000 liras de diferença.

Finalmente, os alunos pagaram em propinas de inscrição para os exames 1.392.000 liras que, por oportuna decisão do Consulado, sempre reverteram em favor da Escola, como contributo para o SERVIÇO DE EXAMES, que foi sempre por ela organizado; aos professores envolvidos nesse serviço, a Escola entregou gratificações no montante de 1.472.000 liras, o que perfazia um défice de aproximadamente 80.000 liras.

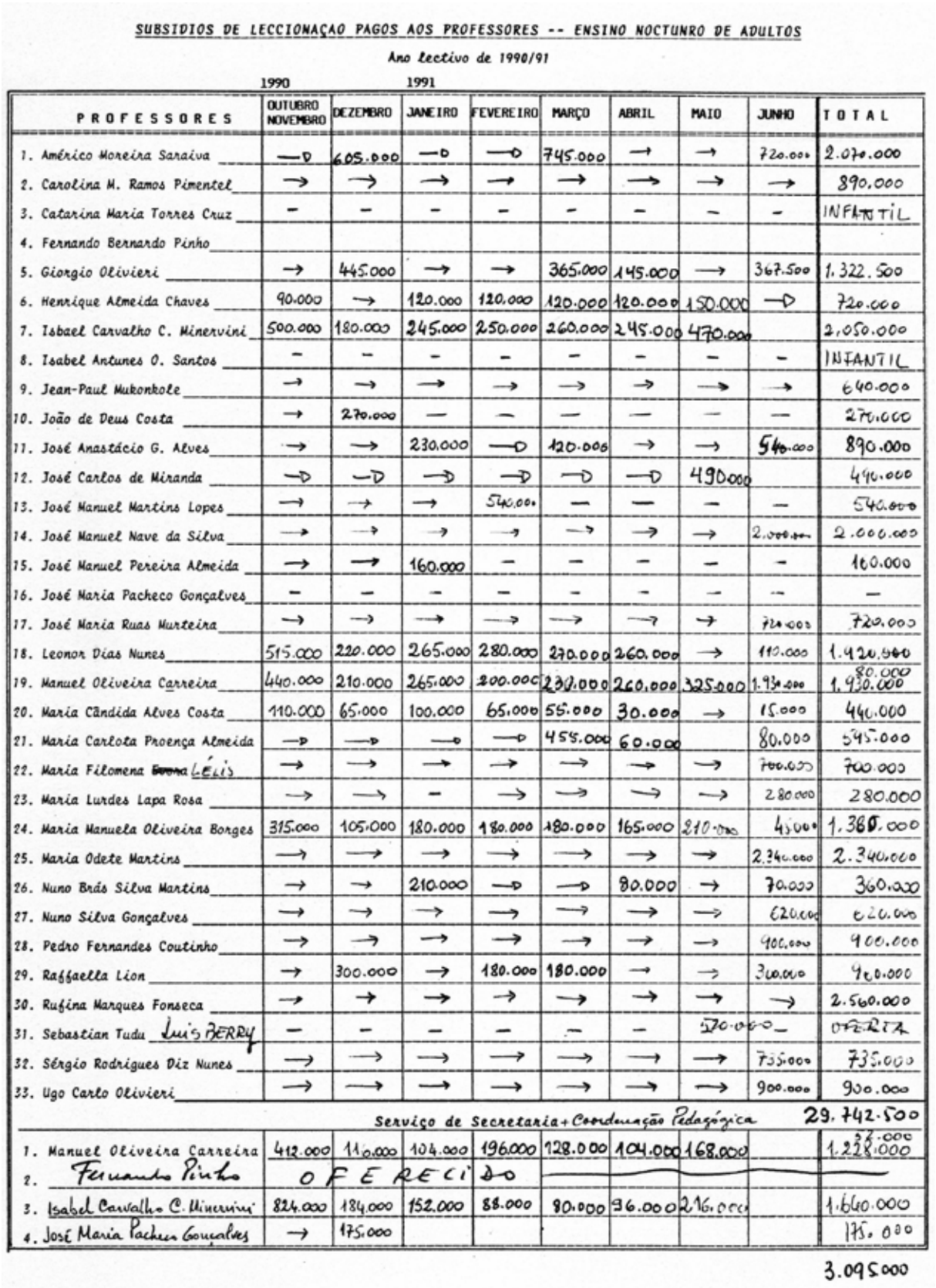
Com pesar, registava-se a não-atribuição do tradicional subsídio da Direcção-Geral, sem outra explicação senão a também habitual "falta de verba"... Sabendo embora que a justificação aduzida tinha fundamento na realidade, era de estranhar esse corte – concluía o relatório – "*precisamente quando todos se uniram ao coro de louvor à EPER no seu XX aniversário de atividade, pelo trabalho insubstituível, e único, que vem realizando em Roma*".

Jantar na Via Bernezzo, em casa do Autor destas linhas, preparado por MGSF, para alguns professores e Amigos da Escola (16.02.1991). Acima, à esq., Carlos Costa (bem acompanhado), Luís Fernandes Medeiros Rodrigues, Nuno Brás, António Cartageno. À direita, Paulo Salerno (Rádio Vaticano) e José Manuel Pereira de Almeida. Ao lado, à esq., noutra ocasião, este professor com dois dos seus alunos, assinalando com um encontro de pingue-pongue o final do curso extracurricular de Português de 1990.

Júri e custos do serviço de exames 1990/91

Fazem parte integrante do Relatório de contas do ano de 1990/91 a contabilidade relativa ao serviço de exames, incluindo o mapa com a constituição dos júris: são também peças fundamentais da contabilidade apresentada e um exemplo do rigor com que funcionava então a Escola. Reproduzimo-lo na versão que se conserva, elaborada à mão...

Bosca são apenas alguns exemplos).



SUBSIDIOS DE LECCIONAÇAO PAGOS AOS PROFESSORES -- ENSINO NOCTUNRO DE ADULTOS

Ano lectivo de 1990/91

PROFESSORES	1990 OUTUBRO NOVEMBRO	1990 DEZEMBRO	1991 JANEIRO	1991 FEVEREIRO	1991 MARÇO	1991 ABRIL	1991 MAIO	1991 JUNHO	TOTAL
1. Américo Moreira Saraiva	→	605.000	→	→	745.000	→	→	720.000	2.070.000
2. Carolina M. Ramos Pimentel	→	→	→	→	→	→	→	→	890.000
3. Catarina Maria Torres Cruz	-	-	-	-	-	-	-	-	INFANTIL
4. Fernando Bernardo Pinho									
5. Giorgio Olivieri	→	445.000	→	→	365.000	145.000	→	367.500	1.322.500
6. Henrique Almeida Chaves	90.000	→	120.000	120.000	120.000	120.000	150.000	→	720.000
7. Isbael Carvalho C. Minervini	500.000	180.000	245.000	250.000	260.000	245.000	470.000		2.050.000
8. Isabel Antunes O. Santos	-	-	-	-	-	-	-	-	INFANTIL
9. Jean-Paul Mukonkole	→	→	→	→	→	→	→	→	640.000
10. João de Deus Costa	→	270.000	—	—	—	—	—	—	270.000
11. José Anastácio G. Alves	→	→	230.000	→	120.000	→	→	540.000	890.000
12. José Carlos de Miranda	→	→	→	→	→	→	490.000		490.000
13. José Manuel Martins Lopes	→	→	→	540.000	—	—	—	—	540.000
14. José Manuel Nave da Silva	→	→	→	→	→	→	→	2.000.000	2.000.000
15. José Manuel Pereira Almeida	→	→	160.000	—	—	—	—	—	160.000
16. José Maria Pacheco Gonçalves	-	-	-	-	-	-	-	-	-
17. José Maria Ruas Murteira	→	→	→	→	→	→	→	720.000	720.000
18. Leonor Dias Nunes	515.000	220.000	265.000	280.000	270.000	260.000	→	110.000	1.420.960
19. Manuel Oliveira Carreira	440.000	210.000	265.000	200.000	230.000	260.000	325.000	1.930.000	1.930.000 80.000
20. Maria Cândida Alves Costa	110.000	65.000	100.000	65.000	55.000	30.000	→	15.000	440.000
21. Maria Carlota Proença Almeida	→	→	→	→	455.000	60.000		80.000	595.000
22. Maria Filomena ~~Sousa~~ LÉLIS	→	→	→	→	→	→	→	700.000	700.000
23. Maria Lurdes Lapa Rosa	→	→	-	→	→	→	→	280.000	280.000
24. Maria Manuela Oliveira Borges	315.000	105.000	180.000	180.000	180.000	165.000	210.000	45.000	1.380.000
25. Maria Odete Martins	→	→	→	→	→	→	→	2.340.000	2.340.000
26. Nuno Brás Silva Martins	→	→	210.000	→	→	80.000	→	70.000	360.000
27. Nuno Silva Gonçalves	→	→	→	→	→	→	→	620.000	620.000
28. Pedro Fernandes Coutinho	→	→	→	→	→	→	→	900.000	900.000
29. Raffaella Lion	→	300.000	→	180.000	180.000	→	→	360.000	960.000
30. Rufina Marques Fonseca	→	→	→	→	→	→	→	→	2.560.000
31. Sebastian Tudu Luis BERRY	-	-	-	-	-	-	570.000		OFERTA
32. Sérgio Rodrigues Diz Nunes	→	→	→	→	→	→	→	735.000	735.000
33. Ugo Carlo Olivieri	→	→	→	→	→	→	→	900.000	900.000
Serviço de Secretaria + Coordenação Pedagógica									29.742.500
1. Manuel Oliveira Carreira	412.000	116.000	104.000	196.000	128.000	104.000	168.000		1.228.000 36.000
2. Fernando Pinho	OFERECIDO								
3. Isabel Carvalho C. Minervini	824.000	184.000	152.000	88.000	80.000	96.000	216.000		1.640.000
4. José Maria Pacheco Gonçalves	→	175.000							175.000
									3.095000

Note-se que o total de 29.742.500 liras não se refere ao «serviço de Secretaria – Coordenação Pedagógica», que é título para as últimas quatro linhas da tabela, mas aos *subsídios de lecionação,* que perfazem esse montante nas linhas acima.

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA
Via Innocenzo IV, 18 — 00167 ROMA
Tel. 30.70.620

ANO LECTIVO 1990/91

CONTABILIDADE DO ENSINO BÁSICO NORMAL INFANTIL DIURNO (1-5º anos)

	MESES	PROFESSORES						"FACTURAS" EMITIDAS		"ENTRADAS"		TOTAL
		ISABEL MINERVINI	ISABEL SANTOS	LEONOR D.NUNES	MANUEL CARREIRA	CÂNDIDA ALVES	CATARINA CRUZ	EMBAIXADA ANGOLA	TANYA ALESSANDRO BERNARDETE	EMBAIXADA ANGOLA	TANYA ALESSANDRO BERNARDETE	
90	OUT	512.000	670.000	670.000	640.000	110.000	20.000	3.353.800	—	3.353.800	—	3.353.800
	NOV	672.000	960.000	960.000	990.000	160.000	80.000	4.085.540	—	4.085.540	—	4.085.540
	DEZ	480.000	720.000	720.000	720.000	280.000	40.000	3.304.050	—	3.304.050	—	3.304.050
91	JAN	672.000	860.000	900.000	680.000	495.000	—	3.907.200	—	3.907.200	—	3.907.200
	FEV	512.000	750.000	850.000	630.000	290.000	—	3.345.000	—	3.345.000	—	3.345.000
	MARÇO	608.000	900.000	940.000	600.000	225.000	—	3.536.000	(272.000) 125.000	3.536.000	272.000 125.000	
	ABRIL	640.000	790.000	995.000	780.000	380.000	—	3.995.000	(235.000) 125.000 125.000	3.995.000	235.000 125.000	
	MAIO	736.000	720.000	1.150.000	1.000.000	220.000	—	3.903.200	(229.600) 125.000 125.000	3.903.200	229.600 125.000	
	JUNHO	160.000	200.000	250.000	240.000	40.000	—	912.000	57.000 =	912.000	—	
	JULHO	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
	TOTAL	4.992.000	6.570.000	7.435.000	6.280.000	2.200.000	140.000	30.341.790	625.000			

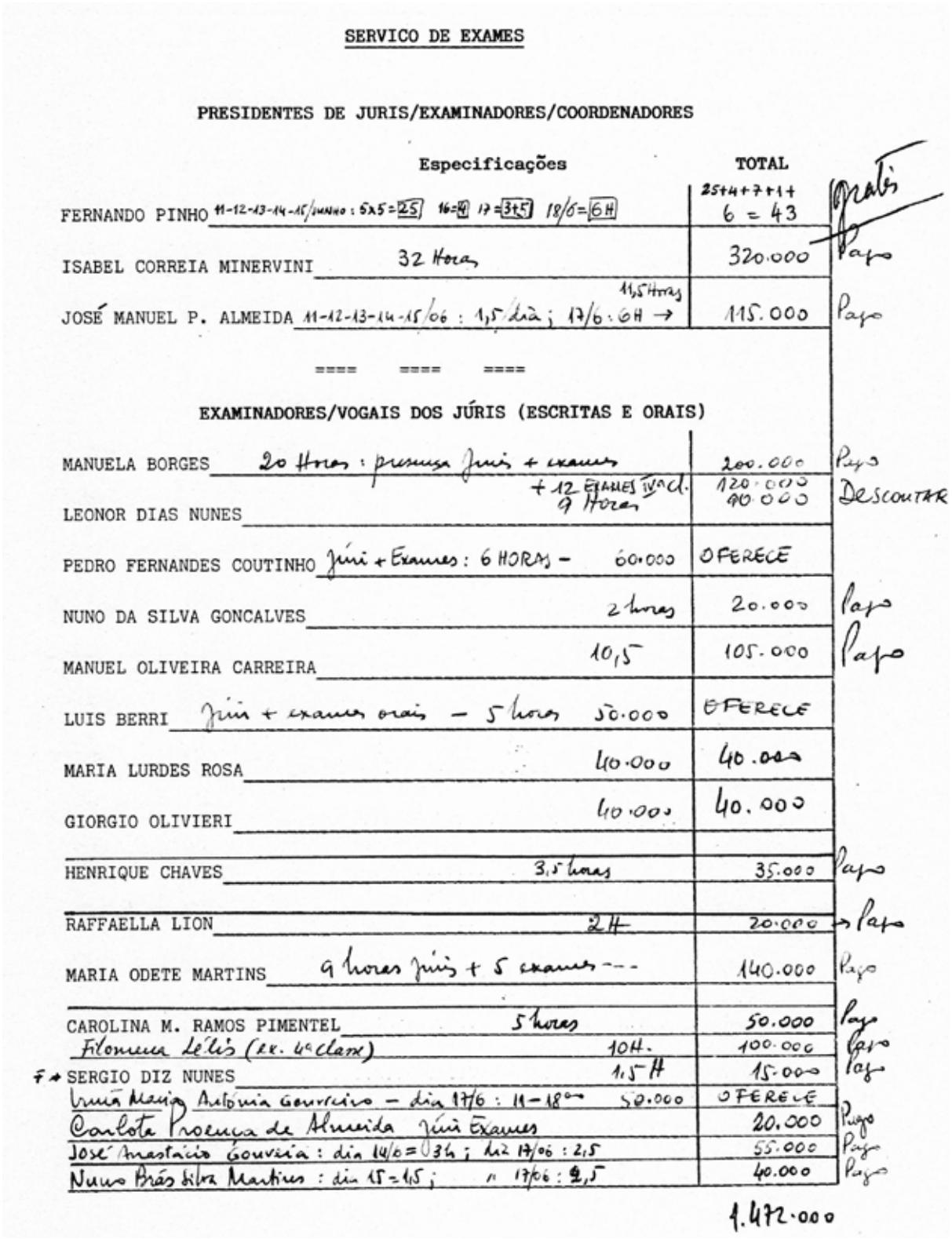
27.617.000 — 30.966.790

OBSERVAÇÕES

O Activo final pode-se considerar 30.966.790 − 27.617.000 = 3.349.790 suficiente para as despesas de manutenção e limpeza da Escola, durante o período de funcionamento das aulas.

Roma, 15 de Junho de 1991.

A DIRECÇÃO



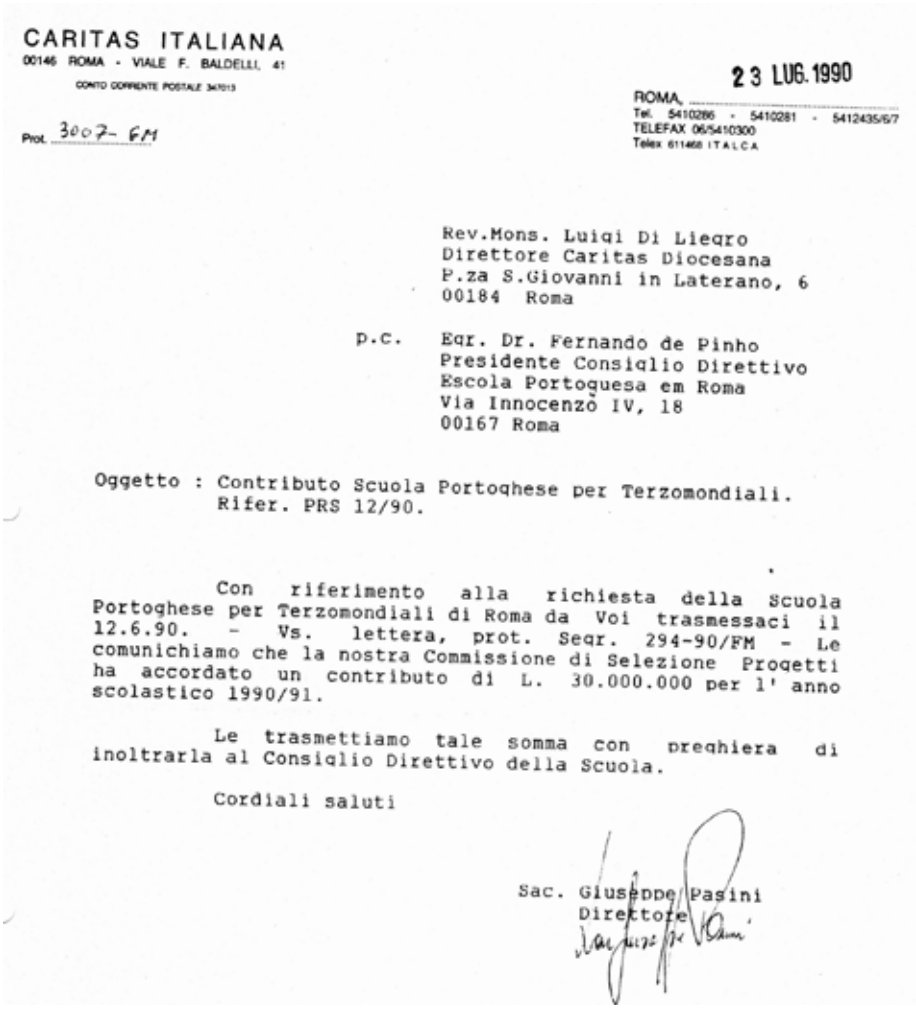
SERVICO DE EXAMES

PRESIDENTES DE JURIS/EXAMINADORES/COORDENADORES

	Especificações	TOTAL	
FERNANDO PINHO	11-12-13-14-15/JUNHO: 5x5=25 16=4 17=3+5 18/6=6H	25+4+7+1+6 = 43	Grátis
ISABEL CORREIA MINERVINI	32 Horas	320.000	Paga
JOSÉ MANUEL P. ALMEIDA	11-12-13-14-15/06: 1,5 dia; 17/6: 6H → 11,5 Horas	115.000	Paga
	==== ==== ====		
EXAMINADORES/VOGAIS DOS JÚRIS (ESCRITAS E ORAIS)			
MANUELA BORGES	20 Horas: presença Juri + exames	200.000	Paga
LEONOR DIAS NUNES	+ 12 EXAMES IV ANO. 9 Horas	120.000 90.000	DESCONTAR
PEDRO FERNANDES COUTINHO	Júri + Exames: 6 HORAS - 60.000	OFERECE	
NUNO DA SILVA GONCALVES	2 horas	20.000	Paga
MANUEL OLIVEIRA CARREIRA	10,5	105.000	Paga
LUIS BERRI	Júri + exames orais - 5 horas 50.000	OFERECE	
MARIA LURDES ROSA	40.000	40.000	
GIORGIO OLIVIERI	40.000	40.000	
HENRIQUE CHAVES	3,5 horas	35.000	Paga
RAFFAELLA LION	2H	20.000	Paga
MARIA ODETE MARTINS	9 horas júri + 5 exames ---	140.000	Paga
CAROLINA M. RAMOS PIMENTEL	5 horas	50.000	Paga
Filomena Lélis (ex. 4ª class)	10H.	100.000	Paga
SERGIO DIZ NUNES	1,5 H	15.000	Paga
Irmã Maria Antónia Gouveia - dia 17/6: 11-18ª	50.000	OFERECE	
Carlota Proença de Almeida	Júri Exames	20.000	Pago
José Anastácio Gouveia: dia 14/6=3h; dia 17/06: 2,5		55.000	Pago
Nuno Brás Silva Martins: dia 15=1,5; " 17/06: 2,5		40.000	Pago
		1.472.000	

Caritas Diocesana de Roma

Em 23 de julho, Mons. Luigi Di Liegro, Diretor da Caritas Diocesana ao qual a Escola já devia o acolhimento nas instalações do seu "Centro internacional", enviava à Escola a boa notícia de um contributo extraordinário para o seu "projeto educativo". Tratava-se do avultado montante de **trinta milhões** de liras, abrangendo portanto quase um terço do total das despesas desse ano. A carta, reproduzida em miniatura, especificava: "*Con riferimento alla richiesta della Scuola Portoghese per Terzomondiali di Roma da Voi trasmessaci il 12.6.90. - Vs. lettera, prot. Seqr. 294-90/FM - Le comunichiamo che la nostra Commissione di Selezione Progetti ha accordato un contributo di L. 30.000.000 per l' anno scolastico 1990/91.*"



CARITAS ITALIANA
00146 ROMA - VIALE F. BALDELLI, 41
CONTO CORRENTE POSTALE 347013

Prot. 3007- 6M

ROMA, 23 LUG. 1990
Tel. 5410286 - 5410281 - 5412435/6/7
TELEFAX 06/5410300
Telex 611468 ITALCA

Rev.Mons. Luigi Di Liegro
Direttore Caritas Diocesana
P.za S.Giovanni in Laterano, 6
00184 Roma

p.c. Egr. Dr. Fernando de Pinho
Presidente Consiglio Direttivo
Escola Portoguesa em Roma
Via Innocenzo IV, 18
00167 Roma

Oggetto : Contributo Scuola Portoghese per Terzomondiali.
Rifer. PRS 12/90.

Con riferimento alla richiesta della Scuola Portoghese per Terzomondiali di Roma da Voi trasmessaci il 12.6.90. - Vs. lettera, prot. Segr. 294-90/FM - Le comunichiamo che la nostra Commissione di Selezione Progetti ha accordato un contributo di L. 30.000.000 per l' anno scolastico 1990/91.

Le trasmettiamo tale somma con preghiera di inoltrarla al Consiglio Direttivo della Scuola.

Cordiali saluti

Sac. Giuseppe Pasini
Direttore

Novo conselho diretivo – novo estilo de liderança

Na reunião de final de ano, a maior das novidades, num clima de outras novidades que se vislumbravam para a Escola, foi a substituição da Direção que tinha até então "liderado" a Escola, sentindo e vivendo o espírito de voluntariado com que nascera e se afirmara. Respirava-se uma nova atmosfera, em paralelo com o objetivo de servir a comunidade imigrante de língua portuguesa, com a sua cultura própria e confinada na condição "humilde" de trabalho no serviço doméstico, como "colaboradoras familiares", emergiam outras preocupações ligadas às legítimas aspirações das novas responsáveis que iriam necessariamente condicionar a forma de a conduzir. Os novos valores, elevados, das despesas e subsídios refletiam também a novidade.

O novo conselho diretivo que teria a seu cargo a organização do ano letivo de 1991/92 e a responsabilidade de gerir a EPER nos anos seguintes era constituído pelos seguintes elementos

Presidente:	Prof.ª Isabel Minervini.
Vice-presidente:	Prof.ª Manuela Borges.
Vogais:	Prof.ª Cândida,
	Prof. Giorgio Olivieri,
	Prof. Manuel Oliveira e
	Prof. Nuno Brás.

O Boletim rematava a notícia com este auspício: *Agradecendo ao anterior Conselho o seu serviço, a Escola deseja aos novos um "in bocca al luppo",comprometendo-nos desde já, todos, a aliviar-lhes as árduas tarefas que os esperam. Felicidades!*

*** *** ***

Preocupações do novo ministro da Educação de Cabo Verde

EDUCAÇÃO

Ministro da Educação de Cabo Verde em entrevista ao PÚBLICO

"A nossa prioridade é o ensino básico"

Duas fotocópias da edição de 6 de maio de 1981 do jornal *Público* levaram aos professores da Escola notícias sobre Cabo Verde e sobre o (então, novo) Acordo Ortográfico, adotado em 1990. Numa longa entrevista, o Ministro da Educação falava da situação e das carências/necessidades vividas no seu país no âmbito da Educação. Manuel Faustino, um psiquiatra de 43 anos, ministro desde março desse ano, encontrava-se em Portugal, para participar na Semana da Cooperação, realizada no Instituto Superior, e considerava como principal problema de política de educação no seu país o divórcio existente entre a sociedade e o Ministério que dirigia. Mas além dessa questão política, muitos outros problemas se perfilavam, tais como a ampliação do ensino básico, a formação profissional, a reforma do ensino, a introdução do ensino superior, as bolsas de estudo para o estrangeiro. [Artigo completo: «Entrevista ME CV - Publico-6maio91»].

6maio91

A vexata quaestio do uniformizar a escrita da língua

CULTURA

Victor Aguiar e Silva em entrevista ao PÚBLICO

"Uma política da língua não se constrói por vias autoritárias"

O outro tema de debate partilhado entre os professores, por delicadeza e cuidado do prof. José Maria Pacheco Gonçalves, sempre atento a questões e problemas culturais relativos a Portugal, tinha a ver com resistências ao acordo ortográfico, que tiveram na demissão do secretário de estado Victor Aguiar e Silva um dos seus momentos mais polémicos: mas não terá sido o "desacordo" com esse "Acordo" que levou à sua saída da CNALP[8] quando Santana Lopes era o Secretário de Estado da Cultura, do governo de Aníbal Cavaco Silva (o primeiro monopartidário com apoio parlamentar maioritário desde o 25 de abril de 1974 e o primeiro a completar a duração correspondente a uma legislatura inteira). Sobre este tema, pomo de discórdia e, por isso mesmo, de "perene" atualidade, lia-se, entre outras coisas [Artigo completo: «Des-AcordoOrtografico1990 - Publico-6maio91»] na página 29 do jornal Público:

8 – Vítor Manuel Pires de Aguiar e Silva (15.9.1939[1]), professor, escritor e poeta português. Formado na Universidade de Coimbra (Letras–Filologia Românica). Doutor em Literatura Portuguesa, assumiu a cadeira de professor na Faculdade de Letras da mesma universidade em 1979, sendo transferido para a Universidade do Minho, em 1989, onde ocupou o cargo de vice-reitor durante 12 anos. Participou da proposta de criação do Instituto Camões, foi coordenador do grupo de trabalho e da Comissão Nacional de Língua Portuguesa (CNALP), tendo ainda sido membro do Conselho Nacional de Cultura. Assinou a Petição em Defesa da Língua Portuguesa Contra o Acordo Ortográfico. Em 2007, recebeu o prémio "Vida Literária" da Associação Portuguesa de Escritores. [Fonte, consultada em 29jan2018: https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%ADtor_Manuel_Aguiar_e_Silva].

Apesar de considerar que não é a Santana Lopes que cabe a total responsabilidade sobre a orientação do processo do acordo ortográfico (Aguiar e Silva refere que foi noticiado que o primeiro-ministro deu luz verde, de Roma, por via telefónica, para a assinatura do acordo), sustenta que "o secretário de Estado da Cultura é o membro do Governo que direta e explicitamente tem tido a responsabilidade sobre esta questão. E tanto assim é que foi o secretário de Estado da Cultura que assinou o acordo ortográfico em nome do Governo português. Aliás, em entrevista dada recentemente ao "Expresso", o secretário de Estado afirma que passou muitas noites sem dormir a pensar se havia de assinar ou não o acordo ortográfico".

Por outro lado, Aguiar e Silva não considera correta a posição de Santana Lopes, que diz ter ouvido os linguistas membros da Academia das Ciências — os autores materiais do acor-

do —, a quem expressou a sua confiança. Sem pôr naturalmente em causa a competência daqueles linguistas, Aguiar e Silva considera que o acordo não é uma questão resolúvel apenas em termos científicos, porque, se assim fosse, mal se entenderia que os mesmos linguistas autores do projeto de acordo ortográfico de 86 fossem os mesmos do anteprojeto de 1988 e deste acordo ortográfico de 1990. "Se fosse uma questão científica, entender-se-ia mal que as soluções tivessem variado de 86 para 88 e para 90", diz.

O poder político neste domínio da política da língua "deve ser suficientemente prudente e cauteloso e não deve ser voluntarista", sustenta Aguiar e Silva, elogiando o primeiro-ministro francês, Michel Rocard, "que entendeu que por via autoritária não se pode construir uma política da língua". Era isso que se preparava para suceder em Portugal no dia 2 de maio. Para esse dia, tinha sido agendada uma sessão na Assembleia da República para ratificar o acordo ortográfico. "Tive a informação de que os deputados da oposição abandonariam o plenário no momento da votação", adianta. O acordo "seria, pois ratificado pelos deputados do PSD e, eventualmente, nem todos". Esta situação, refere Aguiar e Silva "era realmente lamentável". Foi precisamente nessa altura que decidiu apresentar a demissão. "Como Vasco Graça Moura, cheguei à conclusão de que, realmente, o Governo não prestava qualquer atenção ao que dizia a CNALP".

O comentador José Eduardo Agualusa entrava depois nos detalhes sobre a demissão de presidente da CNALP e, em caixa, sintetiza os motivos de um "Desacordo" que se alargava ao Brasil, escrevendo:

O ATUAL Acordo Ortográfico contém diversos erros, alguns dos quais de palmatória!", afirmou ontem Óscar Lopes, acusando os autores do documento de confundirem, por exemplo, grafemas com fonemas: "Se este texto for publicado assim, o que pensar acerca da competência com que foi negociado?" Óscar Lopes fez estas afirmações durante uma conferência de imprensa promovida pelo Movimento Contra o Acordo Ortográfico (MCAO), com o objetivo de anunciar a constituição de um movimento paritário luso-brasileiro. O professor brasileiro Adriano da Gama Kury, chefe do sector de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa, foi apresentado durante o encontro como o representante da oposição brasileira ao Acordo Ortográfico, tendo lido um texto onde explica as razões da sua posição. Na opinião de Gama Kury, o Acordo nem sequer pode corretamente ser chamado de unificação, pois "em numerosos casos persistem as formas duplas opcionais". O académico brasileiro chamou ainda a atenção para os "prejuízos que as alterações contidas no Acordo acarretarão, especialmente a editores e livreiros" e concluiu afirmando "que uma unificação ortográfica entre os países Luso falantes seria apenas teoricamente desejável; mas certas peculiaridades existentes em cada lado do Atlântico tornam-na inexequível".

Óscar Lopes, que integra a Comissão Nacional de Língua Portuguesa (CNALP) — instituição que recentemente divulgou o seu parecer, globalmente desfavorável, em relação ao Acordo — foi outro dos oradores, insistindo principalmente "na imprescindibilidade de uma discussão generalizada, primeiro em Portugal e depois no Brasil, Africa lusófona e Galiza". Óscar Lopes manifestou ainda a sua incompreensão relativamente a certos aspetos do Acordo, como o que prevê o uso, em toponímias estrangeiras, das letras K, W e Y: "Escrever Quanza com K e W é uma atitude altamente discutível, pois embora esta palavra tenha origem bantu, a grafia é inglesa. Vamos aceitar passivamente que no domínio linguístico português se passem a utilizar letras que não são nossas?".

No dia 8 de maio teve lugar na Assembleia da República um colóquio para discussão do Acordo Ortográfico, com a presença de diversas personalidades, entre as quais António Houaiss, que negociou o projeto pela parte brasileira.

Quanta «literatura", rios de tinta têm corrido – e, presumivelmente, continuarão a correr sobre um tema que, com o tempo, acabará no "binario morto" das questões de "lana caprina" - à espera de uma nova tentativa, mais bem sucedida, de uniformizar a grafia da língua – deixando-a porventura ao capricho - ou ao bom senso – dos seus falantes e escreventes... Não haverá talvez nos acérrimos defensores das consoantes mudas um pouco de teimosia, fanatismo e preguiça em aprender as formas de escrever propostas pelo famigerado Acordo?

Biblioteca de impressos próprios

Um verdadeiro catálogo de impressos próprios, adaptados a praticamente todas as tarefas burocráticas a cargo da Secretaria, torna o suplemento deste trabalho que os reúne [«impressos-89-90-91.pdf»] – 16 páginas: seria pedante e petulante reproduzi-los todos aqui, mesmo que em tamanho liliputiano – mais um documento precioso para descrever o estilo de trabalho e as funções desempenhadas pela direção da EPER, visto que as tarefas de Secretaria constituíam a primeira área de intervenção e ocupação do seu primeiro responsável. Alguns desses impressos tinham sido elaborados já no ano de 1989/90.

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

ANO LECTIVO DE 1990/91

SERVIÇOS DE SECRETARIA

REGISTO

Propinas trimestrais

Certificado

Fotocópias

Limpeza

Registo pontual da contabilidade

Telefone da Escola

Telefone público

Cursos de Línguas: contributos

Livros emprestados a Professores

Número documentos "oficiais"

Cartões de Estudante

Inscrições A.E.P.E.R.

ENTRADAS VÁRIAS

Além da elaboração de capas para encadernar livros de termos (nº 5, para o Ciclo Preparatório; nº 6, para o Curso Geral; nº 4, para o Curso Complementar), de cartazes destinados a servir de indicação logística das 8 salas de aula e da própria secretaria, verifica-se uma preocupação pela definição de critérios uniformes de atuação – e também de controlo – da atividade de cada interveniente na vida escolar: havia registos para a contabilidade dos cursos, discriminando a parte das receitas (contributos dos alnos) e das despesas (contributos pagos aos professores) em cada mês, para o pagamento das propinas trimestrais, para a requisição de livros por parte dos professores (indicando os nomes dos requisitantes, das obras solicitadas e as datas de levantamento e entrega), e também de modelos de folhas a serem utilizados nos testes. Um livro de ponto/Diário destinava-se a registar as comunicações e informações oficiais ocorridas nesse XX ano de atividade da Escola, especificadamente, informações, observações, recados e outros assuntos, a serem concretamente especificados. Um outro impresso – que suscita alguma perplexidade quanto ao conteúdo a que se destina – tinha por fim registar a hora de chegada do professor às aulas da disciplina/turma em que lecionava: uma «preocupação» que no historial da Escola era, no mínimo, anómala, pois nunca a seriedade e o profissionalismo dos professores, assim como o valor da responsabilidade e confiança recíprocas haviam sido postas em dúvida. A não ser que se tratasse de uma finalidade meramente estatística (mas o facto de a coluna para assinalar a "hora de chegada" aparecer evidenciada a negrito sugere outra leitura)...

REGISTO DE CONTABILIDADE PONTUAL
DESDE: 1982/83
ATE': 1989/90

ENSINO PRIMÁRIO DE ADULTOS
Alfabetização

ANO LECTIVO DE 1989/90
PROCESSO DE EXAMES

Ciclo Preparatório (C.Supletivos)
Ciclo Preparatório (Ensino Normal)
Curso Geral liceal nocturno
Curso Complementar nocturno
12º Ano de Escolaridade

INSCRIÇÕES
PAUTAS DE EXAME
ACTAS DE EXAME

Em concreto, eram mais de uma dúzia os «capítulos» para os quais se «legislou» nesse ano mediante a elaboração de instrumentos de registo/documentação/controlo adaptados à realidade da Escola, incluindo um novo boletim de inscrição, cujo conteúdo, porém, como não podia deixar de ser, era atualizado apenas no cabeçalho.

Tais registos abrangiam as seguintes áreas: propinas trimestrais; certificados; fotocópias;

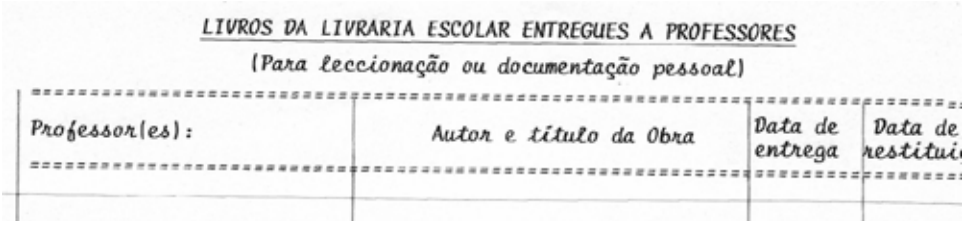
limpeza; registo pontual da contabilidade; telefone da Escola; telefone público; cursos de línguas: contributos; livros emprestados a professores; lista dos documentos "oficiais"; cartões de estudante; inscrições na AEPER e receitas várias.

Para os respetivos registos, ou livros», foram preparadas as capas, em cartolina colorida (gramagem elevada - 250 gr/m^2), para as quais se «criaram» os modelos, que se conservam e se podem ver, "impressos" (copiados), no referido dossiê. Apresentamos aqui alguns, e em miniatura (excepto o Boletim de Inscrição), como simples amostra dessa "papelada" :

CICLO PREPARATÓRIO
Cursos Supletivos
LIVRO DE TERMOS
N.5
ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

ANO LECTIVO DE 1990/91
XX DE ACTIVIDADE
LIVRO DE PONTO / DIÁRIO
Comunicações /Informações
ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

CURSO GERAL
LICEAL NOCTURNO
LIVRO DE TERMOS
N.6
ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA


LIVROS DA LIVRARIA ESCOLAR ENTREGUES A PROFESSORES
(Para leccionação ou documentação pessoal)

Professor(es):	Autor e título da Obra	Data de entrega	Data de restitui

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA
Via Innocenzo IV, 18
00167 ROMA/ITALIA

Ano lectivo de 1990/91

DATA | | | |

(A preencher a cargo da Secretaria)

DISCIPLINA LECCIONADA	CURSO/TURMA	HORÁRIO	HORA CHEGADA PROFESSOR	ASSIANTURA PROFESSOR
1.				
2.				

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA
00167 Roma (Italia) - Via Innocenzo IV, 18 - Tel. 6281621

Ano lectivo de 19__/__.

Roma, _____

EXERCÍCIO DE _____

Nome completo: _____

Curso/Nível: _____

CLASSIFICAÇÃO _____ ASSINATURA _____

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA
00167 Roma (Italia) - Via Innocenzo IV, 18 - Tel. 6281621

ANO LECTIVO DE 1990/91

CONTABILIDADE DO CURSO DE_____

MESES

Contributos pagos ao(s) Professor(es):

Contributos dos alunos:

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA
00167 Roma (Italia) - Via Innocenzo IV, 18 - Tel. 6281621

ANO LECTIVO DE 19__/__

	DARE	AVERE	SALDO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

DIRECÇÃO GERAL DE EXTENSÃO EDUCATIVA

ENSINO BÁSICO E SECUNDÁRIO PORTUGUÊS NO ESTRANGEIRO

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

00167 Roma (Italia) - Via Innocenzo IV, 18 - Tel. 6281621

Ano lectivo de 19___/___.

BOLETIM DE INSCRIÇÃO

Nome completo _____

Data de nascimento ___/___/19___. Lugar (Freg.) _____

Concelho _____ Nação _____ Nacional. _____

FILIAÇÃO: Pai _____

Mãe _____

Nº passaporte _____ Emitido em (Lugar) _____

Data ___/___/19___. Válido até ___/___/19___. Entrada em Itália ___/___/19___

"Soggiorno" por motivos de _____, **Estado civil** _____

ENDEREÇO _____, C.A.P. _____

Nome da Família onde trabalha _____ Telef. _____

pretende matricular-se nas seguintes disciplinas do

Classe/Ciclo/Curso/Ano _____

1		2		3		4	
5		6		7		8	

OBSERVAÇÕES (a transcrever na FILHA PESSOAL do ALUNO, munida de FOTOGRAFIA):

Pagou a quantia de _____liras, de que foi passado recibo.

Roma, ___ de _____ de 19___.

ASSINATURA DO ALUNO _____

O RESPONSÁVEL _____

Uma cassette

A «capa» para o conteúdo de duas audiocassetes destinada às aulas de Francês, no Curso Complementar – folhas internas e dorso – são um testemunho vivo do trabalho de lecionação realizado nessa disciplina, recorrendo a subsídios didáticos.

G. MAUGER

COURS DE LANGUE ET DE CIVILISATION FRANÇAISES
CASSETTE N. 1

A (25'26"):
Page 11: l'alphabet phonétique international
Pages 2,4,6,7,8,12,13,14,16,20,22

B (24'35")
Page 22: prononciation
Pages 24,28,30,31,32,34,42,44,46

G. MAUGER

COURS DE LANGUE ET DE CIVILISATION FRANÇAISES
CASSETTE N. 2

A (25'40")
Pages 48,50,56,58,60,62,64,66
Dialogues: pages 88 et 100

B (23'30")
Dialogues: pages 111,122,138,154,158,182
Chansons: pages 202,203

G. MAUGER

COURS DE LANGUE ET DE CIVILISATION FRANÇAISES
CASSETTE Nº 1

Ensino Primário Infantil – alunos e horários

Porque, de alguma forma, se coloca à margem daquele que foi o perfil original da EPER e da atividade de maior vulto e alcance, os 12 anos da escolaridade a partir daquele que é o hoje o segundo ciclo, refira-se no final deste capítulo não só os horários de aulas do ensino primário infantil, do 1º grupo e do ensino básico infantil (5.º e 6º anos), mas também os nomes dos 12 alunos que frequentavam em 1990/91 esses níveis de ensino. Os documentos conservados são os originais utilizados para as fotocópias publicadas na nos placares da Escola e, por «terem mais encanto», colam-se aqui.

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

00167 Roma (Italia) - Via Innocenzo IV, 18 - Tel. 3070620

ENSINO BÁSICO DIURNO INFANTIL

LISTA DOS ALUNOS

1º ano: Edivaldo Patrick Rodrigues Semedo da Silva
Juliana Andreia Rodrigues Neto Amado

2º ano: Tony José Francisco Kiala
Zenilton Joaquim Barros Bernardo
Manuel Bernardo Borges

3º ano: William Rodrigues Semedo da Silva
Vânia Cristina Sardinha Pacavira

4º ano: Armando Bukambo Dembo Kiala

##########

5º ano: Djamila Patrícia Rodrigues da Silva
Isabel Zanfuana Carneiro Kanga
Myriam Nayole Sardinha Pacavira
Rosa Solange Carneiro Kanga.

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

00167 Roma (Italia) - Via Innocenzo IV, 18 - Tel. 3070620

ANO LECTIVO DE 1990/91

ENSINO PRIMÁRIO INFANTIL - aulas de manhã: 1º GRUPO: 1º+4º ANOS (2+1=3 ALUNOS)

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9.00	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	MATEMÁTICA	EDUCAÇÃO FÍSICA
10.00	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	RELIGIÃO E MORAL	MATEMÁTICA	PORTUGUÊS
10.50 – 11.10	I n t e r v a l o				
11.10	MEIO FÍSICO	PORTUGUÊS	PORTUGUÊS	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA
12.00	MEIO FÍSICO	PORTUGUÊS	PORTUGUÊS	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA

ESCOLA PORTUGUESA EM ROMA

00167 Roma (Italia) - Via Innocenzo IV, 18 - Tel. 3070620

ANO LECTIVO DE 1990/91

ENSINO BASICO INFANTIL - 5º ANO DE ESCOLARIDADE
6º ANO DE ESCOLARIDADE

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9.00	CIÊNCIAS SOCIAIS HISTÓRIA	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	PORTUGUÊS	EDUCAÇÃO FÍSICA
10.00	CIÊNCIAS SOCIAIS	PORTUGUÊS	MATEMÁTICA	PORTUGUÊS	INGLÊS
10.50 – 11.10	I n t e r v a l o				
11.10	MATEMÁTICA	CIÊNCIAS NATURAIS	INGLÊS	CIÊNCIAS SOCIAIS HISTÓRIA	EDUCAÇÃO VISUAL
12.00	MATEMÁTICA	CIÊNCIAS NATURAIS	INGLÊS	CIÊNCIAS SOCIAIS HISTÓRIA	EDUCAÇÃO VISUAL

FIM DO CAPÍTULO X